

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA MÍDIA**

MARÍLLIA GRAZIELLA OLIVEIRA DA SILVA

**MÍDIA, COTIDIANO E IDENTIDADE:
O CASO DO CANAL 4, DE CURRAIS NOVOS (RN)**

**NATAL/RN
2017**

MARÍLLIA GRAZIELLA OLIVEIRA DA SILVA

MÍDIA, COTIDIANO E IDENTIDADE:
O CASO DO CANAL 4, DE CURRAIS NOVOS (RN)

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, área de concentração: Comunicação Midiática.

Linha de pesquisa: Estudos da Mídia e Práticas Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Érica de Oliveira Lima.

NATAL/RN
2017

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI

Catálogo de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – CCHLA

Silva, Marília Graziella Oliveira da.

Mídia, cotidiano e identidade : o caso do canal 4, de Currais
Novos (RN) / Marília Graziella Oliveira da Silva. - Natal, 2017.
144 f.: il.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do
Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de
Pós-Graduação em Estudos da Mídia, 2017.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Érica de Oliveira Lima.

1. Mídia local. 2. Cotidiano. 3. Identidade. 4. Sidy's TV a
Cabo. 5. Canal 4. I. Lima, Maria Érica de Oliveira. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 316.77

MARÍLLIA GRAZIELLA OLIVEIRA DA SILVA

MÍDIA, COTIDIANO E IDENTIDADE:
O CASO DO CANAL 4, DE CURRAIS NOVOS (RN)

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, área de concentração: Comunicação Midiática.

Dissertação _____ em ____/____/____.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Érica de Oliveira Lima
Presidente

Profa. Dra. Valquíria Aparecida Passos Kneipp
Examinadora interna – PPGEM/UFRN

Profa. Dra. Samantha Viana Castelo Branco Rocha Carvalho
Examinadora externa – PPGCOM/UFPI

Prof. Dr. Juciano de Souza Lacerda
Suplente – PPGEM/UFRN

À minha mãe, Jodalva de Oliveira, pela firmeza,
apoio e força que fizeram de mim uma mulher de
coragem.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, por possibilitar todos os maravilhosos e desafiantes momentos ao longo dos anos. Por ter me dado vida, saúde e vontade de caminhar sempre para frente, sempre adiante.

Agradeço a toda minha família, que é a minha base terrena. Aos meus pais, Jodalva de Oliveira e Djalma Félix, por terem me guiado nos primeiros passos e por nunca terem duvidado da minha capacidade de conquistar sonhos e desejos. À minha irmã, Milla Gabriella, por sempre estar ao meu lado e demonstrar o seu orgulho pelas minhas escolhas. Ao meu cunhado Aderlan, por ser um exemplo de fé e força. Aos meus sobrinhos, Mateus e Lucca, por me mostrarem um novo jeito de amar, cuidar e sentir saudade. Aos meus avós, em especial, à voinha, que sempre foi meu acalento, meu bálsamo, meu poço de carinho e esperança.

Ao meu namorado, João Luís, pela paciência infinita, pelos abraços de apoio, pelas palavras de incentivo e por me lembrar, todos os dias, do quanto sou especial e capaz. À tia Denise, tio Tuta, Bebel e Hugo, que me acolheram como membro da família.

Também agradeço aos amigos colecionados ao longo da vida. São tantos importantes, são tantos especiais. Aos sestras, Rodrigo, Mateus, Priscilla, Sarah, Camila, Gunther e Marcela. Às amigas de infância, Louise e Juliana. Ao ponto querido, Bárbara e Lucy. Aos amigos que conheci no mercado de comunicação, Lissa, Danielle, Patrícia, Isabelle e Yassmin. À Jeanny Damas, que me acolheu em assessoria de imprensa. Aos amigos da turma de Mestrado do PPGEM, em especial, à Renata e à Deyse, que se tornaram grandes companheiras e aliadas neste processo. E a tantos outros amigos queridos que passaram e ficaram.

Um agradecimento especial e essencial a toda equipe da Sidy's TV a Cabo, principalmente a Zeus Menezes e Siderley Menezes, que não hesitaram em me auxiliar no levantamento de dados. E também aos conterrâneos curraisnovenses prestativos que sempre tinham uma informação válida para a pesquisa.

Por fim, um agradecimento especial aos professores que passaram por minha trajetória, da pré-escola à pós-graduação. Agradeço enormemente à professora Valquíria Kneipp pelas contribuições de leituras e metodologias em todas as bancas que participou. E, por fim, mas não menos importante, obrigada à minha orientadora querida, Maria Érica Lima, pela paciência, pelos conselhos e ensinamentos que foram fundamentais para o meu amadurecimento como pesquisadora e que, sem dúvidas, tornaram este trabalho possível.

*As pessoas vinham morar
Nos aceiros dos currais
Que ficaram no passado
Em tempos e memoriais
Só o nome não mudou
Em Currais Novos ficou
E ninguém esquece mais.*

(Adriano Santori, cordelista curraisnovense)

PRIMEIRAS PALAVRAS

Peço licença ao leitor desta dissertação para falar em primeira pessoa do singular e marcar em poucas linhas o meu sentimento a respeito deste trabalho e a minha relação, como curraisnovense, com o canal 4, aqui apresentado.

Dar início a essa pesquisa foi como bater na porta da minha própria casa, pedir licença e abrir a porta da geladeira para me servir, porque, no fim das contas, não estou aqui discorrendo apenas sobre um canal de televisão local, estou aqui destrinchando sobre a cidade na qual nasci e me criei.

Meu nascimento foi em 1990, um pouco antes do surgimento da Sidy's TV a Cabo. Então, posso dizer que a empresa fez parte do meu dia a dia desde que comecei a me entender como parte integrante da sociedade. Sempre falei da minha cidade com muito orgulho, como se o local do meu nascimento definisse quem eu sou. E quase sempre recebia como resposta: “é incrível como o povo de Currais Novos é gente boa”. Sim, somos mesmo. Mas somos um tanto mais do que isso. E eu sempre quis entender o porquê.

Minha primeira lembrança junto ao canal 4 foi no dia 04 de maio de 1997, data do meu aniversário de sete anos. Minha mãe me acordou e disse, como em palavras mágicas: “vai passar Titanic na Sidy's”. Lembro de ter corrido para o quarto dos meus pais, onde ficava a TV, e sintonizado no canal. “Mãe, vai passar que horas?”, perguntei. Ela disse que aguardasse, pois o filme iria começar logo após as notas de falecimento. Assim esperei, com um controle na mão e um desejo enorme de ver o DiCaprio na telinha de 14 polegadas.

Não tínhamos cinema na cidade e eu sabia que o filme acabara de estreiar, então, por que duvidaria? Em poucos minutos, ali estava o meu torpedão de aniversário. Uma foto engraçada, que tenho até hoje, e uns dizeres que me faltam à memória agora, mas que eram assinados pela minha mãe, meu pai e minha irmã. Automaticamente, esqueci-me do filme, coloquei um sorriso no rosto e corri para a sala, onde tínhamos um telefone cor de vinho, ainda com fio. Afinal, eu precisava avisar as minhas amigas que eu estava aparecendo na própria televisão. Daquele momento em diante, não lembrei mais do DiCaprio. Ali estava o meu Titanic.

Alguns anos depois, quando já estava morando em Natal/RN para cursar Jornalismo, fui a Currais visitar a família. Naquele dia, descubro que o avô de uma amiga muito querida acabara de falecer. Minha primeira reação foi ligar a televisão no canal 4 e checar onde seriam a missa de Corpo Presente e o horário do sepultamento. Assim, pude comparecer e dar uma força àquela amiga de infância. Com esta pesquisa, acabo descobrindo que é uma

das práticas mais comuns da cidade e que já foi motivo de estranhamento durante conversa com um colega de trabalho. Ele dizia: “no meu interior, quando alguém falecia, passava um carro de som anunciando os detalhes do enterro”. Eu, até um pouco orgulhosa, dizia: “no meu interior, ligávamos a televisão”.

E essa relação continuou. Na morte de um primo querido, lembro que fui escolhida pela mãe dele para fazer uma mensagem de grande pesar para informar a toda cidade sobre o seu falecimento. Com lágrimas nos olhos, o fiz.

Quando decidi fazer esta dissertação, as pessoas recebiam tão bem que sempre tinham algo para compartilhar. Você sabia que o homem só foi à lua por causa de Currais Novos? Você sabia que Currais teve um dos primeiros computadores do país por causa da Mina Brejuí? Você sabia que Currais Novos, nos últimos dez anos, foi a cidade que mais enviou alunos de Comunicação para a UFRN? Você sabia que Currais já teve a maior quantidade de antenas parabólicas per capita?

Confesso que, infelizmente, não tive como averiguar tudo. Mas sim, o homem foi à lua graças a Currais Novos. O tungstênio extraído da “princesa do Seridó” estava presente na nave espacial sim. E quem quiser que duvide.

Você sabia que Currais Novos foi a primeira cidade do Norte/Nordeste brasileiro a possuir TV a Cabo? Essa pergunta me inquietou e me deixou ainda mais contente com poder fazer uma pesquisa ligada a Sidy’s TV a Cabo e ao canal 4. Neste percurso, foram muitas informações valiosas e é uma grande satisfação poder registrá-las aqui.

Desde já, peço perdão caso não tenha alcançado a distância do objeto empírico. Essa tão falada distância que escuto desde meu tempo de monografia, ainda na graduação. Desde já, peço perdão caso não tenha alcançado a frieza típica de um pesquisador, como muitos defendem. Perdão, mas preciso dizer que este, sem dúvidas, é um trabalho de muita proximidade e de muito pertencimento.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo investigar de que maneira a mídiatização do cotidiano protagonizada pela programação do canal 4, de Currais Novos (RN), contribui para a construção da identidade local. O canal pertence à primeira operadora de TV a Cabo do Norte/Nordeste brasileiro, a Sidy's TV a Cabo, criada em 1992 pelo empresário Siderley Menezes. Pela empiria, percebemos que a relação de construção e de apropriação da identidade é de mutualidade: o canal 4 se apropria da identidade curraisnovense para transmitir o seu conteúdo ao ponto que o seu conteúdo também contribui para a construção identitária local. Tomamos como base o método de estudo de caso (YIN, 2005), partindo de uma pesquisa bibliográfica que abordou, especialmente, os conceitos de mídiatização, cotidiano, mídia local e identidade. A fim de otimizar as evidências colhidas com a empiria, a metodologia teve como suporte a triangulação de dados, obtidos através de três técnicas: entrevistas em profundidade (DUARTE, 2012), observação participante (PERUZZO, 2012) e documentação. Trazemos também uma breve linha do tempo sobre a chegada da TV a Cabo no Brasil, abarcamos os traços históricos e econômicos da cidade de Currais Novos (RN), além dos detalhes acerca da implementação e consolidação da Sidy's TV a Cabo na cidade. Por fim, esta dissertação aponta a necessidade de pesquisas midiáticas mais aprofundadas nesta região, contemplando, principalmente, todos os canais televisivos com conteúdo local e de que forma eles reconfiguram a dinâmica social daqueles que vivem em cidades de pequeno porte.

Palavras-chave: Mídia local. Cotidiano. Identidade. Sidy's TV a Cabo. Canal 4.

ABSTRACT

This dissertation has as its main objective, to investigate in which way the mediatization of everyday life in Currais Novos (RN) by local channel 4 contributes to the construction of local identity. The channel belongs to the first cable TV network in the North/Northeast regions of Brazil, Sidy's TV a Cabo, created in 1992 by entrepreneur Siderley Menezes. Based on empiricism, we realized that the relationship responsible for identity construction and appropriation is of a mutuality nature: channel 4 appropriates itself of Currais Novos's identity to transmit its content to the point that its content also contributes construct local identity. The method of choice was case study (YIN, 2005), starting with a bibliographic inquiry approaching specifically the concepts of mediatization, everyday life, local media and identity. In order to optimize the empirically collected evidences, the methodology was supported by data triangulation, obtained through three distinct techniques: in-depth interviews (DUARTE, 2012), participant observation (PERUZZO, 2012) and documentation. A brief timeline, explaining the arrival of cable TV in Brazil is presented, as well as the historic and economic traits of Currais Novos (RN), and the details of Sidy's TV a Cabo's implementation and consolidation in the city. Finally, this paper points to the necessity of more in-depth media researches in the region, specially contemplating all the local content television channels and in which way they reconfigure the social dynamics of small town residents.

Keywords: Local media. Everyday life. Identity. Sidy's TV a Cabo. Channel 4.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Cotidiano	31
Figura 2 - Assinantes de TV por assinatura por tecnologia (em milhões)	46
Figura 3 - Acessos de TV por assinatura por tecnologia.....	46
Figura 4 - Triangulação dos dados	56
Figura 5 - Praça Cristo Rei	65
Figura 6 - Matéria da TV Folha sobre a Sidy's TV a Cabo	69
Figura 7 Processo de licitação da Sidy's TV a Cabo	71
Figura 8 - Logomarca e slogan do canal 4, de Currais Novos	74
Figura 9 - Exemplo de mensagem de utilidade pública	77
Figura 10 - Exemplo de mensagem das Notas de Falecimento.....	77
Figura 11 - Exemplo de mensagem dos Torpedos	77
Figura 12 - Foto do estúdio de gravação do TV Cidade	81
Figura 13 - Doações durante o programa TV Cidade especial Mutirão de Natal	83
Figura 14 - Primeiro computador da Mineração Tomaz Salustino	89
Figura 15 - Notícia sobre arrecadação para o TeleApae	95
Figura 16 - Características de Currais Novos.....	100
Figura 17 - Construção e apropriação identitária	102

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Mídia local e mídia comunitária.....	27
Tabela 2 - Modelo de tipologia em entrevista	58
Tabela 3 - Perfil dos entrevistados.....	60
Tabela 4 - Programação do canal 4, de Currais Novos.....	74
Tabela 5 - Descrição de telas do Jornal Eletrônico em 13/07/2016	91
Tabela 6 - Características da identidade curraisnovense	100

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 MÍDIA, COTIDIANO E IDENTIDADE.....	20
2.1 MÍDIA LOCAL E SEUS ASPECTOS.....	20
2.2 COTIDIANO E MEDIATIZAÇÃO	29
2.3 CULTURA E IDENTIDADE	34
3 O PERCURSO HISTÓRICO DA TV A CABO NO BRASIL	40
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	48
4.1 ETAPAS DA PESQUISA	49
4.1.1 Investigação bibliográfica	51
4.1.2 Coleta de dados	53
4.1.3 Interpretação dos dados coletados	54
4.2 ESTUDO DE CASO	54
4.3 INSTRUMENTOS DA COLETA DE DADOS.....	56
4.3.1 Documentação.....	56
4.3.2 Entrevistas em profundidade	57
4.3.3 Observação Participante.....	61
5 CURRAIS NOVOS: DO GLOBAL AO LOCAL	63
5.1 A PRINCESA DO SERIDÓ.....	63
5.2 SIDY'S TV A CABO: SURGIMENTO E CONSOLIDAÇÃO.....	67
5.3 CANAL 4: PROGRAMAÇÃO E ESTRUTURA ORGANIZACIONAL	73
5.3.1 TV Cidade: a maior audiência	80
5.4 CANAL 4 E A IDENTIDADE CURRAISNOVENSE.....	87
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
REFERÊNCIAS	105
APÊNDICES	111
ANEXOS	113

1 INTRODUÇÃO

A globalização e os avanços tecnológicos do século XXI tiveram papéis fundamentais para a expansão das redes de telecomunicação, para a informatização crescente e para alterações significativas nas relações sociais e nas vidas dos habitantes das grandes e pequenas cidades. A partir de sons e imagens do rádio e da televisão, começaram a ser difundidas novas formas de pensar, agir e sentir, transformando o cotidiano e a percepção de mundo das pessoas.

Assim, a mídia constitui uma espécie de lugar social¹ que faz com que os receptores se comuniquem e criem novas relações de linguagem e entendimento. Essas novas relações atenuam também o que pesquisadores como Hall (2000) chamam de “crise de identidades”, elas que, tradicionalmente, davam suporte à noção de pertencimento do sujeito ao tecido social. A mídia acaba por contribuir para a fragmentação das velhas identidades consolidadas e para a construção das novas identidades híbridas².

O que vemos também é que, apesar dos inúmeros estudos acerca do poder da mídia e das suas consequências diretas e indiretas na sociedade e nos sujeitos, ainda existem lacunas e espaços pouco explorados, como é a questão da geografia nesse contexto. Partimos do pressuposto que fenômenos midiáticos que ocorrem em grandes metrópoles não têm o mesmo impacto e repercussão em pessoas que vivem em pequenos espaços urbanos, assim como acontecimentos em pequenos territórios dificilmente repercutirão em grandes veículos de comunicação. Neste sentido, não estamos negando a experiência que a sociedade contemporânea usufrui de tornar fatos de grande impacto mundial, como a queda do muro de Berlim ou o atentado terrorista em Nice, por exemplo, partes de discussões cotidianas. No entanto, vemos nestas diferenças midiáticas em diferentes territórios uma oportunidade fértil de pesquisa.

Enxergamos, assim, uma espécie de preconceito que torna os estudos locais pouco explorados, por muitas vezes serem considerados inferiores ou de menor importância. A dificuldade para adentrar nas pesquisas de campo locais também contribui para o descompasso, mas não diminui a relevância dessa área de estudo. Maciá Mercadé (1997)

¹ Aqui, compreendemos lugar social “como ponto de ancoragem para a constituição da prática discursiva” (GRIGOLETTO, 2008, p. 53).

² Fonte: CANCLINI, Nestor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad*. Buenos Aires: Sudamericana, 1995.

destaca o princípio da subsidiariedade quando se trata do localismo, ou seja, o superior não invade o âmbito de competência do inferior. Lima (2010) retoma:

Por exemplo, no caso da informação, um periódico nacional ou regional nunca satisfaz plenamente o direito, a saber, do leitor local a que se refere a sua quotidianidade mais imediata. Portanto, não chega a uma extensão e profundidade tão detalhada e rigorosa. (LIMA, 2010, p. 191).

As mudanças decorrentes do processo de globalização da mídia e dos avanços das telecomunicações não se reduziram apenas à dimensão internacional. Esses fenômenos também trouxeram transformações no panorama midiático local e, conseqüentemente, no seu público consumidor. A mídia ganha cada vez mais um perfil global, abrindo espaço para uma demanda mais atenuada de uma mídia de proximidade, aquela que vai suprir as necessidades do cotidiano mais imediato das pessoas.

Por muito tempo, o olhar da academia se voltou para fora, para o macro, para o que acarretava em conseqüências e intensidades globais. Entretanto, a necessidade de se compreender fenômenos midiáticos, especialmente, em pequenos territórios é mais que tendência, é dar a devida importância ao que é local. Afinal, não estamos apenas na América Latina ou no país Brasil, estamos no estado do Rio Grande do Norte, na cidade de Natal, no Bairro de Lagoa Nova. E cada uma dessas ambiências nos dá uma gama de diferentes perspectivas e experiências. Todas elas passíveis de um novo olhar acadêmico.

Entendemos, dessa maneira, que a mídia local não deve ser encarada de forma periférica nem deve ser marginalizada academicamente, pois também possui considerável relevância no dia a dia e na construção identitária do sujeito, inclusive daqueles que vivem em pequenas cidades.

Dessa forma, pensando na relevância do local, destacamos e tomamos como fundamental no desenrolar desta pesquisa o município de Currais Novos, no Rio Grande do Norte. Com pouco mais de 45 mil habitantes (IBGE Cidades, 2016), a “princesa do Seridó”, como é conhecida, foi a primeira cidade do Norte/Nordeste a disponibilizar o meio de transmissão de televisão a cabo. A Sidy’s TV a Cabo foi criada em setembro de 1992 pelo empreendedor Siderley Menezes e, além da retransmissão dos sinais de canais nacionais e internacionais, a empresa também produz e transmite conteúdos voltados inteiramente para a ambiência local por meio de seis canais locais, entre eles, o canal 4, que é o nosso objeto empírico.

De acordo com dados do IBGE/PNAD (2013), 97,2% da população brasileira tem, pelo menos, um aparelho de televisão em casa, ou seja, dos 65,1 milhões de domicílios

particulares e permanentes no Brasil, 63,3 milhões possuem TV. Já o acesso a TV por assinatura é de 29,5% da população, correspondendo a cerca de 18,7 milhões de domicílios.

Outro levantamento realizado pelo IBOPE (2015), com 18 mil entrevistados, para a Pesquisa Brasileira de Mídia, revelou que no Rio Grande do Norte 74% dos entrevistados assistem televisão todos os dias da semana, de segunda a domingo, e que o norte-riograndense gasta cerca de 5 horas e 10 minutos por semana em frente à TV. Ambos os dados estão, inclusive, acima da média nacional, que se distribui da seguinte maneira: 73% dos entrevistados assiste TV de segunda a domingo e gasta, por semana, cerca de 4 horas e 10 minutos em frente ao aparelho. Esses números revelaram também que, apesar do crescimento das novas mídias, a televisão segue como meio de comunicação predominante e, portanto, continua necessitando de plena atenção e pesquisa.

A programação diária do canal 4 é um dos principais vetores quando se trata de informação a respeito do cotidiano da cidade de Currais Novos e, neste panorama, enxergamos uma produtiva problemática de pesquisa, que teve como objetivo geral investigar como esta mediação do cotidiano contribui para a construção da identidade curraisnovense. Além disso, objetivamos: visualizar as principais características que envolvem essa identidade local, analisar o programa TV Cidade sob a ótica da mediação do cotidiano, e também compreender como se deu o surgimento e a consolidação da primeira operadora de TV a cabo do Norte/Nordeste do Brasil, especialmente diante da implementação – legalmente conturbada – deste tipo de tecnologia em território brasileiro.

Segundo dados fornecidos pela própria Sidy's TV a Cabo, a área de cobertura engloba os principais bairros da cidade, como o JK, o Parque Dourado I e II, o Sílvio Bezerra de Melo e o Centro, totalizando mais de 7 mil assinantes e cerca de 25 mil telespectadores locais ligados no canal 4. Estimamos, assim, que mais da metade da população local tem acesso ao conteúdo do canal através da televisão.

No final de 2014, o diretor da Sidy's TV a Cabo, Siderley Menezes, lançou o projeto “Um presente para o sertão”, que diz respeito à expansão do sistema de TV a Cabo, Internet e Telefonia para a região do Seridó e Trairí. Com essa expansão, cada município terá a possibilidade de contar com os seus próprios canais locais. Atualmente, a empresa disponibiliza 142 canais, sendo 6 deles referentes ao município de Currais Novos, incluindo o canal 4. Esse projeto de expansão também reforça a pertinência da pesquisa em questão, pois nos dá um vislumbre de um futuro processo de regionalização midiática, favorecendo a continuação de um estudo ainda mais aprofundado com este objeto empírico, sob óticas distintas.

É a primeira vez que uma pesquisa em torno do canal 4 e da Sidy's TV a Cabo será desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, contribuindo para os estudos sobre mídia local e identidade na perspectiva da região do Seridó, importante polo econômico e político do estado.

Nesta pesquisa, iremos versar teoricamente sobre diversificados conceitos, como midiatização, cotidiano, mídia local e identidade, para embasar a nossa empiria. No primeiro capítulo, apresentamos reflexões teóricas com significativos apontamentos sobre os pensamentos de autores que consideramos guias no processo, como é o caso de Stuart Hall (2000), quando tratamos de identidade, Muniz Sodré (2002), quando elencamos o conceito de midiatização e Agnes Heller (1972), com suas clássicas reflexões acerca do cotidiano. A ideia principal nessa etapa foi buscar a maturidade teórica sobre os temas expostos, especialmente, quando procuramos entender sobre a midiatização do cotidiano e como ela acontece no município de Currais Novos.

O segundo capítulo, “O percurso histórico da TV a cabo no Brasil”, detalha tecnicamente o que é a TV a cabo, como ela surgiu nos Estados Unidos e contextualiza sua chegada no Brasil. Para a construção deste capítulo, utilizamos três referências: Herz (1983), Possebon (2009) e Ramos (1995). As informações disponibilizadas no decorrer da escrita são uma compilação das informações que elas tiveram em comum. A ideia aqui é fazer uma breve linha do tempo escrita com os eventos mais importantes, as datas explicitadas e os nomes das pessoas e empresas envolvidas neste processo.

No terceiro capítulo, trazemos os procedimentos metodológicos, demarcando o caminho que seguimos ao longo da pesquisa, desde o seu projeto inicial até a presente dissertação. Destacamos os motivos que nos levaram a escolher o método estudo de caso (YIN, 2005) e as técnicas: entrevistas em profundidade (DUARTE, 2012), observação participante (PERUZZO, 2012) e a documentação.

Já o capítulo “Currais Novos: o berço do canal 4” introduz ao leitor um pouco da história do município, além dos seus principais aspectos culturais, políticos, geográficos e econômicos. Mostraremos também um pouco da história de Siderley Menezes, como se deu a criação da Sidy's TV a Cabo e quais as características desta empresa hoje, elencando uma visão geral serviços oferecidos pela mesma para a população local. Também traçaremos aqui o perfil do canal 4, destacando, especialmente, sua programação diária, incluindo o programa TV Cidade, de grande importância para os nossos objetivos específicos e para o percurso metodológico.

No último capítulo, “O canal 4 e a identidade de Currais Novos”, apresentamos os resultados obtidos a partir dos dados coletados e a nossa análise e interpretação diante da nossa questão-problema: como a midiaticização do cotidiano protagonizada pela programação do canal 4, de Currais Novos, contribui para a construção da identidade local?

Por fim, acreditamos ser importante destacar uma estratégia que adotamos ao longo desta dissertação: pela semelhança nos nomes da empresa operadora de TV a Cabo e do canal local – Sidy’s TV a Cabo e Sidy’s TV, respectivamente – para evitar dúvidas ou má interpretação, vamos nos referir à Sidy’s TV apenas como o canal 4, de Currais Novos.

2 MÍDIA, COTIDIANO E IDENTIDADE

Nosso problema de pesquisa envolve quatro conceitos principais, que são a midiatização, o cotidiano, a mídia local e a identidade. Nos subtópicos seguintes, discorreremos reflexões teóricas acerca de cada um, também atrelando-os a outros conceitos, como a cultura, a questão da proximidade e da globalização. Com estas reflexões, norteamos o rumo da análise dos dados coletados:

2.1 MÍDIA LOCAL E SEUS ASPECTOS

Estamos na era digital, em que a internet e a tecnologia são partes fundamentais para executarmos simples tarefas do dia a dia, como pagar uma conta de luz pelo celular ou estacionar o carro com o sensor de ré. Temos informações vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, num fluxo tão veloz que há 30 anos ninguém imaginou que seria possível. A ideia de globalização vem justamente da ideia de um mundo totalmente sem fronteiras, sem barreiras de comunicação, onde é possível interligar todos os continentes em apenas um clique. Em 1994, um cartaz espalhado pelas ruas de Berlim ridicularizava a lealdade às estruturas que não eram mais capazes de domar as realidades contidas no mundo: “Seu cristo é judeu. Seu carro é japonês. Sua pizza é italiana. Sua democracia, grega. Seu café, brasileiro. Seu feriado, turco. Seus algarismos, arábicos. Suas letras, latinas. Só o seu vizinho é estrangeiro” (BAUMAN, 2005, p. 33).

Com as mudanças iniciadas no século XX, quando a informação passou a ser um bem de valor juntamente com a tecnologia, a globalização emergiu como um fenômeno alterador de processos comunicacionais, além dos econômicos, políticos, culturais e sociais que estamos familiarizados. Mas, apesar da amplificação dos processos globais ao longo dos anos, ainda existe um esforço coletivo de autores para a sua conceituação e entendimento, pois o termo não é preciso, é usado de diferentes formas na literatura.

Prado (2000), por exemplo, afirma que a ideia de globalização começou a ser usada na década de 1980, com o intuito de substituir termos como internacionalização e transnacionalização. Mas McLuhan, na década de 1960, já falava sobre uma aldeia global³, onde a comunicação de massa e o progresso tecnológico reduziriam todo o planeta a uma situação de aldeia, em que as pessoas poderiam se comunicar umas com as outras,

³ Fonte: McLuhan, Marshall; Fiore, Q. **Guerra e paz na aldeia global**. Rio de Janeiro: Record, 1971.

independente da distância entre elas. Entretanto, diferentemente de uma aldeia em que são compartilhados o mesmo idioma, as mesmas tradições e os mesmos costumes, hoje, o mundo tem várias aldeias e, cada uma delas, com suas próprias características sociais e culturais e também com seus próprios contextos de recepção da mídia.

O cientista político McGrew (1992) afirma que:

Globalização diz respeito à multiplicidade de relações e interconexões entre estados e sociedades, conformando o moderno sistema mundial. Focaliza o processo pelo qual acontecimentos, decisões e atividades em uma parte do mundo podem vir a ter consequências significativas para indivíduos e coletividades em lugares distantes do globo. (MCGREW, 1992, p. 23).

No entanto, observando que as várias noções em torno da globalização se referem a fenômenos que se conectam estreitamente, Thompson (1998) assume uma posição mais específica e diz que a globalização somente acontece quando o alcance da interconexão é efetivamente global e só surge a partir de três perspectivas:

(a) atividades acontecem numa arena que é global ou quase isso (e não apenas regional, por exemplo); (b) atividades são organizadas, planejadas ou coordenadas numa escala global; e (c) atividades envolvem algum grau de reciprocidade e interdependência, de modo a permitir que atividades locais situadas em diferentes partes do mundo sejam modeladas umas pelas outras. (THOMPSON, 1998, p. 135).

Por sua vez, Yúdice (2002) atesta que não existe melhor metáfora para ilustrar o alcance e a velocidade da globalização, atenuadas por inovações tecnológicas e políticas de desregulamentação, como o vírus. “Em 1998, os meios de comunicação de massa não deixaram de comparar, com fascinação horrorizada, o iminente colapso econômico global como uma infecção viral” (YÚDICE, 2002, p. 108, tradução nossa). Os discursos iniciais sobre a globalização eram, na verdade, muito pessimistas. Até poucos anos atrás os professores de Geografia ensinavam nas escolas que este fenômeno resultaria num imperialismo cultural dos Estados Unidos e da Europa, dando fim às culturas nacionais, como uma espécie de uniformização global. No entanto, se pararmos para refletir, a própria Globo é mais eficiente que Hollywood e a indústria televisiva norte-americana quando se trata de promover a ideologia cultural do consumo aqui no Brasil.

Seguindo o seu pensamento líquido quando se refere à pós-modernidade, Bauman (2005) fala que não é possível ser contra a globalização:

Não se pode ser contra a globalização, da mesma forma que não se pode ser contra um eclipse do sol. O problema, e o próprio tema do movimento, não é como “desfazer” a unificação do planeta, mas como domar e controlar os processos, até agora selvagens, da globalização – e como

transformá-los de ameaça em oportunidade para a humanidade. (BAUMAN, 2005, p. 94).

Ianni (1997, p. 228) diz que “províncias, regiões e nações, bem como culturas e civilizações, são atravessadas e articuladas pelos sistemas de informação e comunicação”. Então, podemos dizer que, mesmo com a globalização das mídias, em que são compartilhados valores internacionalizados, é possível observar ainda a revalorização da informação local. É uma maneira de evidenciar que as pessoas estimam sim os benefícios advindos do mundo globalizado, mas que veem também a necessidade de se identificar com o próximo, com o que é familiar e palpável.

Nesta conjuntura, temos o ponto de vista de Santos (2006) quando se trata de localidade e globalidade:

Os fatos humanos tiveram, primeiro, uma incidência local. A ampliação de sua pertinência se deu lentamente. Foram necessários milhares de anos para que se registrassem eventos geograficamente mais amplos, com a emergência das economias-mundo, tal como definidas por F. Braudel, isto é, conjuntos de economias, geograficamente distantes, mas vivendo em intercâmbio. E somente há poucos decênios o processo de internacionalização alcança o nível atual de globalização. Somente agora pode-se, verdadeiramente, falar de eventos históricos globais. (SANTOS, 2006, p. 105).

Repetindo: a globalização da comunicação, ao mesmo tempo em que possibilitou a quebra de barreiras para a informação no mundo, foi também a responsável por despertar o interesse pelo local, através do apego às raízes e da valorização da cultura das comunidades. Como afirma Castells (2000, p. 85): “quando o mundo se torna grande demais para ser controlado, os atores sociais passam a ter como objetivo fazê-lo retornar ao tamanho compatível com o que podem conceber”.

Vale salientar, em contrapartida, que não é como se tivéssemos apenas uma das duas alternativas a seguir, pois não existe uma fronteira bem delineada entre o global e o local. A realidade vai evidenciando que esses dois âmbitos fazem parte de um mesmo processo: condicionam-se e interferem um no outro, simultaneamente, complementando-se de certa maneira. Afinal, por mais que a informação seja a nível global, ela aconteceu a nível local, fazendo com que os fluxos se aproximem ou até mesmo se confundam.

É como diz Santos (2006, p. 118), “a localidade se opõe à globalidade, mas também se confunde com ela”. Ou como bem afirma Albagli (1999, p. 186-187): “a dimensão cultural do local atua na globalidade como um fio invisível que vincula os indivíduos ao espaço, marcando uma certa ideia de diferença ou de distinção entre comunidades”. Aliás, é muito importante lembrarmos também que o local possui especificidades, evoca aquilo que é

próximo, visível e compreensível. Podemos, inclusive, afirmar que são exatamente nesses espaços locais que construímos nossas personalidades sociais.

Nessa conjuntura, encontramos o papel da mídia como mediadora dos significados e como instrumento das práticas sociais. A partir da compreensão dos desafios da contemporaneidade frente à globalização e os seus efeitos, vamos, neste trabalho, também discutir sobre a mídia local em cidades de pequeno porte⁴. Partimos do pressuposto que os estudos acerca do localismo midiático abarcam, majoritariamente, reflexões e pesquisas que contemplam cidades de médio e grande porte e, conseqüentemente, também grandes empresas de comunicação. Aqui, compreendemos que a mídia local merece novo olhar e novas perspectivas teóricas quando ela está atrelada a pequenos espaços urbanos.

A palavra local é originada do latim *locale* e, de acordo com o dicionário de português Michaelis⁵, comporta alguns significados, como: a) Pertencente ou relativo a determinado lugar; b) Notícia dada por um periódico relativa à localidade em que este se pública. No Brasil, politicamente, o que se denomina como local diz respeito à esfera municipal, o ambiente de exercício de poder, à prefeitura, à câmara de vereadores ou às várias instituições sociais veiculadas a esta esfera (DANIEL, 1988).

Villasante (1998 *apud* FISCHER, 1992), por sua vez, compreende o local menos como um espaço físico e mais como um conjunto de redes estruturadas em torno de interesses de fácil identificação, que leva a questionamentos acerca do espaço político local, as competições, os conflitos e as formas de exercício de poder. Dessa maneira, o autor nos dá a entender que o local é um ambiente de singularidades, com memórias, histórias, funcionamento político e identidades próprias. “Como objeto de investigação o local não é, portanto, apenas fisicamente localizado, mas socialmente construído” (FISCHER, 1992, p. 107). Peruzzo (2003, p. 4) ainda diz que o local se caracteriza “como um espaço determinado, um lugar específico de uma região, no qual a pessoa se sente inserida e partilha sentidos.”

Para esta pesquisa, nos apropriamos também da noção de lugar elucidada por Santos (2006). Para ele, o local é:

[...] onde fragmentos da rede ganham uma dimensão única e socialmente concreta, graças à ocorrência, na contiguidade, de fenômenos sociais agregados, baseados num acontecer solidário, que é fruto da diversidade e

⁴ De acordo com o IBGE (2015), são consideradas cidades de pequeno porte aquelas que possuem menos de 50 mil habitantes.

⁵ **Significado de local.** Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/>.

num acontecer repetitivo, que não exclui a surpresa. (SANTOS, 2006, p. 182).

Compreendemos, então, que as dimensões físicas dos territórios geográficos sofreram algumas mudanças com as transformações econômicas, sociais e políticas decorrentes do processo de globalização, como, por exemplo, o surgimento de grandes metrópoles a partir da junção de algumas cidades. Nesse contexto, o local assume um papel importante, pois é a partir dele que as diferentes articulações, advindas dos processos globais, tornam-se realmente mais visíveis. Os acontecimentos e a realidade vividos cotidianamente – mesmo atrelados a relações globais ou nacionais – reconfiguram o que é local. Aqui, propomos a ideia de local sob a junção de três perspectivas: território, informação e pertencimento.

Na perspectiva de Santos (2006, p. 182), o território trata-se de “uma formação socioespacial, totalidade resultante de um contrato e limitada por fronteiras. Mas a mundialização das redes enfraquece as fronteiras e compromete o contrato”. Assim, para compreendermos a noção de território, descartamos aqui reflexões que se atêm às limitações de escala geográfica e partimos para o pensamento de Ratzel (1990, p. 74): “organismos que fazem parte da tribo, da comuna, da família, só podem ser concebidos junto a seu território”. Entendemos que o território comporta uma identidade tal que o povo que nele vive não se imagina sem a sua expressão territorial. Além disso, abarcamos também a flexibilidade da visão de território explicada por Souza (1995):

O território será um campo de forças, uma teia ou uma rede de relações sociais que, a par de sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo, um limite, uma alteridade: a diferença entre nós (o grupo, os membros da coletividade ou “comunidade”, os insiders) e os “outros” (os de fora, os estranhos, os outsiders). (SOUZA, 1995, p. 78).

Surge, assim, outro tipo de território, que pode ser de base cultural, ideológica, de fluxo informacional e outros. Como explica Peruzzo (2005):

Dimensões como as de familiaridade no campo das identidades histórico-culturais (língua, tradições, valores, religião etc.) e de proximidade de interesses (ideológicos, políticos, de segurança, crenças etc.) são tão importantes quanto as de base física. São elementos propiciadores de elos culturais e laços comunitários que a simples delimitação geográfica pode não ser capaz de conter. (PERUZZO, 2005, p. 74).

Já quando pensamos em informação, notamos que todas as áreas científicas utilizam a palavra informação dentro do seu próprio contexto e entendimento. Temos a informação como o significado de uma forma linguística, como o conteúdo de um estado cognitivo ou simplesmente como um padrão de comunicação entre emissor e receptor. É como se não

existisse, realmente, uma teoria única, em comum ou consolidada para explicitar o uso da palavra. Portanto, para o que propomos nesta pesquisa, vamos nos ater a visão de Tambosi (2005) ao analisar informação e conhecimento no âmbito jornalístico. Vale salientar que para estruturar o nosso conceito de informação no eixo temático de interesse, interpretamos as palavras do autor como processo midiático quando ele fala sobre jornalismo.

Para Tambosi (2005 p. 32), “o conhecimento depende de informação, mas nem toda informação é conhecimento”. Por exemplo: se peço para o meu colega ao lado dizer a hora, mas ele não tem certeza se o relógio está funcionando corretamente, estou adquirindo informação, não estou adquirindo conhecimento. Tambosi (2005) explica:

Uma máquina, igualmente, recebe e transmite informações, mas não tem conhecimento, característica peculiar do ser humano, que não apenas recebe e transmite, mas organiza e dá sentido às informações, construindo argumentos, hipóteses, teorias, etc. (TAMBOSI, 2005, p. 32).

Entendemos, pois, que para uma informação se tornar conhecimento ela necessita ser verdadeira. Por isso, a produção jornalística-midiática está tão atrelada às noções de informação e conhecimento. Mas é importante compreender também que o objetivo que move o jornalismo ou a mídia em si é a informação, não o conhecimento. O produto midiático dá visibilidade às informações que até então permaneciam obscuras. Cabe ao receptor, ao processá-las, adquirir conhecimento (tê-las como verdadeiras, como uma representação fiel da realidade).

Por sua vez, Cantalapedra Gonzalez (1996) entende informação local como:

Aquela que se refere à narração de fatos ou opiniões cujo interesse não transcende um âmbito geográfico e uma população reduzida, como por exemplo, uma cidade e sua zona de influência... Interessa somente aos que vivem ou trabalham em uma determinada zona... ou seja, na terminologia criada por Carl N. Warren (1979) “é a informação cuja difusão se justifica pelo interesse suscitado pela simples proximidade”. (CANTALAPIEDRA GONZALEZ, 1996, p. 62).

Vale salientar também o fato de que os fluxos informacionais passam por mudanças significativas quando pensamos no consumo de informações. Na chegada de Pedro Álvares Cabral ao Brasil, por exemplo, a carta de Pero Vaz de Caminha levou vários dias para chegar à Coroa Portuguesa. Essa velocidade foi evoluindo a ponto de, num piscar de olhos, termos acesso a uma informação que ocorreu há poucos minutos. A globalização, principalmente após a Terceira Revolução Industrial, teve papel fundamental neste processo facilitador das interações sociais. Além de aperfeiçoar as ferramentas existentes, como as redes telefônicas e os cabos televisivos, novos meios surgiram a fim de integrar ainda mais as diferentes partes do mundo, especialmente a internet.

Por fim, segundo o Dicionário de Direitos Humanos⁶, pertencimento ou sentimento de pertencimento é a crença subjetiva numa origem comum que une distintos indivíduos. Os indivíduos pensam em si mesmos como membros de uma coletividade na qual símbolos expressam valores, medos e aspirações. Numa sociedade em que há uma crescente fragmentação da vida coletiva e até mesmo individual, o sentimento de pertencer a algo ou a alguma comunidade se destaca, pois é a maneira que o sujeito encontra para o “estar junto social”. “Pertencer a quê? Incluir-se a quê? Enraizar-se onde? (...) a necessidade da busca do pertencimento é tão complexa como a da objetivação que fundamenta essa mesma necessidade” (SOUZA, 2010, p. 34).

Tanto a família quanto a religião e a escola, que são nossas redes de socialização primárias, demonstram como o pertencimento está ligado ao tradicional e ao que é histórico. Como bem explica Souza (2010):

Um todo que agrega, torna visível um contato face a face e a relação de troca de valores, configura a identidade desde a diferença e quase sempre se apoia em bases de territórios não só simbólicos mas físicos: um sentimento de enraizamento tornado visível, quase que dimensionando o “tamanho” desse relacionamento. Só existe comunidade quando se expressa o pertencer a esse todo. (SOUZA, 2010, p. 37).

Silverstone (2011, p. 185) lembra que sem comunidades⁷, sem as interações da vida cotidiana, sem as identidades e identificações, não há nada a que pertencer, participar, compartilhar, promover ou defender. Podemos dizer, inclusive, que essa necessidade de pertencer está intimamente ligada ao que Bauman (2003) chama de necessidade de segurança. Sentir-se seguro, sentir-se compreendido, sentir-se em casa, sentir-se igual, sentir-se familiar... Tudo isso é pertencimento.

No mais, explicitadas nossas três perspectivas em torno de local, precisamos falar sobre mídia neste contexto. Desde o surgimento dos primeiros meios de comunicação de massa, a mídia local existe. Tanto o jornal quanto o rádio e a televisão, de início, só atingiam um raio de abrangência local ou regional. O rádio, até hoje, é iminentemente local, embora seja capaz de percorrer longas distâncias. No passado, com o desenvolvimento das tecnologias e com a globalização da economia das comunicações, imaginou-se que seria o fim da comunicação local. Mas o que vimos foi a sua revalorização, sob diferentes contextos

⁶ **Pertencimento.** Disponível em: <http://escola.mpu.mp.br/dicionario/tiki-index.php?page=Pertencimento>.

⁷ “É comum afirmar que as ‘comunidades’ (às quais as identidades se referem como sendo as entidades que as definem) são de dois tipos. Existem comunidades de vida e de destino, cujos membros (...) ‘vivem juntos numa ligação absoluta’ e outras que são ‘fundidas unicamente por ideias ou por uma variedade de princípios’.” (BAUMAN, 2005, p. 17)

e plataformas. Logo, é necessário um olhar apurado para se descobrir a importância que esse tipo de mídia exerce na sociedade atual.

Para isso, inicialmente, é necessário esclarecermos uma dúvida muito comum entre os receptores: mídia local e mídia comunitária não são simplesmente sinônimos e não podem ser tratados como se fossem o mesmo tipo de mídia. Peruzzo (2003) diz que existem duas grandes vertentes na mídia local: uma que trata dos temas locais movida por interesses de mercado e outra movida por interesses em contribuir para o desenvolvimento comunitário. A partir disso, a autora foi mais além neste sentido e elencou uma série de características e especificidades de cada uma. Elaboramos uma tabela para melhor visualizá-las:

Tabela 1 - Mídia local e mídia comunitária

Mídia local	Mídia comunitária
Tem o objetivo de dar a conhecer assuntos de foco local ou regional que em geral não tem espaço na grande mídia.	Tem como objetivo divulgar assuntos específicos das comunidades, de movimentos coletivos e de segmentos populacionais ou do interesse público, que normalmente não encontram espaço na mídia convencional.
É encarada como uma unidade de negócio comercial, portanto tem interesses mercadológicos, vende espaço anúncios comerciais e pretende ser rentável, cujos excedentes pertencem a seus proprietários individuais/organizacionais.	Usar como estratégia a participação direta das pessoas do próprio lugar na programação e em geral também na gestão do veículo de comunicação. O receptor pode se tornar emissor e vice-versa.
É suscetível a corresponder a interesses políticos e econômicos de empresas, lideranças, grupos políticos partidários da região etc.	Quem produz (cria, fala, redige, edita, transmite etc) as mensagens não é necessariamente um especialista, o profissional de comunicação, mas o cidadão comum.
Explora o local enquanto nicho de mercado, ou seja, os temas e as problemáticas específicas da localidade interessam enquanto estratégia para se conseguir aumentar a credibilidade e a audiência, e consequentemente obter retorno financeiro.	Tem como força motriz a meta de contribuir para o desenvolvimento comunitário como forma de ampliar o exercício dos direitos e deveres de cidadania.
Tem interesse em contribuir para a ampliação da cidadania desde que as estratégias adotadas para tanto ajudem na consecução dos interesses empresariais.	Não tem finalidades lucrativas. É auto financiada, ou recebe doações, além de trabalhar apenas com apoio cultural e não com anúncios publicitários. Há um entendimento de que caso haja excedentes e econômicos, esses não devam ser apropriados privadamente, mas revertidos para a sustentabilidade e investimentos do próprio meio de comunicação.
Os espaços abertos à participação dos cidadãos estão sujeitos ao controle dos dirigentes e técnicos.	Os conteúdos dizem respeito às necessidades, problemáticas, artes, cultura e outros temas de interesse local, como por exemplo: notícias sobre as atividades de grupos populares organizados, esclarecimentos visando afastar crianças do tráfico de drogas, campanhas contra a discriminação da mulher

	e das raças, dicas de saúde, informações sobre prevenção de doenças, reivindicações de serviços públicos de uso coletivo e outras informações de utilidade pública.
A produção do “que fazer” comunicacional está sob a responsabilidade direta de especialistas contratados.	Nas experiências mais avançadas desenvolve-se gestão do tipo coletiva.
O sistema de gestão é do tipo burocrático tradicional.	A propriedade pode ser coletiva, individual ou institucional, mas colocada a serviço da comunidade.
Os conteúdos tendem a ser, majoritariamente, parte daqueles tratados pela grande mídia, mas com enfoque local ou regional (...).	Busca autonomia em relação ao governo e outros grupos de interesse.
A mídia local tanto pode ser local em seu sentido estrito, de pertencente e atuante num dado território, como pode ser exterior a ele e apenas lhe oferecer espaços (programas de rádio ou de televisão) e cadernos especiais (jornal impresso) para o tratamento de questões locais.	É dirigida a segmentos específicos da população.
Há casos em que algumas emissoras comerciais de TV e de rádio produzem programas de cunho bastante comunitário, tanto no formato (participação popular) como nos conteúdos (problemáticas sociais, noticiários locais etc.).	Tem alcance limitado em termos de cobertura, audiência, número de leitores etc. Porém, há exceções dependendo do potencial técnico de transmissão. Com as mesmas características da mídia comunitária existem outros canais, tais como as rádios educativas e populares na América Latina, cujas transmissões podem adquirir proporções regionais e até nacionais. Sem falar nas redes já formadas visando a articulação nacional e até internacional, conforme veremos adiante.

Fonte: elaborada pela autora com base em Peruzzo (2003, p. 8-10)

Neste sentido, podemos dizer que o local está ainda mais ligado à autenticidade, à vizinhança e à proximidade. O pesquisador em jornalismo Fernandes (2004) define esta proximidade como um dos fatores mais poderosos na hora de eleger uma notícia, embora deixe claro que ela também não deve ser entendida apenas como geográfica, mas de maneira social e psicológica. Na verdade, “durante a maior parte da história das sociedades humanas, as relações sociais têm se mantido firmemente concentradas nos domínios da proximidade”. (BAUMAN, 2005, p.24).

Peruzzo (2003) vai além quando diz que a mídia local, um elemento de abrangência da mídia de proximidade, se ancora na informação gerada dentro do território de pertença e de identidade em uma dada localidade ou região. Ela tende a reproduzir a lógica dos grandes meios de comunicação, especialmente no que se refere à gestão e aos interesses mercadológicos.

2.2 COTIDIANO E MEDIATIZAÇÃO

Costumamos dizer que o cotidiano é aquilo que se passa todos os dias da mesma maneira e está quase sempre atrelado à ideia de presente, repetição e monotonia. Não é a toa que Chico Buarque começa a sua música intitulada Cotidiano com a frase “todo dia ela faz tudo sempre igual”. Mas é basicamente nesse “mais do mesmo” que “encontramos condições e possibilidades de resistência que alimentam a sua própria rotura” (PAIS, 1993, p. 108), ou seja, é no cotidiano que encontramos o desejo de romper a monotonia, de fazer ou produzir algo novo ou que fuja da regra.

Os aspectos do cotidiano são os aspectos da vida social que aparentam ser irrelevantes, mas que são repletos de detalhes e minúcias de considerável importância para o desenrolar da vida social e para se ter a noção do porquê que a vida em sociedade se dá de um jeito e não de outro. A Sociologia, especialmente nos últimos 50 anos, visa justamente compreender como acontece a dimensão densa da vida cotidiana, numa sociedade que aparenta não dar a mínima importância ao que acontece no dia a dia, porque, no fim das contas, aquilo que parece ser banal é, na verdade, indispensável para a realidade social. Estudar o cotidiano é dar ênfase não ao que permanece, mas o que passa depressa (SOUZA MARTINS, 2015). E isso é importante porque “a profundidade está na superfície das coisas” (MAFFESOLI, 2008, p. 5).

De acordo com Heller (1977, p. 7), o cotidiano é o “mundo da vida” que se produz e se reproduz dialeticamente, num eterno movimento. O conceito de cotidiano está relacionado àquilo que é vivido e à vida social dos indivíduos sociais. Ambos têm a capacidade de se relacionar harmonicamente. Mas, diferentemente do que muitos possam imaginar, o cotidiano (ou a cotidianidade) se distingue daquilo que definimos como a rotina do dia a dia.

Enquanto a rotina do dia a dia, segundo Heller (1982) são o/s ato/s que repetimos mimeticamente sem nos darmos conta do seu significado e de sua importância, o cotidiano é a vida em sua justaposição, numa sucessão aparentemente caótica dos fatos, acontecimentos, objetos, substâncias, fenômenos, implementos, relações sociais, história e outros aspectos similares.

Veroneze (2013) explica que:

A existência humana implica necessariamente a existência da vida cotidiana. Não há como desassociar existência e cotidianidade, assim como não há como viver totalmente imerso/a na não cotidianidade (estado de suspensão da cotidianidade). É na cotidianidade que homens e mulheres exteriorizam paixões, sentidos, capacidades intelectuais, habilidades

manuais, habilidades manipulativas, sentimentos, ideias, ideologias, suas crenças, gostos e pendores, enfim, em sua intensidade e “por inteiro”. (VERONEZE, 2013, p. 165).

Geralmente, os pensamentos acerca do cotidiano se originam do trabalho e da linguagem, pois estes distanciam o homem do estágio natural e animal. Enquanto a necessidade animal está associada à satisfação imediata, a do homem é planejada, já que trabalhando ele prevê no futuro a satisfação da sua necessidade. Assim, “a vida cotidiana é por excelência o lugar em que se desenvolve a vida humana” (GUIMARÃES, 2002). Podemos dizer ainda que a vida cotidiana aparece como a “base de todas as reações espontâneas dos homens ao seu ambiente social, na qual, frequentemente parece atuar de forma caótica” (LUKÁCS *apud* HELLER, 1977, p. 12).

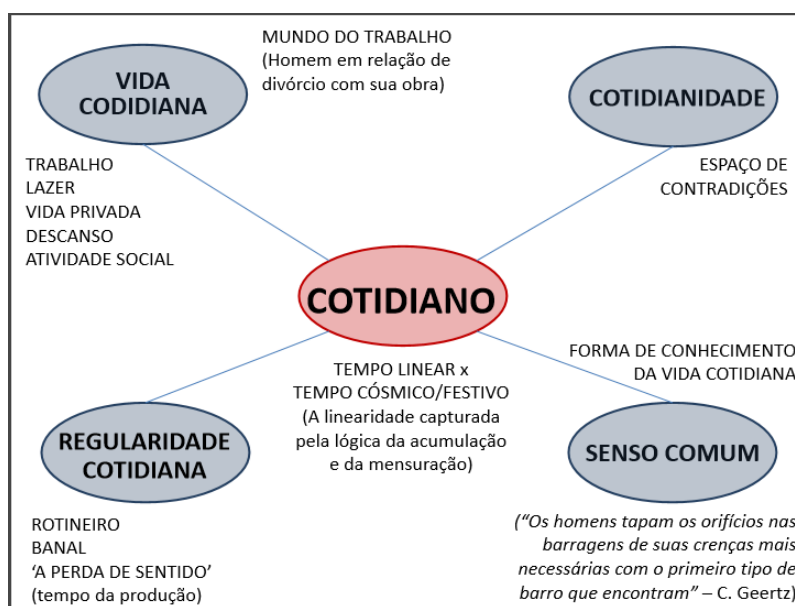
Para Heller (1972), a vida cotidiana é a constituição e reprodução do próprio indivíduo e da própria sociedade, a partir das objetivações. Objetivações são tudo aquilo que se realiza, tudo que existe, é aquilo porque não é outra coisa. Por exemplo: uma cadeira é uma cadeira porque apreendemos essa representação e o seu significado. Assim, tudo pode ser objetivado. É como explicita Guimarães (2002):

A objetivação em si é que está presente no cotidiano do senso comum e é a que cria as condições para vivermos em determinada sociedade com seus costumes, ritos, etc. Adquirir e dominar a linguagem materna é uma objetivação em si, portanto tudo aquilo que nos rodeia e que é transformado para nosso uso é uma objetivação. (GUIMARÃES, 2002, p. 12).

Essas objetivações são essenciais na vida cotidiana, pois é dessa forma que conseguimos viver em sociedade. Guimarães (2002, p. 35) continua o seu pensamento demonstrando que “o cotidiano é a dimensão do senso comum, com todo o sofrimento, prazer, alegria, tristeza, destruição e construção que somente o ser humano é capaz de viver”. Ou, como afirma Silverstone (2011, p. 21), é a partir do senso comum que “nos tornamos aptos, se é que de fato nos tornamos, a partilhar nossas vidas uns com os outros e distingui-las umas das outras”.

No seminário "Cotidiano e noticiabilidade em contextos regionais: a construção cultural de critérios noticiosos", realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na qual esta pesquisa se desenvolve, em novembro de 2015, o professor Doutor Marcos Paulo da Silva, da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, mostrou o seguinte quadro conceitual a respeito do cotidiano e da possível sua composição:

Figura 1 - Cotidiano



Fonte: Prof. Dr. Marcos Paulo da Silva

De acordo com o quadro e de acordo com as ideias desenvolvidas pelo professor ao longo do citado Seminário, o senso comum é o espaço de manifestação da vida cotidiana. Neste sentido, Sodré (2009) explica que:

Senso comum é um nome para o conhecimento daquilo que os gregos chamavam de doxa, isto é, uma experiência da realidade limitada à sensibilidade, às notas acidentais contingentes e variáveis, às representações sociais que reduzem a complexidade factual a imagens de fácil trânsito comunicativo - traduzidas em opinião. É o tipo de conhecimento posto em suspeição pela doutrina platônica das ideias, por estar confinado na esfera do visível e imediato, dos topos horatos. A lição implícita do jornalismo, entretanto, é não se poder fazer pouco caso do senso comum, por ser ele estabilizador da consciência e mobilizador do pertencimento à comunidade. (SODRÉ, 2009, p. 45).

Sem que haja falha de compreensão, na citação acima, podemos facilmente substituir o termo jornalismo por mídia e como ela pode interferir, especialmente se não tratar com indiferença o senso comum, nas perspectivas acerca do cotidiano, pois “a mídia depende do senso comum. Ela o reproduz, recorre a ele, mas também o explora e o distorce” (SILVERSTONE, 2011, p. 21).

O autor ainda é enfático ao dizer que:

É no mundo mundano que a mídia opera de maneira mais significativa. Ela filtra e molda realidades cotidianas por meio de suas representações singulares e múltiplas, fornecendo critérios, referências para a condução da vida diária, para a produção e a manutenção do senso comum. E é aqui, no

que passa por senso comum, que devemos fundamentar o estudo da mídia. (SILVERSTONE, 2011, p. 20).

Afinal, como explica Thompson (1998, p. 42), “a recepção é uma atividade situada”, ou seja, aquilo que é exibido pela mídia (seus produtos) é recebido pelos indivíduos em contextos históricos e sociais distintos, com peculiaridades. Bem como “a recepção dos produtos da mídia pode servir para organizar o horário diário de seus receptores” (THOMPSON, 1998, p. 43). Estudar depois da novela das 9, ir para a academia depois do jornal matinal, almoçar durante o jornal do meio dia: são muitas as atividades do cotidiano que podem ser pautadas através dos horários da mídia.

Além disso, a apropriação das formas simbólicas vindas, especialmente, dos produtos da mídia se estende muito além do momento inicial da atividade de recepção. Thompson (1998) diz que:

As mensagens da mídia são comumente discutidas por indivíduos durante a sua recepção e depois; elas são portanto elaboradas discursivamente e compartilhadas com o círculo mais amplo de indivíduos que podem ter participado (ou não) do processo inicial da recepção. Desta e de outras maneiras, as mensagens podem ser retransmitidas para outros contextos de recepção e transformadas através de um processo contínuo de repetição, reinterpretação, comentário, riso e crítica. [...] Através deste processo de elaboração discursiva, a compreensão que um indivíduo tem das mensagens transmitidas pelos produtos da mídia pode sofrer transformações, pois elas são vistas de um ângulo diferente, são submetidas aos comentários e à crítica dos outros, e gradualmente impressas no tecido simbólico da vida cotidiana. (THOMPSON, 1998, p. 45)

Silverstone (2011) diz que agora a mídia é parte da textura geral da experiência, que toca aqueles aspectos da experiência que tratamos como corriqueiros e que devem existir para vivermos e nos comunicarmos com os outros. Por conseguinte, precisamos examinar a mídia como um processo:

[...] como uma coisa em curso e uma coisa feita, em todos os níveis, onde quer que as pessoas se congreguem no espaço real ou virtual, onde se comunicam, onde procuram persuadir, informar, entreter, educar, onde procuram de múltiplas maneiras, e com graus de sucesso, variáveis, se conectar umas com as outras (SILVERSTONE, 2011, p. 16).

Tem sido cada vez mais marcante a presença da mídia como mediadora das relações sociais. Esta mediação, nada mais é, do que a circulação de significados (SILVERSTONE, 2011). É possível, então, afirmarmos que através desses processos de mediação, a mídia tem a capacidade de organizar a vida coletiva ao seu modo, sendo responsável por considerável parte da produção dos sentidos que circundam a vida social. Ela é “estruturadora e

reestruturadora de percepções e cognições, funcionando como uma espécie de agenda coletiva” (SODRÉ, 2002, p. 26).

Os significados oferecidos e produzidos pelas várias comunicações que inundam nossa vida cotidiana saíram de instituições cada vez mais globais em seu alcance e em suas sensibilidades e insensibilidades. [...] elas estabeleceram uma plataforma, é forçoso admitir, para a comunicação de *massa*. Está ainda é, apesar de sua diversidade e de sua flexibilidade progressivas, a forma dominante dessa comunicação. Ela constrange e invade culturas locais, mesmo que não as subjuguem. (SILVERSTONE, 2011, p. 17).

Dessa forma, moldada pelo virtual e regida pelas novas tecnologias, a sociedade contemporânea está imersa em um espaço midiático (SODRÉ, 2002), “está permeada pela mídia de tal maneira que ela não pode mais ser considerada algo separado das instituições culturais e sociais” (HJARVARD, 2012, p. 54). Para Fausto Neto (2006), na sociedade dita midiática, os meios de comunicação se constituem em setores estratégicos, no âmago da vida e da dinâmica tensional dos campos sociais.

Antes, as mídias eram entendidas como instrumentos visando um fim e, embora tivessem o poder de tematizar e publicizar certas questões, o conteúdo desta enunciação ainda estava fora de sua alçada, ou seja, sob domínio de outros campos sociais. Já na sociedade midiática, ocorre uma transformação no papel dos meios: eles passam de simples suportes a atores do processo comunicacional (SODRÉ, 2002).

A mídia é um processo complexo capaz de interferir na construção e na manutenção da sociedade, seja enquanto dispositivo técnico seja como dispositivo de linguagem. E o termo perfeito para compreender a influência dos vários tipos de mídias na cultura e na sociedade é a *mediatização*. De acordo com Sodré (2002), o termo pode ser definido como:

(...) uma ordem de mediações socialmente realizadas no sentido da comunicação entendida como processo informacional, a reboque de organizações empresariais e com ênfase num tipo particular de interação – a que poderíamos chamar de “*tecnointeração*” – caracterizada por uma espécie de prótese tecnológica e mercadológica da realidade sensível, denominada *médium*. (SODRÉ, 2002, p. 21).

Destarte, os indivíduos hoje se relacionam *mediaticamente*. E por *mediatização* da sociedade, “entendemos o processo pelo qual a sociedade, em um grau cada vez maior, está submetida a ou torna-se dependente da mídia e de sua lógica” (HJARVARD, 2012, p. 61). A tecnologia torna-se a mola propulsora de diferenciadas formas de intera o social, transformando, especialmente, as formas de percep o da realidade.

Implica a *mediatiza o*, por conseguinte, uma qualifica o particular da vida, um novo modo de presença do sujeito no mundo. Nas palavras de Sodré (2002, p. 25), “um

quarto âmbito existencial”, um *bios virtual*, isto é, uma forma de vida que se constitui com uma prática cultural própria, advindo das tecnointerações, da tecnologia reconfigurando a sociabilidade.

Utilizamos a mediação também para “caracterizar uma *determinada fase ou situação* do desenvolvimento global da sociedade e da cultura na qual os meios de comunicação exercem uma influência particularmente predominante em outras instituições sociais” (HJAVARD, 2012, p. 60, grifo do autor). Ela se manifesta em um cenário de heterogeneidades desenvolvidas, em grande parte, pela globalização e pelos avanços tecnológicos, onde a natureza da organização social não é nem linear nem homogênea, mas descontínua.

Por conseguinte, o esclarecimento do papel da mídia na vida cotidiana é possível justamente pela percepção de que o mundo em que vivemos, “que em parte construímos e que se baseia na experiência, em nossa compreensão dessa experiência e em nossa tentativa de representá-la (ou distorcê-la), já é – num sentido poderoso, performativo – mediado” (SILVERSTONE, 2011, p. 134).

Enfim, é nesse cenário de mediações e de mediações, da promiscuidade entre os campos, que se encontra a relação da identidade com a mídia, que resulta na formação de hábitos culturais diferentes em leitores que são agora espectadores e internautas (CANCLINI, 2008). Tanto as mídias tradicionais quanto as mais recentes têm se apropriado de características, formatos e conteúdos umas das outras, complementando-se ou, simplesmente, moldando-se diante de um público de sujeitos, conectados e participativos, com identidades cada vez mais híbridas (HALL, 2000).

2.3 CULTURA E IDENTIDADE

Muito se fala sobre cultura. O termo é considerado um dos mais complexos do nosso idioma e talvez seja um dos mais suscetíveis a variadas interpretações. Etimologicamente, a palavra vem do latim *cultura-ae* e está ligada ao cultivo agrícola e à lavoura, entretanto, ao longo do tempo, o significado de cultura foi se transformando a ponto de adquirir mutabilidade de conceitos; o cultivo material passou também a se referir ao cultivo da mente (EAGLETON, 2000).

Desde que o teórico inglês John Locke⁸, nos primórdios do Iluminismo, apresentou seu projeto humanista e civilizatório, fundamentado na superioridade filosófica e cultural de uns povos sobre os outros, o conceito de cultura se relacionava com hábitos da aristocracia, reposicionando todas as demais culturas ao que se entendia como folclore, tradições populares ou antropologia social. Locke, inclusive, chegou a propor uma linguagem universal, pura e clara, que apagasse as diferenças de idiomas e universalizasse a cultura, permitindo a difusão das verdades eurocêntricas. Foi a partir da obra *Cultura Primitiva* (1871), de Edward Tylor, e, principalmente, dos estudos antropológicos desenvolvidos por Clifford Geertz, que se passou a reconhecer que aquelas sociedades ditas “inferiores” também possuíam cultura.

De acordo com Tylor (1871, p. 1, tradução nossa) cultura “é um ‘todo’ complexo que compreende conhecimentos, crenças, artes, moral, leis, costumes e outras capacidades adquiridas pelo homem como membro da sociedade”⁹. Assim, ela é tudo o que não é geneticamente passível de transmissão (EAGLETON, 2000). Já Geertz (1989) enxerga a cultura como construção simbólica:

Acreditando, como Marx Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado (GEERTZ, 1989, p. 4).

Na visão de Eagleton (2000), apesar de existir uma tendência para nos atentarmos e até mesmo criticarmos outras culturas diferentes da nossa, só conseguimos identificá-las como culturas, pois sequer consideramos que estamos inseridos em uma. Para o autor, ela é inerente à nossa vida. Normalmente, não questionamos o motivo de agirmos de tal maneira e não de outra, porque essa percepção só acontece quando temos a oportunidade de compararmos nosso modo de agir com o modo de agir dos outros:

Não temos conhecimento de um povo que não tenha nomes, idiomas ou culturas em que alguma forma de distinção entre o eu e o outro, nós e eles, não seja estabelecida... O autoconhecimento – invariavelmente uma construção, não importa o quanto possa parecer uma descoberta – nunca está totalmente dissociado da necessidade de ser conhecido, de modos específicos, pelos outros. (CALHOUN, 1994, p. 9 *apud* CASTELLS, 1999, p. 23).

⁸ *apud* SOUZA, Lynn Mário T. M. Cultura, língua e emergência dialógica. **Revista Letras & Letras**, Uberlândia, MG, v. 26, n. 2, jul./dez. 2010, p. 289-306.

⁹ “Culture [...] is that complex whole which includes knowledge, belief, art, morals, law, custom, and any other capabilities and habits acquired by man as a member of society”.

Além disso, mesmo que indivíduos convivam lado a lado, num mesmo país, por exemplo, a cultura de cada um pode trazer pensamentos e ações totalmente distintas, indo diretamente de encontro com a concepção de que a cultura é algo homogêneo. Hall (2000) afirma que muito se tentou pensar e justificar as culturas nacionais como unificadas, utilizando inclusive a expressão da cultura subjacente de um único povo, entretanto, essa crença acaba por ser um mito no mundo moderno. Não existe uma única nação que seja composta de apenas um único povo, uma única cultura ou etnia. “Todas as culturas estão envolvidas umas com as outras; nenhuma é isolada e pura, todas são híbridas, heterogêneas, extraordinariamente diferenciadas e não monolíticas” Eagleton (2000, p. 28). Hall (2000, p. 62) confirma: “As nações modernas são, todas, híbridos culturais”.

Assim, nossos costumes e crenças são tão naturais quanto o movimento de piscar os olhos. Não paramos para refletir o porquê de cada piscada ou não nos esforçamos a cada segundo para que elas aconteçam, é uma ação que está simplesmente imbricada no indivíduo, está condicionada em nossas mentes, de forma que não podemos racionalizar a cultura:

Se política é o que unifica, cultura é o que diferencia. Essa preferência por uma identidade cultural em vez de outra é arracional, no sentido que optar por ser parte de uma democracia no lugar de uma ditadura não é. O racismo e o chauvinismo, que procuram justificar essa preferência com base na superioridade de uma identidade cultural sobre outra, são apenas tentativas espúrias de racionalizá-las (EAGLETON, 2000, p. 89).

Ainda segundo Eagleton (2000), hoje, cultura significa a afirmação de uma identidade específica – nacional, sexual, étnica, regional –, não a transcendência, ou seja, a superioridade da mesma. A partir disto, podemos afirmar que quando respondemos questionamentos sobre quem somos, o que fazemos, onde nascemos ou qual idioma falamos, estamos diretamente ou indiretamente expondo a nossa autopercepção de identidade.

Desde o momento do nosso nascimento, estamos inseridos em um meio e nos apropriamos de suas características sociais, econômicas, ambientais e culturais para dar início a nossa construção como sujeitos. Imersos numa sociedade pós-moderna cada vez mais marcada por influências midiáticas, globais, tecnológicas e virtuais, nos vemos diante de várias possibilidades identitárias, numa hibridização constante.

No dicionário¹⁰, a palavra identidade pode estar associada à qualidade do que é idêntico ou à consciência que uma pessoa tem de si mesma. Originalmente do latim *identitas*, ela se refere ao conjunto de características e traços próprios de um indivíduo ou de

¹⁰ **Identidade.** Fonte: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=identidade>>.

uma comunidade, diferenciando o sujeito ou a coletividade diante dos demais. Essa identidade também pode estar relacionada à localidade (no Japão, por exemplo, o costume de tirar os sapatos ao entrar em uma casa faz parte da identidade do país), a um grupo étnico (faz parte da identidade de algumas tribos indígenas, por exemplo, a realização de cerimônias e rituais com danças e músicas), ou até mesmo ao gênero (a maternidade está sempre, ou quase sempre, atrelada à identidade da mulher). Então, compreendemos identidades culturais como “aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso ‘pertencimento’ a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais” (HALL, 2000, p. 8).

Mas, assim como acontece com a cultura, o uso do termo identidade também passeia por complexidades e inconsistências e, por isso, para esta pesquisa, nos apropriamos das palavras de Hall (2000, p. 8): “como ocorre com muitos outros fenômenos sociais, é impossível oferecer afirmações conclusivas ou fazer julgamentos seguros sobre as alegações e proposições teóricas que estão sendo apresentadas”. Ou como afirma Bauman (2005), a identidade é um conceito bastante contestado: “sempre que ouvir essa palavra, pode-se estar certo de que está havendo uma batalha. O campo de batalha é o lar natural da identidade. (BAUMAN, 2005, p. 83)

Entretanto, apesar desta instabilidade entre as teorias, é fácil concordar que, a partir de uma perspectiva sociológica, toda identidade é construída (CASTELLS, 1999), “é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento” (HALL, 2000, p. 38).

Sob abordagem coletiva, Castells (1999) compreende identidade como a fonte de significado e experiência de um povo ou processo de construção de significado com base em um ou mais atributos culturais, o(s) qual(uais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado. Ainda de acordo com o autor, existem três formas e origens de construção da identidade: a legitimadora, introduzida pelos dominantes para expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais; a de resistência, criada por atores sociais contrários à dominação atual, desenvolvendo resistências com princípios diferentes ou opostos à sociedade em que se insere; e a identidade de projeto, que surge quando os atores sociais, usando de qualquer dispositivo cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade para redefinir sua situação na sociedade. Identidades que começam como resistência podem resultar em projetos ou em legitimadoras. Essa dinâmica demonstra que nenhuma identidade pode constituir uma essência e nenhuma delas encerra por si só algum valor se estiver longe do seu contexto histórico.

Além do caráter coletivo explorado por Castells (1999), a identidade também está ligada à consciência que uma pessoa tem dela mesma e o que a torna diferente das outras. Nesse sentido, por mais que determinados traços sejam hereditários ou inatos, o meio em que vive o sujeito exerce influência direta na construção da sua identidade, associando-a a algo próprio, uma realidade interior que está por trás de atitudes e comportamentos.

De acordo com Hall (2000), um dos maiores efeitos da globalização foi justamente o de suscitar um alargamento no campo de identidades e uma proliferação de novas posições culturais, inclusive, com certa polarização entre elas. O autor distingue três concepções de identidades, distribuídas em sujeitos ao longo da história: o Sujeito do Iluminismo, o Sujeito Sociológico e o Sujeito Pós-Moderno. O primeiro expressa uma visão mais centrada e unificada, dotada das capacidades de razão, de consciência e de ação, que quase não mudam no decorrer dos anos. É uma concepção individualista do sujeito e de sua identidade, porque, de certa forma, ele acabava acreditando majoritariamente no seu próprio “eu” e excluindo as pessoas de sua convivência. No iluminismo, a cultura “significava aqueles apegos regressivos que nos impediam de ingressar em nossa cidadania do mundo (...) nossa ligação sentimental a um lugar, nostalgia pela tradição, preferência pela tribo, referência pela hierarquia” (EAGLETON, 2000, p.48). Para o sujeito do iluminismo, as relações sociais levavam ao apego emocional que, por sua vez, atrapalhava a maturidade intelectual.

Com o desenvolvimento das sociedades modernas, que implica nas estruturas do estado-nação, das grandes massas e da democracia, surge o Sujeito Sociológico, que diz respeito àquele que refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que o núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, ou seja, ele necessitava das pessoas para evoluir. De acordo com essa visão, que se tornou a concepção sociológica clássica da questão, a identidade é formada pela interação entre o “eu” e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior, mas que é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais externos e as identidades que esses mundos oferecem. Nessa concepção, a identidade é o que “costura o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis” (HALL, 2000, p. 12).

Por último, o Sujeito Pós-Moderno surge exatamente para descaracterizar essa ideia de identidade estável e unificada da modernidade. Ele não tem uma identidade fixa e única, e sim várias identidades fragmentadas ao longo da vida. Com as influências de todas as partes, de todas as culturas, o sujeito se depara com inúmeras e cambiantes identidades. Existe, agora, um sujeito plural e heterogêneo:

A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987). (...) O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente (HALL, 2000, p. 13).

A partir da concepção de sujeito pós-moderno, entendemos que a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma ilusão. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma variedade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar, ainda que temporariamente. Na pós-modernidade, a interpretação da vida não se baseia em conceitos homogêneos, ela é fragmentada, hedonista e vive em um contexto coletivo. “No admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente não funcionam” (BAUMAN, 2005, p. 33).

Maffesoli (2005) complementa que a maneira pela qual o sujeito se interpreta na sociedade é reconfigurada neste período pós-moderno. Ele aponta as “representações separadas” se referindo às múltiplas identificações que uma pessoa alterna em seu cotidiano. Por conseguinte, hoje, não é difícil observar a fragilidade da noção de identidade como padrão de personalidade e comportamento único e estável. Para Mazzocato (2010), a identidade na sociedade em rede¹¹:

(...) forma-se com a relação entre a matéria-prima que há no mundo e o processamento dessa matéria-prima pelos atores sociais coletivos. Os atores sociais absorvem as referências que têm a sua volta e as influências externas, e realizam escolhas baseadas em direcionamentos de vida, de gostos e de necessidades. Esse processo não é único e nem finito, a referência que possui um significado suficientemente forte para definir a identidade de alguém em uma determinada época pode não ter mais a mesma força depois de um tempo (MAZZOCATO, 2010, p. 3).

A sociedade em rede está longe de ser homogênea. Nela, abrem-se novas vias para a mudança social, enquanto se afirmam identidades autônomas reconstruindo outros sistemas de relação. Apesar das singularidades nas conceituações dos autores que trabalham em torno da identidade cultural, a ideia de que ela, na perspectiva do sujeito pós-moderno, está sempre em andamento, inacabada, é praticamente um consenso. “Ela permanece incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada” (HALL, 2000, p. 38), “os experimentos

¹¹ “Nosso mundo, e nossa vida, vêm sendo moldados pelas tendências conflitantes da globalização e da identidade. A revolução da tecnologia da informação e a reestruturação do capitalismo introduziram uma nova forma de sociedade, a sociedade em rede” (CASTELLS, 1999, p.17).

jamais terminam. Você assume uma identidade num momento, mas muitas outras, ainda não testadas, estão na esquina esperando que você as escolhas” (BAUMAN, 2005, p. 91), aliás, quanto mais existe a relação entre local e global, “mais os indivíduos vêm-se forçados a negociar opções por estilos de vida em meio a uma série de possibilidades” (GIDDENS, 1991, p. 5 *apud* CASTELLS, 1999, p. 27).

Quanto mais líquida essa relação entre local e global, mais importante é a compreensão dos fenômenos que decorrem dela, principalmente, quando essa relação se dá de forma midiaticizada. Discutir sobre o papel dos meios de comunicação na produção das identidades atuais é um processo necessário. Bauman (2005), em seu livro *Identidade*, tem um posicionamento claro:

Você pergunta sobre o papel dos meios de comunicação na produção das identidades atuais. Eu preferia dizer que a mídia fornece a matéria bruta que seus leitores/espectadores usam para enfrentar a ambivalência de sua posição social. A maioria do público de TV está penosamente consciente de que teve recusado o ingresso nas festividades mundiais “policulturais”. Não vive, e não pode sonhar viver, no espaço global extraterritorial em que habita a elite cultural cosmopolita. À multidão de pessoas que teve negado o acesso à versão real, a mídia fornece uma “extraterritorialidade virtual”, “substituta” ou “imaginada”. (BAUMAN, 2005, p. 104).

Neste sentido, vemos que o autor generaliza a mídia como um processo global ou nacional. A distância do receptor do produto midiático quando se trata de um veículo local é quase nula, tornando a construção destas identidades atuais algo próximo, palpável, territorial e real. Muitas vezes, o indivíduo não quer apenas consumir o que está longe de sua realidade, mas fazer da sua realidade um produto midiático de consumo. Encontramos exatamente aí a importância da mídia local para compreender os processos de construção identitária em pequenos territórios.

Por fim, pensando na nossa pesquisa, consideramos indispensável, após as reflexões teóricas, entender o que é a televisão a cabo e como ela se instalou no Brasil para, em seguida, dar ênfase a chegada desta tecnologia na cidade de Currais Novos, localizada no interior norte-rio-grandense.

3 O PERCURSO HISTÓRICO DA TV A CABO NO BRASIL

Apesar do avanço tecnológico e da popularização da internet, ainda podemos afirmar que a televisão pode ser considerada uma das mídias mais influentes em nossa sociedade. Arbex (1995, p. 10) afirma que “na TV a imagem se opõe ao pensamento, porque convida permanentemente o telespectador a identificar ‘a realidade’ com aquilo que ele vê, e o

telespectador se sente confortável por ter acesso direto, tão imediato, ao mundo real”. A TV acompanhou o desenvolvimento industrial do país e no final dos anos 1980, com a ampliação do sinal e a redução dos custos na fabricação do aparelho, alcançou sua popularização. Mas, antes mesmo disso, surgia fora do Brasil os primeiros desenvolvedores da TV a cabo, tecnologia importante para o desenvolvimento desta pesquisa.

Para começar a falar sobre este tema, devemos esclarecer um equívoco muito comum: TV a cabo não é o mesmo que TV por assinatura. De acordo com Ramos (1995, p. 2), a definição de TV por assinatura é mais ampla, já que “abrange outros meios de distribuição além do cabo (coaxial ou fibra óptica), como o satélite (DBS/DTH) e o espectro radioelétrico, por microondas (UHF e MMDS)”. Entendemos TV por assinatura como o serviço de comunicações que oferece aos espectadores, através de qualquer meio de transmissão, programas codificados, só passíveis de recepção mediante o pagamento de uma taxa de adesão e assinatura mensal. Um decodificador, acoplado ao aparelho de TV, é que vai permitir a recepção livre do sinal. Portanto, “TV a cabo é apenas uma modalidade de TV por assinatura, na qual o transporte do sinal é feito exclusivamente por uma rede de cabos” (RAMOS, 1995, p. 2).

Em inglês *Cable Television* ou *Community Antenna Television* ou ainda pelas siglas CATV, ela distribui conteúdos audiovisuais de televisão, de rádio FM e de outros serviços, substituindo o tradicional sistema de transmissão apenas por antenas de rádio. Esse tipo de sistema se espalhou por vários países, principalmente pelos serviços de televisão por assinatura. De forma técnica, a televisão a cabo envolve a distribuição de um número de canais de televisão coletados em um local central para assinantes dentro de uma determinada área, por meio de uma rede de fibra óptica e/ou cabos coaxiais e amplificadores de banda larga¹².

A televisão por assinatura, na forma de TV a cabo, surgiu nos Estados Unidos, no final da década de 1940 (RAMOS, 1995), como uma solução técnica para melhorar a qualidade na recepção dos sinais radioelétricos de TV, que era prejudicada por interferências, especialmente em regiões montanhosas. Tudo teve início quando o comerciante norte-americano John Walson começou a vender televisores em uma pequena cidade no interior do estado da Pensilvânia. Nesse período, o sistema televisivo ainda engatinhava nos Estados Unidos, o que dificultava a venda de aparelhos, pois, além de caros, eram disponibilizadas poucas antenas retransmissoras e as ondas de rádio existentes sofriam

¹² **Sistemas de distribuição: Antenas coletivas e CATV.** Fonte: <http://www.teleco.com.br/tutoriais/tutorialcatv/pagina_1.asp>.

muitas dificuldades para chegar até a casa das pessoas interessadas, principalmente aquelas que moravam em longas distâncias. Foi então que Walson teve a ideia de instalar uma antena no alto de um morro e puxar cabos para as casas das pessoas que comprassem os televisores de sua loja, sendo copiado por outros lugares dos Estados Unidos e do mundo. Ramos (1995) explica:

Em uma colina instalava-se uma grande antena que captava os sinais televisivos das emissoras convencionais, dirigindo-os a uma pequena estação que ampliava e corrigia suas distorções. A esta estação se ligava um cabo que distribuía os sinais às residências de uma dada comunidade. (RAMOS, 1995, p. 2)

Com a expansão das redes de cabo, começou-se a perceber que suas possibilidades não se limitavam apenas à retransmissão dos sinais dos canais convencionais de televisão aberta. Pelo cabo, era possível circular novos programas e serviços que seriam gerados, de início, localmente.

Este sistema só passou a ser um meio de transmitir conteúdo exclusivo alguns anos depois, com o surgimento do canal HBO (*Home Box Office*), que exibiu, pela primeira vez, em novembro de 1972, um jogo de hóquei seguido de um filme apenas para 365 lares da Pensilvânia que pagaram pelo serviço (RAMOS, 1995). O lançamento desse primeiro programa da HBO e a transformação, em 1980, de uma pequena estação independente de televisão localizada em Atlanta, Georgia, em um canal 24 horas de notícias¹³ foram os dois acontecimentos que transformaram o sistema de TV a cabo nos Estados Unidos, repercutindo no mundo inteiro.

A ideia deu tão certo que nos anos 1980 a televisão a cabo foi sensação nos Estados Unidos. Segundo o *California Cable & Telecommunications Association*, de 1984 a 1992 foram investidos mais de 15 bilhões de dólares para o cabeamento das ruas. Este foi o maior projeto de construção privada desde a Segunda Guerra Mundial¹⁴. Em 1995, a receita estimada de lucro da indústria de TV a cabo nos Estados Unidos foi de cerca de US\$23 bilhões (RAMOS, 1995).

Segundo Nascimento (2007):

Desde o final do século XX, o cabo está presente em cerca de dois terços dos lares norte-americanos e fora do alcance de apenas 4% dos domicílios, a maioria em áreas rurais remotas. Quase todos os lares (95%) têm 30 ou mais canais, e um terço tem 54 ou mais. Nos anos mais recentes, o número dos que assistem TV a cabo cresceu, enquanto o número dos que assistem

¹³ A *Cable News Network* (CNN) se tornou um importante pilar de programação para a TV a cabo.

¹⁴ **History of Cable.** Disponível em: <https://www.cable.org/learn/history-of-cable/>.

diretamente os canais de TV aberta (*broadcasting*) diminuiu. (NASCIMENTO, 2007, p. 4- 5).

No Brasil, o processo foi semelhante. Ainda que seja bastante contraditório apontar quem foi o primeiro operador de TV a cabo em território brasileiro, já que os estudiosos da área divergem bastante, muitos indícios apontam para as cidades vizinhas do Rio de Janeiro. Em 1958, este tipo de transmissão surgiu da necessidade de resolver um problema puramente técnico: fazer com que o sinal das emissoras de televisão localizadas na cidade do Rio de Janeiro chegasse com qualidade de som e imagem a outras cidades próximas, como Petrópolis¹⁵ e Teresópolis, situadas na Serra do Mar (POSSEBON, 2009). Instaladas no alto da serra, antenas captavam os sinais e os retransmitiam por uma rede de cabos coaxiais até as residências. Quem desejava o serviço, pagava uma taxa mensal, como acontece basicamente hoje.

Mesmo fazendo parte da categoria "serviços de distribuição de sinais audiovisuais", a TV a cabo é um serviço explorado por concessão (Lei 8.977/95, a Lei do Cabo), enquanto os demais tipos de tecnologias de TV por assinatura (micro-ondas e satélite, por exemplo) dependem de permissão e têm regulamentações próprias (Decreto 2.196/97).

A regulamentação do sistema de TV a Cabo no Brasil teve processo longo. Na década de 1970, foram inúmeras as tentativas de se implementar no país a Cabodifusão (que seria uma substituição ao serviço chamado de Radiodifusão – rádio e TV aberta). Mas, como interesses políticos (centralizados no Ministério das Comunicações e no Poder Legislativo) e econômicos (especialmente das grandes empresas de rádio e TV) estavam em jogo, tentou-se regulamentar o novo serviço de forma obscura, através de Decreto baixado pelo Ministério das Comunicações no ano de 1975 (HERZ, 1983). O interesse público estava ali, mais uma vez, sendo marginalizado, principalmente porque a grande mídia se recusava a divulgar qualquer informação sobre o assunto.

Foi quando, naquele mesmo ano, setores da sociedade civil, como as escolas de comunicação da Universidade de Brasília e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e a Associação de Promoção da Cultura, conseguiram acesso ao Jornal do Brasil, que divulgou um editorial intitulado “TV Congelada”, que teve grande repercussão. No fim, após um

¹⁵“No caso de Petrópolis, as operações de CATV serviam basicamente para auxiliar os telespectadores da cidade a receber os fracos sinais de TV aberta que chegavam no Rio de Janeiro, em uma época em que o Código Brasileiro de Telecomunicações (CBT), que estabeleceu as regras para a radiodifusão no Brasil, sequer estava criado. O CBT só surgiria em 1962, mas antes disso uma série de pequenas empresas repartiu a cidade para oferecer, por meio dos fios, os sinais que eram captados pelas antenas coletivas e amplificados de maneira amadora”. (POSSEBON, 2009, p. 19).

cansativo processo de disputa, o projeto de Decreto que regulamentaria a Cabodifusão foi vetado pelo então presidente da república, General Ernesto Geisel (HERZ, 1983).

A principal norma que daria início ao mercado de TV a cabo no Brasil só veio no final de 1989. Explica Ramos (1995):

No final do governo de José Sarney, por meio da Portaria de nº 250/89, de 13/12/89, publicada no Diário Oficial da União no dia 15, era regulamentada a *Distribuição de Sinais de Televisão* (DISTV), por meios físicos a usuários, por decisão do então ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães. Cerca de dois anos antes, o Ministério das Comunicações, por meio do Decreto nº 95.744, de 23 de fevereiro de 1988, publicado no Diário Oficial da União (DOU) do dia 24, regulamentara o que se denominou *Serviço Especial de Televisão por Assinatura*. (RAMOS, 1995, p. 12).

Antônio Carlos Magalhães, o então Secretário Nacional das Comunicações, teve o poder de outorgar as concessões (as DISTV, Distribuição de Sinais de Televisão), sem prévia discussão com membros externos ao poder Legislativo. A única regra era a de que seria possível o número de 20 sistemas para cada estado (RAMOS, 1995).

Assim, entre 1990 e 1991, foram distribuídas de maneira gratuita 101 concessões (POSSEBON, 2009), entre pequenos empresários ou amigos e parentes de congressistas. Entretanto, a pedido do Congresso, que tinha a intenção de transformar as DISTV em Serviço Especial de TV a Cabo, em 1991, a distribuição de concessões foi interrompida. Pela primeira vez, houve a discussão sobre a regulamentação de serviços de telecomunicação. Enquanto não era aprovada uma nova lei, as concessões já distribuídas anteriormente ficaram livres para comercializar, a preços que variavam de US\$30 mil a US\$550 mil.

Em paralelo a esses acontecimentos, foi criado o Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação, que priorizou discussões estratégicas em relação ao futuro das telecomunicações, embasadas nos países que já tinham o sistema completamente estabelecido. Também em 1991, o deputado Tilden Santiago, do PT de Minas Gerais, elaborou o Projeto de Lei nº 2.120, que visava, dentre outras coisas, a criação de um Conselho Federal de Cabodifusão. Grandes grupos de comunicação ingressaram no setor, alargando o investimento em novas tecnologias, como a Globosat e o Grupo Abril. Mesmo assim, a TV por Assinatura no Brasil continuava incipiente, pois o custo da mensalidade era elevado e a oferta dos serviços atingia número reduzido de cidades.

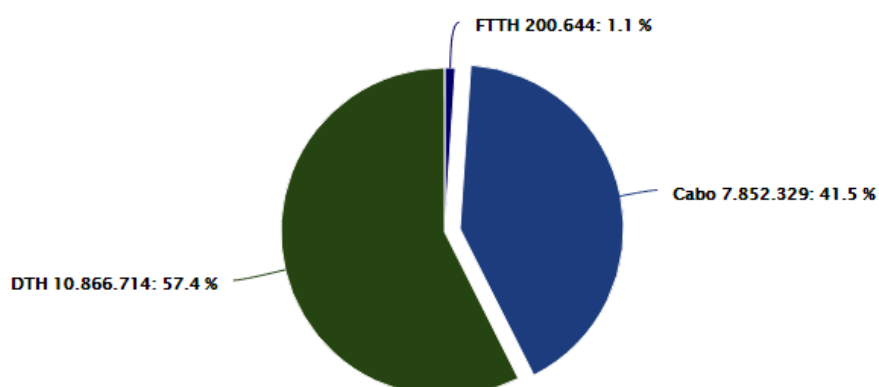
Após muitas disputas de interesses, finalmente, em 06 de janeiro de 1995, a Lei 8.977¹⁶ foi aprovada. A Lei do Cabo, como ficou conhecida, contém estatuto próprio compatível com a amplitude de sua importância cultural, política e econômica. Alguns capítulos desta lei foram revogados pela Lei nº 12.485, de 2011, mas foram mantidos outros, incluindo o Artigo 30 do capítulo VII – Direitos e Deveres: *A operadora de TV a Cabo poderá: I - transmitir sinais ou programas produzidos por terceiros, editados ou não, bem como sinais ou programas de geração própria; II - cobrar remuneração pelos serviços prestados; III - codificar os sinais; IV - veicular publicidade; V - co-produzir filmes nacionais, de produção independente, com a utilização de recursos de incentivos fiscais previstos na Lei nº 8.685, de 21 de julho de 1993, e outras legislações.*

Também de acordo com este mesmo capítulo, a operadora de TV a Cabo está obrigada a (Artigo 31): *I - realizar a distribuição dos sinais de TV em condições técnicas adequadas; II - não recusar, por discriminação de qualquer tipo, o atendimento a clientes cujas dependências estejam localizadas na área de prestação do serviço; III - observar as normas e regulamentos relativos ao serviço; IV - exibir em sua programação filmes nacionais, de produção independente, de longa-metragem, média-metragem, curta-metragem e desenho animado, conforme definido em regulamento a ser baixado pelo Poder Executivo, resguardada a segmentação das programações; V - garantir a interligação do cabeçal à rede de transporte de telecomunicações.*

No Brasil, em 1994, havia 400 mil domicílios assinantes de TV a cabo, mas em 2001 já se registravam 3,5 milhões, correspondendo a um crescimento de 750% em seis anos. Ao longo do mestrado, pudemos acompanhar os dados da Associação Brasileira de Televisão por Assinatura (ABTA)¹⁷. Em julho de 2015, o país contava com aproximadamente 7,6 milhões de assinantes deste tipo de tecnologia, correspondendo a 39,2% do total geral de assinantes de TV por assinatura. Com base nos dados mais atualizados, disponíveis no site da ABTA, que são de julho de 2016, o país conta agora com cerca de 7,8 milhões de assinantes de TV a cabo, correspondendo a 41,5% dos assinantes de TV por assinatura, como demonstra a figura a seguir:

¹⁶ **LEI Nº 8.977, DE 6 DE JANEIRO DE 1995.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8977.htm.

¹⁷ ABTA. **Dados do Setor.** Disponível em: http://abta.com.br/dados_do_setor.asp. Acesso em 10 de dezembro de 2016.

Figura 2 - Assinantes de TV por assinatura por tecnologia (em milhões)

Fonte: Anatel/ABTA - mês base: Julho/2016

De acordo com informações do site Teleco¹⁸, dados da Anatel indicam que o Brasil terminou o mês de julho de 2016 com 18,93 milhões de acessos de TV por Assinatura e 9,2 acessos/100 habitantes. Abaixo, tabela dos acessos de TV por Assinatura de acordo com cada tecnologia:

Figura 3 - Acessos de TV por assinatura por tecnologia

Milhares	2013	2014	1T15	2T15	3T15	4T15	1T16	2T16	jul/16
DTH	11.128	11.943	12.010	11.803	11.588	11.113	10.904	10.837	10.867
TV a Cabo	6.869	7.521	7.630	7.699	7.756	7.817	7.857	7.868	7.852
FTTH	-	95	111	130	153	171	179	194	201
MMDS	20	12	11	11	11	9	9	8	8
TVA (UHF)	3	3	3	3	3	3	3	3	0,1
Total	18.020	19.574	19.765	19.645	19.511	19.114	18.952	18.910	18.928
Densidade*	8,9	9,6	9,7	9,6	9,5	9,3	9,2	9,2	9,2

*Assinantes/100hab; A densidade está sendo calculada com a revisão 2013 da projeção mensal da população realizada pelo IBGE divulgada em Abr/14.

Fonte: Teleco

¹⁸ **Estatísticas de TV por Assinatura.** Disponível em: <<http://www.teleco.com.br/rtv.asp>>.

Um dos principais vetores para o crescimento da TV por assinatura no Brasil foi a lei n.º 12.485¹⁹, sancionada em setembro de 2011, pela então presidente Dilma Roussef, e que entrou em vigor um ano depois. A nova lei abriu o mercado de TV paga para as empresas de telecomunicações e reduziu as restrições ao capital estrangeiro no setor. Com essas novas diretrizes, a Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) aprovou um novo regulamento simplificando as normas para o serviço. Desde março de 2012, por exemplo, os interessados em prestar serviços de TV por assinatura não precisam mais participar de licitações.

¹⁹ **LEI Nº 12.485, DE 12 DE SETEMBRO DE 2011.** Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12485.htm.>

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Aceitamos que, de acordo com os objetivos propostos, nossa pesquisa é de caráter qualitativo e se constrói como um estudo de caso do canal 4, de Currais Novos, pertencente a um dos primeiros sistemas de televisão a cabo do Norte/Nordeste brasileiro, a Sidy's TV a Cabo. Na abordagem qualitativa, o pesquisador se aprofunda na compreensão do fenômeno estudado, sem manter como foco principal os dados numéricos ou estatísticos. De acordo com Flick (2009), a pesquisa qualitativa é importante para o estudo das relações sociais, principalmente, com a visível pluralização das esferas da vida. Essa pluralização exige nova sensibilidade para o estudo empírico das questões sociais:

A mudança social acelerada e a conseqüente diversificação das esferas da vida fazem com que, cada vez mais, os pesquisadores sociais enfrentem novos contextos e perspectivas sociais. [...] A pesquisa está cada vez mais obrigada a utilizar-se de estratégias indutivas. Em vez de partir de teorias e testá-las, são necessários "conceitos sensibilizantes" para a abordagem dos contextos sociais a serem estudados. [...] O conhecimento e a prática são estudados enquanto conhecimento e prática *locais* (Geertz, 1983). (FLICK, 2009, p. 21).

Um instrumento fundamental para a pesquisa qualitativa e também para o estudo de caso é o contato direto com o campo de estudo, culminando na interpretação e consideração final do pesquisador. Explicitaremos aqui, nos nossos procedimentos metodológicos, os elementos básicos para a execução de um estudo de caso, baseando-nos especialmente no que é proposto por Yin (2005).

Para a construção dos dados, também utilizamos três fontes de evidências: entrevistas em profundidade (DUARTE, 2012), observação participante (PERUZZO, 2012) e a documentação. Nosso objetivo neste capítulo é justificar cada escolha metodológica aplicada na condução da dissertação, com o intuito de demonstrar a validade da aplicação de cada procedimento ao objeto estudado.

É importante salientar que a comunicação não se reduz apenas a um mero objeto das tradicionais disciplinas sociais. Como explicita Sodré (2003, p. 310), “reconduzir o campo comunicacional ao paradigma já gasto das demais disciplinas sociais parece-me um retrocesso epistemológico”. O desafio é, portanto, “construir um paradigma de conhecimento em que o discurso reflexivo não seja totalmente estranho ao senso comum dos agentes sociais (...), expresso tanto na mídia quanto na diversidade de práticas culturais” (SODRÉ, 2003, p. 310).

Este desafio se tornou real na nossa pesquisa, de modo que os resultados de analisar a midiaticização do cotidiano protagonizada pela programação do canal 4 e a forma que a mesma contribui para a construção da identidade local sejam compreensíveis a todos os setores, especialmente aqueles que ultrapassam os muros acadêmicos, afinal, uma das nossas principais intenções com este trabalho é fazer com que ele chegue à população de Currais Novos. Nossa ideia é disponibilizar esta dissertação na Casa de Cultura Popular e na Fundação Cultural José Bezerra Gomes, entidades locais de apoio à cultura.

Salientamos também que muitas foram as leituras prévias à elaboração deste capítulo a respeito dos métodos e técnicas de pesquisa, em especial na área de Comunicação. Tivemos a oportunidade de ler outras dissertações do próprio Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia, da UFRN, assim como estudos científicos de outros Programas presentes em território nacional. Diante destes embasamentos, selecionamos o modelo metodológico sugerido por Lopes (2010) para melhor organizar as etapas trabalhadas a partir do nosso objeto empírico, como veremos a seguir.

4.1 ETAPAS DA PESQUISA

O modelo proposto por Lopes (2010) descreve que a pesquisa necessita perpassar por quatro fases essenciais. A primeira se refere à elaboração do projeto de pesquisa, que inclui operações como a definição do problema, a elaboração de um quadro teórico de referência e o levantamento de hipóteses que sinalizem caminhos para a solução da questão-problema; a segunda fase está atrelada ao conjunto de técnicas de investigação, em que são delimitadas a amostragem e as técnicas de coleta, pensadas com o intuito de retratar com precisão e veracidade o objeto empírico; a terceira fase se refere à descrição dos dados coletados; e a quarta fase diz respeito à interpretação dos mesmos. Nesta última fase, o pesquisador se debruça sobre os dados, confrontando com o referencial teórico, dedicando-se, assim, a responder o problema inicialmente formulado. Esta divisão em fases/etapas parece-nos ser mais concreta e esclarecedora para a execução prática dos objetivos propostos na nossa pesquisa e, por isso, optamos pela mesma.

Recorte do objeto e definição da questão-problema

A escolha do objeto empírico decorreu da experiência pessoal vivida pela pesquisadora deste trabalho. Nascida em Currais Novos, morou na cidade até 2007, quando completou o Ensino Médio. Apesar de ter se deslocado para Natal (RN) com o intuito de cursar a graduação em Comunicação Social - Jornalismo, continuou frequentando o município e visitando a família curraisnovense em férias, fins de semana e feriados, fazendo com que o vínculo nunca fosse rompido com a ambiência em questão. Ao ingressar como aluna de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (PPGEM), da UFRN, no ano de 2015, o seu projeto inicial discorria sobre *reality show* musical e convergência midiática. Entretanto, em poucos meses de vivência como discente na pós-graduação, sentiu a necessidade de que sua pesquisa tivesse maior impacto e relevância para si e para as pessoas que constituíam o seu ciclo de relacionamentos.

Foi durante uma aula de Metodologias da Pesquisa em Comunicação Midiática, ministrada pelo professor Dr. Marcelo Balshaw, que recordou que a Sidy's TV a Cabo, localizada em Currais Novos, foi a primeira operadora de televisão a cabo do Norte/Nordeste brasileiro. Numa busca rápida, naquelas primeiras horas de *insight*, já pôde notar que pouco se pesquisou academicamente sobre este fato e que, na realidade, até então, o número de amigos e familiares que tinham conhecimento a respeito era muito pequeno.

A mudança de objeto empírico foi profunda e ocorreu pouco antes da realização do Seminário de Orientação de Dissertação I, disciplina obrigatória do curso e que consiste numa banca composta por dois professores e um aluno leitor para serem explicitadas as observações e críticas a cerca do projeto que se pretende trabalhar ao longo do Mestrado. Com o apoio instantâneo da orientadora e com o desejo de mudança, escolhemos como objeto de pesquisa o canal 4, de Currais Novos, canal pertencente à operadora Sidy's TV a Cabo e que possui conteúdo inteiramente voltado para o que está acontecendo no dia a dia da cidade. Passamos pelo SOD I com aprovação e considerações positivas. A partir daí, nosso objeto empírico estava definido.

Refletimos também que mudanças decorrentes do processo de globalização da mídia e dos avanços das telecomunicações não se reduziram apenas à dimensão internacional. Estes fenômenos também trouxeram transformações profundas no panorama midiático local e, conseqüentemente, no seu público consumidor. Por isso, nos voltamos para a realidade local do município de Currais Novos que conta há 24 anos com uma das primeiras operadoras de televisão a cabo do país. É a partir da historização da TV a cabo e como ela se estabeleceu num município localizado no interior do Rio Grande do Norte que estruturamos

a nossa problemática. A programação diária do canal 4, de Currais Novos, é uma forte alternativa televisiva para a população local.

Assim, a partir da possibilidade de ter contato direto com o objeto empírico e também com sua respectiva audiência, amadurecemos o nosso problema: como a midiaticização do cotidiano protagonizada pela programação do canal 4, de Currais Novos, contribui para a construção da identidade local? Partimos, então, para três hipóteses básicas que puderam orientar o nosso trabalho de campo: a) A programação é inteiramente voltada para midiaticizar o que acontece no cotidiano da cidade e, dessa maneira, os assinantes, ou pelo menos boa parte deles, identificam-se e se sentem representados, como curraisnovenses, pelo que vai ao ar; b) O TV Cidade é o programa que melhor reflete o cotidiano vivido pela população de Currais Novos e pauta com bastante relevância o fluxo informacional que ocorre na cidade. c) Mesmo compreendendo a partir da bibliografia estudada que a identidade está em constante construção, com a empiria, vemos que a identidade curraisnovense é caracterizada com aspectos em comum pela própria população local.

Com o objeto empírico recortado, com a questão-problema definida e com as hipóteses principais estabelecidas, a pesquisa bibliográfica foi essencial para construirmos a rede de conceitos teóricos necessária para sustentar as nossas escolhas empírica e metodológica.

4.1.1 Investigação bibliográfica

Logo na elaboração do projeto, a pesquisa bibliográfica foi aliada indispensável na construção do modelo teórico de referência. Inicialmente, partimos para a elaboração de um estado da arte ou quadro conceitual, com o levantamento das principais obras, autores e trabalhos científicos que se adequassem ao tema proposto. Como a pesquisadora ainda não tinha enveredado pelos subtemas de divisão – que falaremos a seguir – foi um trabalho paciente e árduo, iniciado basicamente do zero.

Compreendemos a pesquisa bibliográfica, num sentido restrito, como:

(...) um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico. (STUMPF, 2012, p. 51).

Empreendemos a pesquisa bibliográfica, inicialmente, nos bancos brasileiros de artigos científicos, dissertações e teses, onde foi possível conhecer os principais aportes teóricos de onde partiam tais investigações, conduzindo-nos, assim, a obras clássicas e fundamentais para embasar o nosso trabalho. Um exemplo destas referências iniciais foi o artigo “Mídia local e suas interfaces com a mídia comunitária”, de Peruzzo (2003), apresentado no XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, que nos deu um ponto de partida para os princípios teóricos explicativos das relações entre o global e o local.

Na realização da pesquisa bibliográfica, esforçamo-nos também para acompanhar os passos propostos por Stumpf (2012): a identificação do tema e assuntos, a seleção das fontes, a localização e obtenção do material e, por fim, a leitura e transcrição. Na *identificação do tema e assuntos*, partimos do seguinte pensamento para elaborar o nosso quadro conceitual: se pretendemos compreender como a *midiatização do cotidiano* protagonizada pela programação de uma *mídia local* contribui para a construção da *identidade* dos sujeitos da cidade de Currais Novos, nossa pesquisa bibliográfica necessita ser organizada e estruturada a partir das palavras-chave centrais (em destaque).

Em seguida, na *seleção das fontes*, utilizamos como fontes secundárias as bibliografias especializadas, os índices com resumos, os portais, os resumos de teses e dissertações e os catálogos de bibliotecas. Tentamos ao máximo nos ater a produções que não ultrapassassem aos últimos 30 anos. Elegemos para serem expostos aqui três autores principais referentes a cada assunto em destaque: a) Midiatização - Muniz Sodré (2002), Fausto Neto (2006) e Hjavard (2012); b) Cotidiano: Silverstone (2011), Agnes Heller (1972) e Maffesoli (2005); c) Mídia Local - Marcia Mercadé (1997), Peruzzo (2003 e 2005) e Maria Érica Lima (2010); d) Identidade: Castells (1999), Stuart Hall (2000) e Bauman (2005).

Para o passo seguinte – *localização e obtenção do material*, auxiliaram-nos o uso da internet (com destaque para os sites Portcom e Compós), o acervo da Biblioteca Central Zila Mamede assim como da Biblioteca do Campus de Currais Novos, ambas pertencentes à UFRN, e obras do nosso acervo pessoal, adquiridas ao longo do Mestrado. Já no último passo - *Leitura e transcrição* – optamos pelos fichamentos dos materiais, pelas anotações pessoais e pelas informações arquivadas no computador, pois nele “é possível ampliar, corrigir, ordenar, remover ou substituir as anotações sem grandes esforços” (STUMPF, 2012, p. 60).

É importante ressaltar que a revisão da literatura acompanhou todo o trabalho acadêmico, desde o seu projeto inicial até a conclusão da dissertação, comparando os

autores, cruzando dados e teorias e contrapondo pensamentos. Dentre as observações constatadas através das leituras, nos deparamos com algumas muito importantes como: o fato da identidade ser um conceito bastante fluido, muitas vezes, divergindo as concepções de autores célebres; a refutação da ideia da mídia local ser o mesmo que mídia comunitária, uma visão muito comum entre os receptores; e a necessidade de compreender que o cotidiano não pode ser visto apenas como uma palavra complementar ou um substantivo comum, mas ele precisa também ser explorado epistemologicamente.

Assim, o referencial teórico que buscamos trouxe reflexões importantes acerca do espaço ocupado pelo local. Tentamos ao longo desta dissertação sempre lembrar da realidade local, da sociedade local e das perspectivas locais que merecem iluminação acadêmica e científica.

4.1.2 Coleta de dados

A pesquisadora esteve presente fisicamente em Currais Novos por 40 dias, entre abril e maio de 2016, a fim de tornar mais contundentes as análises propostas. Essa etapa contou com uma observação meticulosa da programação do canal 4, onde pudemos elencar os conteúdos considerados mais relevantes para a pesquisa em questão e à experiência de viver o cotidiano da cidade, pela segunda vez.

Por ser exploratória, a pesquisa teve por finalidade elencar o maior número de informações sobre o assunto estabelecido, a fim de facilitar a visualização do tema de estudo, dos pressupostos possíveis e da problemática. Assim, contamos com o levantamento histórico-descritivo para elencarmos os acontecimentos e documentos importantes para a caracterização tanto da cidade de Currais Novos quanto da Sidy's TV a Cabo, ambiências fundamentais e vitais para a compreensão do canal 4. Estes levantamentos foram possíveis, especialmente, pela disponibilidade dos diretores e colaboradores da própria empresa em fornecer os dados solicitados e sanar todas as dúvidas que apareceram ao longo do percurso. Além da contribuição da própria população curraisnovense no fornecimento de materiais (livros e revistas, por exemplo), que puderam enriquecer o conteúdo sobre a cidade.

Para melhor compreender a empiria, utilizamos também como técnicas de coleta de dados às entrevistas em profundidade, a observação participante e a documentação. As razões pelas quais optamos por estas técnicas e de que maneira elas foram executadas, discorreremos melhor no tópico seguinte.

4.1.3 Interpretação dos dados coletados

Com os dados coletados em mãos e a partir de um meticuloso trabalho de interpretação, tivemos a oportunidade de chegar a resultados que nos possibilitaram compreender o objeto empírico, a resolução da questão-problema e também alcançar os objetivos inicialmente propostos. Nesta etapa, levamos em consideração a necessidade de categorizar os dados e também o ato de interpretar proposto por Minayo (1994):

Há autores que entendem a “*análise*” como *descrição dos dados* e a “*interpretação*” como *articulação dessa descrição* com conhecimentos mais amplos e que extrapolam os dados específicos da pesquisa. Outros autores já compreendem a “*análise*” num sentido mais amplo, abrangendo a “*interpretação*”. Somos partidários desse posicionamento por acreditarmos que a análise e a interpretação estão contidos no mesmo movimento: o de olhar atentamente para os dados da pesquisa. (MINAYO, 1994, p. 68).

Para desenvolvermos o último capítulo dessa dissertação também nos baseamos na abordagem de análises qualitativas de conteúdo, de acordo com Laville; Dionne (1999). Dentre os modos ou estratégias de análise e de interpretação qualitativas destacados pelos autores, selecionamos o emparelhamento, que consiste em “emparelhar ou, mais precisamente, em associar os dados recolhidos a um modelo teórico com a finalidade de compará-los” (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 227).

A partir disso, partimos do pressuposto que as reflexões que nos apoiamos no capítulo teórico foram indispensáveis para a compreensão do fenômeno aqui estudado. Lembrando que “cumpre-lhe em seguida verificar se há verdadeiramente correspondência entre essa construção teórica e a situação observável” (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 227).

4.2 ESTUDO DE CASO

Logo no projeto de pesquisa, percebemos que o nosso objeto empírico havia sido pouco explorado academicamente, restringindo-se a trabalhos de conclusão de curso de graduação ou, no máximo, a breves artigos científicos. Ainda assim, a perspectiva que pretendíamos dar a ele era inédita. Dessa forma, chegamos à conclusão de que o estudo de caso seria a melhor estratégia metodológica para dar luz ao nosso objeto e poder explicá-lo de forma que qualquer um que lesse a nossa dissertação pudesse ter conhecimento o mais próximo possível da realidade local, mesmo não fazendo parte da audiência do canal 4.

Yin (2005) define estudo de caso com base nas características do fenômeno em estudo, representa uma investigação empírica e compreende um método abrangente, com a lógica do planejamento, da coleta e da análise de dados. Pode incluir tanto estudo de caso único quanto múltiplos, assim como abordagens quantitativas e qualitativas de pesquisa. Optamos por esta estratégia pelo desejo de compreender um fenômeno social. Ponte (2006) considera que:

É uma investigação que se assume como particularística, isto é, que se debruça deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única ou especial, pelo menos em certos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico e, desse modo, contribuir para a compreensão global de um certo fenômeno de interesse (PONTE, 2006, p. 2).

Duarte (2012) tem uma outra abordagem. Ela enxerga o estudo de caso como uma escolha do objeto a ser estudado e não como uma escolha metodológica, esse objeto deve ser algo “específico funcional”, como um indivíduo, uma sala de aula ou um canal local, como é o nosso caso. “Cada estudo de entidades que se qualificam como objetos (pessoas, organizações ou países) seria um estudo de caso, independentemente da metodologia utilizada” (DUARTE, 2012, p. 216). Assim, o estudo de caso reúne o máximo de informações detalhadas que for possível, a fim de apreender a totalidade de uma situação.

Na nossa pesquisa, levamos em consideração, especialmente, as orientações de Yin (2005) para construir o nosso caso. Em contato com sua obra, vimos que o nosso objeto encaixava-se muito bem nos seus pressupostos, principalmente quando o autor complementa que a investigação de estudo de caso:

- a) enfrenta uma situação tecnicamente única em que haverá muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados, e, como resultado,
- b) baseia-se em várias fontes de evidências, com os dados precisando convergir em um formato de triângulo, e, como outro resultado,
- c) beneficia-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir a coleta e a análise dos dados. (YIN, 2005, p. 33).

Yin (2005) contribuiu para o nosso trabalho desde o projeto de pesquisa, especialmente, quando reflete sobre os tipos básicos dos projetos para estudos de caso. Diante das quatro opções explanadas por ele, fomos capazes de encaixar o nosso caso ao projeto de tipo 1 – holístico, com unidade única de análise e inserido num determinado contexto. Nesta situação, um dos fundamentos lógicos era justamente o fato do estudo ter como objetivo “capturar circunstâncias e condições de uma situação lugar-comum ou do dia-a-dia” (YIN, 2005, p. 63). Ao se optar por um estudo de caso único, considerando que essa estratégia é a mais adequada quando a problemática levanta questões do tipo “como” e “por

que”, pretendíamos aprofundar o conhecimento sobre o objeto da pesquisa, ainda mais por se tratar de um assunto contemporâneo e relevante.

Para conduzir nossa pesquisa de acordo com o princípio da triangulação dos dados²⁰ (Figura 1) e com o uso de múltiplas fontes de evidência (YIN, 2005) para dar maior confiabilidade e credibilidade, optamos por três instrumentos para coleta de dados: as entrevistas em profundidade, a observação participante e a documentação, as quais explicitaremos melhor adiante:

Figura 4 - Triangulação dos dados



Fonte: elaborado pela autora.

4.3 INSTRUMENTOS DA COLETA DE DADOS

4.3.1 Documentação

A plataforma teórica de um estudo de caso, ou qualquer outra estratégia de investigação, é naturalmente conduzida pela pesquisa bibliográfica, que explicitamos mais acima. A pesquisa documental se assemelha à bibliográfica, mas não leva em consideração livros, periódicos ou trabalhos científicos, e sim materiais que não foram editados. Para Yin (2005), este tipo de informação pode adquirir muitas formas e deve ser o objeto de planos explícitos de coletas de dados:

- cartas, memorandos e outros tipos de correspondência;
- agendas, avisos e minutas de reuniões, e outros relatórios escritos de eventos em geral;

²⁰ A triangulação supera as limitações de um método único por combinar diversos métodos e dar-lhes igual relevância. Torna-se ainda mais produtiva se diversas abordagens teóricas forem utilizadas, ou ao menos consideradas, para a combinação de métodos. (FLICK, 2009, p. 32)

- documentos administrativos – propostas, relatórios de avaliação e outros documentos internos;
- estudos ou avaliações formais do mesmo “local” sob estudo;
- recortes de jornais e outros artigos que aparecem na mídia de massa ou em informativos de determinadas comunidades. (YIN, 2005, p. 112).

Para a condução de um estudo de caso, a pesquisa documental é fundamental tanto para a melhor compreensão do caso quanto para “corroborar evidências coletadas por outros instrumentos e outras fontes, possibilitando a confiabilidade de achados através da triangulação de dados e de resultados” (MARTINS, 2006, p. 46).

Buscamos, nesta etapa, alcançar a fidedignidade das informações, com fontes que variaram entre os arquivos públicos – especialmente quando tratamos sobre a cidade de Currais Novos –, arquivos particulares – tanto disponibilizados pela própria Sidy’s TV a Cabo quanto por acervos pessoais –, fontes estatísticas – como os dados censitários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que possibilitaram caracterizar a população do município estudado, além da sua distribuição, fatores econômicos locais e de moradia – e também consideramos como documental o produto audiovisual *Jornal Eletrônico*, explicitado no capítulo 4 deste trabalho. Laville; Dionne (1999) dizem que o termo documento pode ser algo mais do que um pergaminho empoeirado, “designa toda fonte de informações já existente. Pensa-se, é claro, nos documentos impressos, mas também em tudo que se pode extrair dos recursos audiovisuais (...) em todo vestígio deixado pelo homem” (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 166). Também consideramos a nossa documentação como direta (MARCONI; LAKATOS, 1996), já que levantamos os dados no próprio local onde o fenômeno estudado acontece: na cidade de Currais Novos e também na empresa Sidy’s TV a Cabo.

4.3.2 Entrevistas em profundidade

A entrevista é uma técnica de coleta de dados cujo objetivo é “compreender o significado que os entrevistados atribuem a questões e situações que não foram estruturados anteriormente, com base nas suposições e conjecturas do pesquisador” (MARTINS, 2006, p. 27). Para melhor compreender a empiria, utilizamos as entrevistas em profundidade, fundamentadas em uma espécie de guia formulado por Jorge Duarte (2012) no livro *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. De acordo com o autor, a entrevista em profundidade é um recurso metodológico que “busca, com base em teorias e pressupostos

definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer” (DUARTE, 2012, p. 62).

Em nossa pesquisa, apoiados no modelo de tipologia em entrevista (Quadro 1), utilizamos entrevistas semiabertas com questões semiestruturadas. Isto quer dizer que para a aplicação, contamos com um roteiro de questões-guia que puderam dar cobertura ao interesse do estudo. Ele partiu de perguntas básicas, baseadas em teorias que interessavam ao problema e, logo depois, ofereceu amplo campo de novos questionamentos, frutos de novas hipóteses que surgiram ao longo da conversa com o entrevistado. Afirma Duarte (2012):

A lista de questões-chaves pode ser adaptada e alterada no decorrer das entrevistas. Uma questão pode ser dividida em duas e outras duas podem ser reunidas em uma só, por exemplo. Por isso, é natural o pesquisador começar com um roteiro e terminar com outro, um pouco diferente. (DUARTE, 2012, p. 66).

De acordo com o modelo de tipologia em entrevista (Quadro 1), encaixamos a nossa perspectiva como uma pesquisa qualitativa, com questões semiestruturadas, com entrevista semiaberta, a partir de um roteiro, com abordagem em profundidade e, conseqüentemente, com respostas indeterminadas.

Tabela 2 - Modelo de tipologia em entrevista

Pesquisa	Questões	Entrevista	Modelo	Abordagem	Respostas
Qualitativa	Não-estruturadas	Aberta	Questão central	Em Profundidade	Indeterminadas
	Semiestruturadas	Semiaberta	Roteiro		
Quantitativa	Estruturadas	Fechada	Questionário	Linear	Previstas

Fonte: DUARTE, 2012.

Segundo Duarte (2012, p. 69), “a seleção dos entrevistados em estudos qualitativos tende a ser não probabilística, ou seja, sua definição depende do julgamento do pesquisador e não de sorteio a partir do universo”. Assim, nossa seleção foi de caráter intencional, ou seja:

O pesquisador faz a seleção por juízo particular, como conhecimento do tema ou representatividade subjetiva. Neste caso, ele pode selecionar conhecedores específicos do assunto, como editor e repórteres do jornal laboratório, por exemplo, para tratar da produção, ou um aluno e uma aluna de cada semestre, leitores do jornal, para fazer uma avaliação do produto final. (DUARTE, 2012, p. 69).

Aplicamos esta técnica em dois grupos de quatro pessoas cada (nossa amostra), selecionados de acordo com dois tipos de informantes: os informantes-chave – fontes consideradas fundamentais por estarem profundamente envolvidas com os aspectos centrais do problema – e os informantes-padrão – fontes envolvidas com o tema de pesquisa, mas que podem ser substituídas sem que haja prejuízo na qualidade das informações obtidas (DUARTE, 2012).

Em relação aos informantes-chave, Yin (2005) diz que:

(...) são sempre fundamentais para o sucesso de um estudo de caso. Essas pessoas não apenas fornecem ao pesquisador do estudo percepções e interpretações sob um assunto, como também podem sugerir fontes nas quais se podem buscar evidências corroborativas ou contrárias – e pode-se iniciar a busca a essas evidências. (YIN, 2005, p. 117).

No primeiro grupo, temos Siderley Menezes, criador e diretor da Sidy's TV a Cabo, Siderley Jatobá, diretor do canal 4, o jornalista e apresentador do TV Cidade, Ismael Medeiros, e o diretor comercial Zeus Menezes. O segundo grupo, especificamente, foi pré-selecionado para ser composto por pessoas de diferentes gêneros e idades, mas com duas condições obrigatórias: todas serem assinantes da Sidy's TV a Cabo, já que esse é o meio de assistir, pela televisão, o canal 4, e residirem na cidade de Currais Novos por, pelo menos, 2 anos. Todas as entrevistas foram marcadas com antecedência. Chegada a data de uma delas, nos deparamos com a situação de que o informante-padrão selecionado acabara de se mudar e, no novo bairro, não chegava os cabos da operadora. Entretanto, este telespectador continuava assistindo ao canal 4 pela internet e suas contribuições foram consideradas relevantes o suficiente para o mantermos na amostra.

As perguntas seguiram um roteiro pré-organizado (APÊNDICE A) e, no ato da entrevista, optamos também pelo modelo neutro, que “faz do entrevistador um transmissor de estímulos positivos, buscando impessoalidade e equilíbrio na relação” (DUARTE, 2012, p. 71).

No início da entrevista, fizemos questionamentos relativos à idade, profissão, local de nascimento e também determinados comportamentos relativos ao consumo televisivo do canal em questão. Tais informações nos levaram a traçar um perfil dos sujeitos de fala:

- Dos oito entrevistados, quatro nasceram em Currais Novos e os outros quatro nasceram em cidades vizinhas e residem em Currais Novos há pelo menos dois anos;
- Quatro entrevistados têm entre 21-40 anos de idade, três têm entre 41-60 e um entrevistado tem idade superior a 60 anos;
- As profissões dos informantes-chaves são referentes aos seus respectivos cargos na Sidy's TV a Cabo e as profissões dos informantes-padrão variam entre dois servidores públicos de órgãos federais, um pastor de Igreja Evangélica e um agente de saúde do município;
- 50% dos entrevistados assistem ao canal também pelo site institucional da Sidy's TV a Cabo, especialmente, quando não estão na cidade;
- 75% dos entrevistados dedicam mais de 5h à programação do canal 4 (vale salientar que a média do norte-rio-grandense, como citado na introdução é de 5 horas e 10 minutos por semana em frente à TV);
- 75% acessa as redes sociais enquanto assiste ao canal 4;
- 75% faz alguma refeição ou realiza alguma atividade doméstica quando está assistindo ao canal 4;
- Todos os entrevistados consideram o TV Cidade o programa mais importante quando se trata de transmitir conteúdo relativo ao cotidiano de Currais Novos;
- Todos responderam que já viram pessoas conhecidas na televisão;
- Todos responderam que já participaram, de alguma forma, da programação do canal 4, seja como apresentador ou entrevistado ou coadjuvante.

Segue tabela para melhor visualização de algumas características dos sujeitos entrevistados para a construção dos dados:

Tabela 3 - Perfil dos entrevistados

	Nome	Idade (em anos)	Local de nascimento	Profissão	Média de tempo que assiste ao canal 4	Acesso às redes sociais enquanto assiste	Programa mais importante	Identificação de pessoas conhecidas na televisão
Informantes-chave	Siderley Menezes	74	Florânia/RN	Diretor Geral	5h por semana	Sim	TV Cidade	Sim
	Siderley Jatobá	39	Natal/RN	Diretor de Operações	30h por semana	Sim	TV Cidade	Sim
	Zeus	25	Currais	Supervisor	12h por	Sim	TV Cidade	Sim

	Menezes		Novos/RN	r comercial	semana			
	Ismael Medeiros	30	Acari/RN	Jornalista	8h por semana	Sim	TV Cidade	Sim
Informantes-padrão	Luciano Oseas	39	Natal/RN	Servidor Público	4h por semana	Sim	TV Cidade	Sim
	João Batista	50	Currais Novos/RN	Pastor	20 minutos por semana	Não	TV Cidade	Sim
	Graça Oliveira	60	Currais Novos/RN	Servidora Pública	6h por semana	Não	TV Cidade	Sim
	Vitória Araújo	41	Currais Novos/RN	Agente de saúde	8h por semana	Sim	TV Cidade	Sim

Fonte: elaborado pela autora.

Ressaltamos também que fizemos duas entrevistas complementares e que estão transcritas nos anexos I e J desta Dissertação: uma com a produtora do programa TV Cidade e outra com o designer gráfico responsável pelo Jornal Eletrônico. Por se tratarem de perguntas específicas, para o entendimento do funcionamento dos respectivos produtos midiáticos, não as enquadrámos nos grupos descritos acima. Entretanto, ressaltaremos alguns trechos para melhor desenvolvimento do capítulo de análises.

4.3.3 Observação Participante

As técnicas observacionais são de natureza sensorial. Assim, uma observação “envolve a percepção sensorial do observador, distinguindo-se, enquanto prática científica da observação da rotina diária” (MARTINS, 2006, p. 23). Nessa etapa, estivemos fundamentados teoricamente pelos autores desenvolvidos nesta dissertação, afinal, para que a aplicação estivesse adequada aos objetivos do estudo, “toda observação deve ser precedida de alguma teoria” (MARTINS, 2006, p. 24).

Com a observação participante, temos a oportunidade de perceber determinada realidade a partir de um ponto de vista interno ao caso. Como afirma Martins (2006, p. 25): “o pesquisador observador torna-se parte integrante de uma estrutura social (...) e na relação face a face com os sujeitos da pesquisa realiza a coleta de (...) informações”. Dessa maneira, são apontadas duas formas de observação participante (MARKONI; LAKATOS, 1996): a natural e a artificial. Pelo fato da pesquisadora deste estudo ter nascido e vivido em Currais

Novos por muitos anos, além de nunca ter cortado o vínculo físico e afetivo com a cidade, a observação é natural, ou seja, o observador pertence à mesma comunidade ou grupo que investiga.

A inserção do pesquisador no campo está diretamente relacionada com a forma em que ele se comporta diante dele. De acordo com Minayo (1994), num polo está a participação plena e no outro polo o distanciamento total de participação da vida do grupo, priorizando apenas as observações. Dessa segunda maneira se deu a nossa observação.

Por se tratar do programa de televisão que melhor transmite informações acerca do cotidiano da cidade de Currais Novos (nossa segunda hipótese e, em seguida, nossa primeira comprovação), optamos por acompanhar, dentro do estúdio, três edições do programa TV Cidade: de 19 a 21 de dezembro de 2016. A data foi escolhida, especialmente, pelo fato do dia 19 ser uma edição especial da campanha Mutirão de Natal. Nesta situação, haveria arrecadação de alimentos e as pessoas poderiam levar a sua doação ao estúdio ao vivo. Decidimos, assim, observamos uma edição que fugisse da normalidade e outras duas que seguissem o *script* natural do programa.

Seguindo indicações de Laville; Dionne (1999) quando falam sobre a observação participante pouco ou não-estruturada, optamos por transformar as observações em notas descritivas para depois se juntarem às notas analíticas que compõem o último capítulo desta dissertação:

As breves indicações registradas ao vivo, aquelas eventualmente acrescentadas com o tempo, e os relatórios mais exaustivos redigidos em seguida constituem as *notas descritivas* do observador: devem ser tanto quanto possível neutros e factuais para melhor corresponder à situação observada (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 180).

Visto que “as capacidades de empatia e de observação por parte do investigador e a aceitação dele por parte do grupo são fatores decisivos nesse procedimento metodológico”, podemos dizer que a aceitação foi bastante positiva e sem muito estranhamento ao longo da coleta. Todos estavam bastante dispostos a ajudar.

5 CURRAIS NOVOS: DO GLOBAL AO LOCAL

5.1 A PRINCESA DO SERIDÓ

Souza (2008) divide a origem de Currais Novos em três etapas: a pré-história, a proto-história e a história da cidade. No período compreendido como pré-histórico, entre o aparecimento do homem e o uso da escrita, o autor conta que em Currais Novos, estudiosos encontraram vários vestígios nas cavernas, montanhas e planícies da região, como armas, instrumentos domésticos, pinturas e restos de comida:

No município de Currais Novos, há sítios arqueológicos com vestígios dessa evolução antropológica. Nos Apertados, existe a Pedra dos Letreiros; na Região do Totoró, o Sítio Lagoa do Santo, onde foram encontrados desde fósseis de animais pré-históricos até pinturas e desenhos rupestres, chegando a um vulto de São Sebastião, esculpido em madeira, símbolo do homem branco, da Civilização Européia, e explicação para o próprio epíteto de lagoa. (SOUZA, 2008, p. 71).

Os índios cariris habitavam a região – vindos da Paraíba, provavelmente – e lá praticavam o cultivo do algodão e da mandioca, além de trabalharem com cerâmica, fabricando objetos domésticos (SOUZA, 2008). Entretanto, com a Guerra dos Bárbaros²¹, entre os séculos XVII e XVIII, os indígenas do sertão foram exterminados.

O período que Souza (2008) denomina como proto-história, intermediando a pré-história e a história, corresponde aos acontecimentos antes da formulação do povoado e da própria denominação de terra. Nesta etapa, o povoamento da região teve início a partir de 1719, com a concessão de datas de terras e sesmarias²². O primeiro registro de 1719 foi de Antônio Rodrigues Moreira, que requereu uma data de terra entre os riachos Maxinaré e Juazeiro (QUINTINO FILHO, 1987).

Conhecida como “princesa do Seridó”, a história de Currais Novos, como cidade, teve sua origem ligada ao período denominado de Ciclo do Gado, no século XVIII. Em 1755, o pernambucano Coronel Cipriano Lopes Galvão, juntamente com sua esposa, Dona Adriana de Hollanda e Vasconcellos, fixaram residência na região. O Coronel era funcionário do reino e teve a missão de desenvolver a criação de gado no Seridó. No mesmo

²¹ “A Guerra dos Bárbaros, também conhecida como Confederação dos Cariris, foi uma revolta dos indígenas contra os colonizadores portugueses que penetravam no interior. Com o incentivo dos holandeses, destruíram fazendas, sacrificaram rebanhos e danificaram moradias.” (SOUZA, 2008, p. 77).

²² A Sesmaria e a Data de Terra tiveram origem com a Lei de 26 de maio de 1375, em Portugal, com a finalidade de fazer evoluir a agricultura.

ano, houve uma grande seca, deixando a família muito aflita e levando o coronel a fazer uma promessa: se Deus permitisse chuva para encher as cacimbas e escapar o gado, ele ergueria uma capela em homenagem a Sant'Ana, em sua fazenda. Naquela noite de 26 de julho choveu abundantemente, o suficiente para formar um novo poço na região. Assim, a promessa foi cumprida, em fevereiro de 1808, por seu filho, o Capitão-Mor Cipriano Lopes Galvão²³, que ergueu a capela. A partir daí, tem início uma construção acelerada de casas ao redor do patrimônio, dando início à zona urbana de Currais Novos²⁴.

O nome da cidade veio justamente dos “currais novos”, construídos pelo Capitão-Mor Galvão, que se tornaram símbolos do desenvolvimento pastoril da região, passando a designar, com o tempo, a fazenda, o povoado e a vila. Tal vila foi desmembrada de Acari, cidade vizinha, em 15 de outubro de 1890 pelo Decreto Estadual nº 59, do então governador provisório Pedro Velho de Albuquerque Maranhão, com instalação em sessão solene realizada no dia 26 de fevereiro de 1891 pelo então presidente da intendência acariense, o Capitão Cipriano Bezerra de Santa Rosa (SOUZA, 2008).

O município foi elevado à condição de cidade pela Lei nº 486, de 29 de novembro de 1920 (data em que é comemorada o seu aniversário até hoje), sancionada pelo Governador Antônio José de Melo e Sousa, no 32º ano da República. Souza (2008, p. 108) afirma que “em 1920, a população era de 14.000 habitantes, com doze ruas, uma avenida, duas praças e três travessas. O Grupo Escolar tinha uma matrícula de 68 alunos de ambos os sexos. Havia igreja, o mercado, a prefeitura e o cemitério público”.

Currais Novos se localiza no interior do estado do Rio Grande do Norte, a 172 km da capital, Natal. Encontra-se na microrregião potiguar do Seridó Oriental, área composta por dez cidades, junto à divisa com o estado da Paraíba. “Conta com 13 bairros, 449 avenidas e ruas, 9 praças e inúmeras travessas, quase todas com iluminação pública, serviço de água, esgoto e linha telefônica” (SOUZA, 2008, p. 109). Desde a sua fundação, sempre se destacou e se diferenciou das outras cidades vizinhas, avançando repentinamente em vários aspectos, como os arquitetônicos, econômicos, geográficos e culturais. No século XX, já contava com ideias cosmopolitas e progressistas, possuindo código de postura de acordo com os preâmbulos que regem o progresso e a civilidade da nação brasileira, tornando-se uma das cidades mais urbanizadas e modernas da região. Um dos seus símbolos turísticos

²³ “Custeada a capela e doada meia légua de terra para o Patrimônio de Sant'Ana, é considerado o Capitão-mor Galvão, fundador da cidade e do município, se bem que o seu pai o tenha antecedido na obra do povoamento” (SOUZA, 2008, p. 83).

²⁴ Parágrafo desenvolvido por informações contidas no vídeo:
<<https://www.youtube.com/watch?v=UmPZHT5CKPU>>. Acesso em 20 de maio de 2016.

mais conhecidos é a estátua Cristo Rei (Figura 5), localizada na praça central, réplica fiel, mas num tamanho bem menor, da estátua do Cristo Redentor, que foi trazida da França e doada pelo casal Manoel Salustino de Macedo e Dona Ananília Regina nos anos 1930, de acordo com Souza (2008).

Figura 5 - Praça Cristo Rei



Fonte: Flickr/Consuelo Lima

A economia de Currais Novos se sustenta basicamente na agricultura (a produção de leite é uma das maiores do estado), na pecuária, no comércio e na mineração. Em relação a essa última, Currais Novos tem muitas reservas minerais, como o enxofre, berilo, turmalina, opala, malaquita, fluorita, calcita vermelha, além das grandes jazidas de scheelita (SOUZA, 2008). Currais Novos é uma referência mundial principalmente por causa da presença da Mina Brejuí, a maior mina de scheelita da América do Sul.

A scheelita é um mineral de tungstato de cálcio (CaWO_4), sendo explorado como minério com vista à obtenção do metal tungstênio. O tungstênio, por sua vez, é utilizado na indústria mecânica, elétrica, ótica, automotiva e aeronáutica, química e bélica. A mina começou a ser explorada em 1943, durante a Segunda Guerra Mundial. Os americanos compravam toda a produção de scheelita para extrair o tungstênio, que era usado na fabricação de armas.

Na época do garimpo, Currais Novos chegou a triplicar o número de habitantes para 60 mil. Nos arredores da Mina Brejuí, foram construídas cerca de 375 barracas que, ao longo

dos anos, foram derrubadas e substituídas por casas cujo urbanismo foi projetado em Belo Horizonte/MG. A Mina Brejuí funcionou entre 1943 e 1990, quando parou devido à crise no mercado internacional do tungstênio, provocada pelos baixos preços praticados pela China. Em 2003, reabriu como Parque Temático e, em seguida, retomou suas atividades de produção de scheelita. Atualmente, mantém cerca de 200 operários e produz de 13 a 15 toneladas por mês. O tungstênio é utilizado na fabricação das caixas pretas de avião, em revestimentos de foguetes espaciais, em brocas das sondas de perfuração de petróleo, na indústria metalúrgica, em equipamentos de raio-x e até a esfera de canetas é feita de aço com tungstênio. A Mina Brejuí tem potencial para produzir scheelita por mais dez anos²⁵. De acordo com o jornalista potiguar Alex Medeiros (2016):

A produção mineral resultou em acumulação de capital social: grande parte da cidade foi saneada, muitos domicílios tiveram acesso ao abastecimento d'água e a rede elétrica além de construções como o Tungstênio Hotel, cinema, posto de puericultura, emissora de rádio, estádio de futebol, campo de pouso, colégios, hospital e casa do idoso. Até hoje os lugares de memória do ciclo mineral se espalham pela cidade. (MEDEIROS, 2016).

Hoje, de acordo com o IBGE (2016), Currais Novos conta com uma população estimada em 45.060 habitantes, distribuídos numa área de 864km², é considerada o nono município mais populoso do estado e está em oitavo lugar em qualidade de vida. Possui sede da AMSO (Associação dos Municípios da Micro Região do Seridó Oriental), da 9ª Dired (Diretoria Regional de Educação e Desporto) e da CDL (Câmara dos Dirigentes Lojistas), além de realizar eventos esportivos, como o JERN'S Regional (Jogos Escolares do Rio Grande do Norte) e o JOMEC (Jogos Municipais e Esportivos Culturais). Importante centro educacional, conta com conceituadas instituições de ensino como a UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do norte), a UnP, (Universidade Potiguar), a FAS (Faculdade do Seridó), o IFRN (Instituto Federal do Rio Grande do Norte) e a UNIP (Universidade Paulista).

Também se destaca, entre outros eventos, pelo Carnaxelita – maior micareta do interior do estado, pelo Cactus Moto Fest – um dos maiores eventos motociclísticos do país, pela Festa de Sant'Ana – uma das mais importantes celebrações religiosas do estado, pela Vaquejada – famosa por atrair turistas de todas as partes do Brasil, pelo Exponovos – evento que engloba leilão agropecuário, julgamento de raças bovinas, rodeios e palestras técnicas da área, e pelo Festival Gastronômico, criado com o objetivo de valorizar a culinária do Seridó.

²⁵ Parágrafo construído a partir das informações coletadas no documentário “Memórias a céu aberto”, produzido pela jornalista Ângela Bezerra. Disponível em: < <https://vimeo.com/179590410>>.

De forte formação geológica, Currais Novos possui o Canyon dos Apertados, único canyon de rocha granítica do mundo.

A mídia curraisnovense também merece destaque. O município possui hoje duas rádios AM, duas rádios FM e cinco veículos impressos: Jornal Expresso RN, Jornal A Notícia, Revista Seridó S/A, a Revista Na Hora e a Revista Pulsação. Além disso, vários são os blogs de notícias e entretenimento que marcam presença em Currais Novos, como o Blog Repórter Seridó, o Blog PM Currais Novos, o Blog JB Moura, Blog Jean Souza e o Blog Vlaudey Liberato. Mas, quando voltamos o nosso olhar para a comunicação televisiva, o município possui uma relevância histórica: Currais Novos foi a primeira cidade do Norte/Nordeste a contar com o meio de transmissão de televisão a cabo.

5.2 SIDY'S TV A CABO: SURGIMENTO E CONSOLIDAÇÃO

O empresário seridoense Siderley Menezes²⁶, ainda na década de 1970, conseguiu que a cidade pudesse ver os jogos da Copa do Mundo de Futebol, através de um repetidor de sinal televisivo. Para tornar essa ideia possível, Siderley Menezes fez uma pesquisa nas serras seridoenses e contratou um especialista para captar os sinais, inicialmente, com uma antena espinha de peixe e uma vassoura. Captado o sinal, Siderley Menezes comandou a construção de uma antena rômica de 40 metros, que possibilitou que os curraisnovenses pudessem assistir aos jogos mundiais de futebol de 1970, ao vivo. Menezes (2016) lembra que:

Pouca gente tinha televisão. Eu juntava um monte de gente lá em casa para assistir. Conseguimos captar um sinalzinho de Recife em cima de umas serras dessas, num lugar bem alto. Jogamos numa repetidora e, da repetidora, jogamos pra cá. A Copa de 70 a gente assistiu assim. Então, era um privilégio de Currais Novos. Vinha gente de Acari, vinha gente de vários lugares para assistir a Copa aqui, na televisão em cores. Naquela época, muita gente escutava os jogos só pelo rádio. (informação verbal)²⁷.

Foi a partir dessa conquista que Siderley Menezes passou a idealizar a possibilidade de promover canais de televisão com conteúdo local para Currais Novos. De acordo com o

²⁶ Nascido em Florânia/RN no dia 24 de novembro de 1943, mudou-se para Currais Novos com apenas 13 anos de idade, quando seus pais, Camilo Toscano de Menezes e Otilia Pereira de Menezes, agricultores, buscavam melhores condições de vida (SERIDÓ S/A, 2015).

²⁷ Entrevista concedida por MENEZES, Siderley Menezes. Entrevista. [nov. 2016]. Entrevistador: Marília Graziella Oliveira da Silva. Currais Novos, 2016. 1 arquivo .mp3 (30 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrito no Anexo A desta Dissertação.

próprio empresário, ele começou a viajar para a Argentina, para o Canadá e para os Estados Unidos – foi cerca de 15 vezes – a fim de participar de feiras, congressos e palestras que abordassem a tecnologia a cabo. Foram 20 anos de estudos. Siderley Menezes recorda:

Comecei a me dedicar objetivamente para a implantação da TV a Cabo em 1991. Uma época que a Globo começou a lançar a Globo News, a GNT, o SporTV, aqueles canais. Aí eu fui bater na Globo e consegui me encostar lá. Só que ela queria uma coisa que eu não queria: uma tecnologia chamada MMDS. Eu não queria porque eu já lutei com repetidora e era uma repetidora de luxo, limitada a 36 canais. Então, não deu certo uma parceria com a Globo, que, na verdade não era uma parceria, ela me colocava como franqueado dela. Aí pensei: eu boto a TV a cabo em Currais Novos e eu tenho certeza que dá certo. (informação verbal)²⁸.

Siderley Menezes se diz comerciante. Foi dono de mercadinhos, supermercado e postos de gasolina. Também foi vereador e vice-prefeito da cidade de Currais Novos, mas tinha a consciência que poderia crescer para outras áreas. “Eu sempre fui louco por TV a cabo, eu sempre fui louco por informação, eu sempre fui louco por mídia. Eu dizia que era um radialista amador” (informação verbal)²⁹. Em 1992, o empresário vendeu seus postos de gasolina e caminhões com o intuito de investir nos equipamentos que possibilitassem a implantação da Sidy’s TV a Cabo em Currais Novos, pioneira em transmissão por TV a Cabo do Norte/Nordeste brasileiro. De bairro em bairro, a tecnologia foi sendo implantada até que toda a zona urbana da cidade pudesse usufruir dos serviços proporcionados pela tecnologia, especialmente os canais locais pertencentes à operadora.

A Sidy’s TV a Cabo presta serviços à comunidade curraisnovense desde setembro de 1992, quando o empresário Siderley Menezes instalou sua empresa na principal avenida da cidade – Av. Sílvio Bezerra de Melo:

Sua paixão pela comunicação fez com que o seu interesse por televisão fosse aprimorado e o levasse a pesquisar, estudar curiosamente sobre tecnologias de melhor qualidade de imagem e som. Assim descobriu a TV a cabo, entendendo que fora feita sob medida para cidades pequenas. Viajou, conheceu e empreendeu. Hoje, a Sidy’s é seu grande sonho realizado. Durante mais de 20 anos, ele trabalhou para que a imagem chegasse em toda Currais Novos. Como implantar o cabeamento pela cidade requer uma considerável quantia de dinheiro, muitas vezes teve de apelar para financiamentos junto às agências da Caixa, Bradesco e Banco

²⁸ Entrevista concedida por MENEZES, Siderley Menezes. Entrevista. [nov. 2016]. Entrevistador: Maríllia Graziella Oliveira da Silva. Currais Novos, 2016. 1 arquivo .mp3 (30 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrito no Anexo A desta Dissertação.

²⁹ Entrevista concedida por MENEZES, Siderley Menezes. Entrevista. [nov. 2016]. Entrevistador: Maríllia Graziella Oliveira da Silva. Currais Novos, 2016. 1 arquivo .mp3 (30 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrito no Anexo A desta Dissertação.

do Nordeste. [...] O que pode fazer, ele fez. Menos desistir do sonho. (MEDEIROS, 2015, p. 5).

Como uma alternativa para funcionar dentro da lei, Siderley Menezes transformou um bairro de Currais Novos numa espécie de condomínio. O primeiro fio puxado foi no bairro Inocoop e o sinal só disponibilizava apenas onze canais de TV aberta, ainda sem nenhum canal local. Siderley Menezes explica:

No Inocoop, eu puxei os cabos, coloquei os equipamentos no clube e liguei 17 clientes, porque 17 clientes era o suficiente para em um ano essa novidade ir passando de boca a boca. Então, eu deixei um ano essa TV a cabo funcionando gratuitamente na casa dessas pessoas. Não existia Lei. A única coisa que existia era uma Portaria que dizia assim: em condomínios não precisa pedir licença. Aí eu disse: é aqui. Fazia os quarteirões e dava o nome dos condomínios: condomínio Brejuí, condomínio Seridó, condomínio Xelita. (informação verbal)³⁰.

Trazemos abaixo matéria da TV Folha, de 30 de julho de 1995, para ilustrar como se deu o surgimento da Sidy's TV a Cabo:

Figura 6 - Matéria da TV Folha sobre a Sidy's TV a Cabo



Fonte: arquivo pessoal de Siderley Menezes

De acordo com Emanuel Batista (Birrinha), funcionário mais antigo da operadora, “no começo, tudo era em dólar. O assinante pagava em real, mas a empresa mantinha os

³⁰ Entrevista concedida por MENEZES, Siderley Menezes. Entrevista. [nov. 2016]. Entrevistador: Maríllia Graziella Oliveira da Silva. Currais Novos, 2016. 1 arquivo .mp3 (30 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrito no Anexo A desta Dissertação.

custos em dólar. Era tudo muito caro ainda. Pessoas de baixa renda não conseguiam pagar.”, afirmou Birrinha. Uma linha de TV a Cabo custava o equivalente a cerca de 400 reais hoje, de acordo com estimativa do funcionário.

Em seu livro *TV por assinatura: 20 anos de evolução*, Possebon (2009) discorre dois parágrafos acerca da Sidy's TV a Cabo e elucida bem a sua importância quando colocamos em foco as pequenas localidades na regulamentação da cabodifusão:

Em algumas localidades mais distantes do centro das atenções de grandes empresas como Net e TVA, surgiam operações de TV por assinatura de forte apelo popular, como em Lauro Freitas (região metropolitana de Salvador) ou em Currais Novos, interior do Rio Grande do Norte. Nesta última localidade estava a operadora que talvez tenha se tornado o maior ícone de um mercado simples, de poucos recursos, mas onde havia demanda por alternativas na televisão e, em função das amarras regulatórias, não podia sair da clandestinidade.

Ali em Currais Novos, a 180 quilômetros de Natal, com pouco mais de 50 mil habitantes, nasceu de maneira improvável uma empresa de TV a cabo para suprir a falta que um cinema ou um teatro faziam à cidade. A operação começou em 1992 pelas mãos de Siderley Menezes, que deu o nome de Sidy's Comunicações ao seu empreendimento. Ele inspirou-se no modelo norte-americano de múltiplos canais, mesmo nas cidades mais remotas. A Sidy's, assim como tantos outros operadores de CATV, começou distribuindo com melhor qualidade os sinais das retransmissoras locais de TV aberta, e logo descobriu que poderia, com sucesso, incluir a transmissão de eventos locais, como as sessões da Câmara dos Vereadores ou as festas na praça central para todos os seus assinantes. Com base nesse modelo, a operação se tornou um sucesso na cidade. Com um modelo de baixo custo, com assinatura básica a R\$7, a Sidy's era a prova de que a TV por assinatura tinha demanda e mercado fora dos grandes centros. Mas com a falta de opção para a regularização, a empresa, como tantas outras, se desenvolveu na clandestinidade. (POSSEBON, 2009, p. 150).

Outro destaque importante teve a Sidy's TV a Cabo em uma tese de doutorado em comunicação da Universidade do Colorado em Bolder, nos Estados Unidos. Intitulado *Elusive Autonomy: Brazilian Communications Policy in an Age of Globalization and Technological Change*, o trabalho de Souza (1998) traz as seguintes informações sobre a Sidy's TV a Cabo:

Em 1996, 26 provedores não licenciados e geralmente "artesanais" serviam 70 mil residências. Em Currais Novos, uma cidade no interior do Rio Grande do Norte com 40 mil habitantes e situada em pleno árido do sertão nordestino, região mais pobre do Brasil, uma experiência extraordinária vem ocorrendo desde 1992. Numa comunidade onde mais da metade (57%) da população vive com menos de um salário mínimo, a Sidy's TV a cabo atendia 1500 das 8500 residências da cidade (17% contra a então média nacional de 2,9% na TV paga) após ter instalado 27km de cabos cobrindo mais de 80% da área da cidade. Além de retransmitir canais da TVA (Warner, Sony, MTV), a Sidy's transmitia a missa local de domingo, sessões da câmara municipal, festas de carnaval e informações de serviço

público. O motivo do sucesso retumbante do serviço, de acordo com seu fundador, José Siderley Menezes, se devia ao fato das pessoas "gostarem de ver a si mesmas e suas comunidades na TV". Apesar da câmara municipal de Currais Novos ter aprovado uma lei "transformando todos os quarteirões da cidade em condomínios", a empresa foi fechada em agosto de 1995 pelo MINICOM. (SOUZA, 1998, p. 182, tradução nossa).

Na época, não havia uma legislação que regulamentasse efetivamente a implantação da TV a Cabo no Brasil. O país só contava até então com a Portaria nº 250, de 13 de dezembro de 1989, da ANATEL, que permitia o sinal apenas em comércio, condomínios, hospitais, sem precisar de licenças. Após as mudanças nas leis, por não ter autorização do governo, Siderley Menezes foi perseguido e teve sua empresa fechada duas vezes pelo Ministério das Comunicações. Em 1999, o empresário participou de uma licitação e conseguiu comprar uma concessão no valor de R\$85 mil, para regularizar o seu negócio:

Figura 7 - Processo de licitação da Sidy's TV a Cabo

ANATEL - AGÊNCIA NACIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES
Superintendência de Serviços de Comunicação de Massa
 População, domicílios urbanos, valor mínimo, valores ofertados, pontuações e status das áreas licitadas, segundo municípios, tecnologia e/ou licitação

<i>Municípios</i>			<i>População Total</i>	<i>Domicílios Urbanos</i>				
<i>Dt. Homol.</i>								
Currais Novos / RN			40.459	8.208				
TV a Cabo								
	SIDYS COMUNICAÇÕES LTDA							Em Operação
	Licitação MMDS							
MMDS-003/99	Realizada em 04/10/1999	Valor Mínimo:	42.177,39	Vr Ofertado	Ágio	Pontos	Dt Assinatura	
	Área Sem Proposta							0,0
MMDS-001/99	Realizada em 13/04/1999	Valor Mínimo:	42.177,39	Vr Ofertado	Ágio	Pontos	Dt Assinatura	
	Área Sem Proposta							0,0
	Licitação TVC							
TVC-002/99	Realizada em 14/10/1999	Valor Mínimo:	84.354,77	Vr Ofertado	Ágio	Pontos	Dt Assinatura	
★ 23/12/1999	SIDYS COMUNICAÇÕES LTDA			85.000,00	0,8	70,00651	22/03/2000	

Fonte: Anatel

Hoje, a Sidy's TV a Cabo disponibiliza 142 canais, dos quais seis são canais locais, todos referentes à cidade de Currais Novos e pertencentes ao sistema Sidy's:

- O canal 4, nosso objeto empírico, que discorreremos detalhadamente a seguir;
- O canal 5 – TV Cristo Rei, um espaço evangelizador que funciona em parceria com a paróquia de Sant'Ana e com o apoio da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, transmite missas e celebrações religiosas da cidade. Foi um espaço doado pelo próprio Siderley Menezes;
- O canal 17 – RPTV, que conta com produções no formato de reportagens e documentários, com foco na parte educativa e cultural da cidade e da região, já que outros

municípios como Florânia, Parelhas e Cruzeta também fazem parte do projeto. A ideia vem chama a atenção pelo fato dos jovens participarem de todas as etapas de produção;

- O canal 54 – TV Câmara, onde os assinantes podem assistir às audiências na Câmara de Vereadores de Currais Novos e ficar a par dos trâmites políticos da cidade;
- O canal 57 – TVCOM, que tem uma programação voltada para a educação e entretenimento;
- O canal 70, que são câmeras de segurança espalhadas pelos principais pontos da cidade (um investimento da própria Sidy's, sem ajuda financeira da Prefeitura nem do Estado).

A operadora disponibiliza o sinal gratuitamente para a Polícia Militar do município para que o órgão tenha acesso a essas câmeras, monitorando, ao vivo, o que acontece nestes respectivos pontos. A iniciativa foi do próprio Siderley Menezes, pensando no setor privado. São oito câmeras funcionando hoje, mas se as pessoas de algum bairro tiverem interesse em colocar no seu respectivo quarteirão, basta juntar os vizinhos e comprar a câmera.

Também de forma gratuita, a empresa oferece o sinal de TV a Cabo para algumas escolas públicas e entidades filantrópicas da cidade, contribuindo para o aprendizado por meio de canais como Cultura e TV Escola. A Sidy's também já disponibilizou 20 linhas gratuitas para um bairro pobre da cidade. De acordo com dados de 2013 fornecidos pelo site institucional da empresa, a área de cobertura engloba os principais bairros, como o JK, o Parque Dourado I e II, o Sílvio Bezerra de Melo e o Centro. Atualmente, totaliza mais de 7 mil assinantes e cerca de 25 mil telespectadores locais.

A empresa também coleciona vários prêmios, dentre eles o Prêmio Marcas & Talentos de 2016, o Prêmio Seridó S/A de 2016, o Prêmio NeoTV de 2014 e o Prêmio Operador Cidadão de 2008, como melhor projeto de Responsabilidade Social, através do quadro Solidariedade, do programa TV Cidade, que falaremos adiante.

A partir de R\$29,90, o cidadão de Currais Novos pode se tornar assinante da Sidy's TV a Cabo e ter acesso a todos os canais locais. São ofertados diversos pacotes de TV e também combos de TV e Internet Banda Larga. Hoje, também disponibiliza sinal digital. Consultada sobre a possibilidade de anexar os valores completos de cada pacote nesta dissertação, a direção achou por bem suprimir, pois os preços oscilam bastante de acordo com cada época do ano e com a situação do mercado nacional ou local.

Vale salientar também que, no segundo semestre de 2014, o diretor da Sidy's TV a Cabo, Siderley Menezes, lançou o projeto “Um presente para o sertão”, que diz respeito à expansão do sistema de TV a Cabo e Internet para a região do Seridó, inicialmente, e em

seguida para a região do Trairí. Participaram do lançamento os prefeitos de cidades vizinhas como Acari, São Vicente, Santa Cruz e Parelhas. Com essa expansão, cada município terá a possibilidade de contar com os seus próprios canais locais. Em janeiro de 2016, foi anunciada parceria da Sidy's TV a Cabo com a Wirelink Telecom, que possibilitou a garantia da execução do projeto “Um presente para o sertão” nas cidades de Caicó e Acari para os próximos seis meses. A intenção é ligar, através de fibra óptica, as cidades de Currais Novos, Acari, Cruzeta, São José do Seridó e Caicó. Abaixo, trecho da matéria da Revista Pulsação, que fala sobre Siderley Menezes e a sua contribuição no mercado de comunicação seridoense:

Junto com os serviços de internet e TV a cabo, o objetivo do empresário é incentivar a produção local, nas cidades contempladas com o projeto, através de canais ofertados para as instituições, como já acontece em Currais Novos, além de implantar o canal da Sidy's, tornando-o regional. “Já tenho autorização da Anatel para Acari, Caicó e Santa Cruz”, revela. (SOUZA, 2016, p. 24).

Percebemos que as empresas de TV a Cabo hoje, no Brasil, investem em grandes espaços urbanos, como é o caso do eixo Rio de Janeiro-SãoPaulo. A Sidy's TV a Cabo se destaca por ter buscado o caminho oposto: o de investir no interior, num público de pequeno porte e que, muitas vezes, são pessoas de baixa renda, que só têm a televisão como o divertimento diário. De acordo com Siderley Menezes, a tecnologia de grandes operadoras como SKY e NET é a mesma utilizada pela Sidy's TV a Cabo, o que muda mesmo é a vertente trabalhada, esta que nos dá total respaldo para a importância da pesquisa.

5.3 CANAL 4: PROGRAMAÇÃO E ESTRUTURA ORGANIZACIONAL

A Sidy's TV a Cabo é a empresa de comunicação que mais gera programação televisiva local no interior do Rio Grande do Norte, através do canal 4. De acordo com o mais antigo operador técnico da empresa, Emanuel Batista (Birrinha), o canal 4 funciona desde que foi fundada a operadora, em 1992. Não existe informação precisa do dia e do mês exato em que foi ao ar pela primeira vez, entretanto, o funcionário afirmou que a transmissão era esporádica e não diariamente, além de se tratar apenas de algumas legendas informativas (lembrando muito o que se tem hoje com o Jornal Eletrônico, que falaremos a seguir). De início, o canal funcionava no número 2 e a primeira transmissão ao vivo só se deu em 1994.

Os assinantes, do pacote básico ao completo, têm acesso a tudo que é midiaticizado sobre o cotidiano da cidade de Currais Novos diariamente, inclusive, com transmissões ao vivo dos principais eventos sócio-culturais, como o Carnaxelita, o Forró Novos e a Festa de Sant’Ana. Vale salientar que também é possível assistir ao canal, em tempo real, através do site institucional da operadora.

Figura 8 - Logomarca e slogan do canal 4, de Currais Novos



Fonte: Fanpage da Sidy's TV a Cabo.

A programação do canal 4 conta com conteúdos variados, com matérias jornalísticas, entrevistas, apresentações musicais e também espaço publicitário entre os programas. Abaixo, organizamos uma “grade” da programação, destacando o conteúdo geral de cada programa e se ele é produzido pelo canal 4 ou se é um conteúdo apenas terceirizado, ou seja, o canal 4 apenas cede o espaço para estes produtos, mas não é o responsável por sua elaboração, produção e/ou gravação. O percentual de programas produzidos pelo próprio canal em relação ao número total de programas é de 25%, como vemos abaixo:

Tabela 4 - Programação do canal 4, de Currais Novos

PROGRAMA	EXIBIÇÃO	CONTEÚDO	PRODUÇÃO
Comentário Esportivo	Segunda à sexta, das 11h30 às 12h	Novidades do esporte na região do Seridó	Canal 4
TV Cidade	Segunda à sexta, das 12h às 13h30	Matérias jornalísticas acerca do dia a dia da cidade.	Canal 4

Nossa Terra na TV	Sábado, das 12h às 14h	Programa de variedades, sempre com atrações musicais/culturais.	Canal 4
Vivência Sertaneja	Segunda, das 17h30 às 18h30	Cultura Popular com o humorista curraisnovense “Coroné Cafuçu”	Terceirizada
Vitrine da Cidade	Segunda à sexta, das 11h as 11h30	Exibe as ofertas e novidades do comércio da cidade	Terceirizada
Repórter Seridó	Segunda à sexta, das 18h30 as 19h	Programa policial	Terceirizada
Nossa Música	Segunda, das 19h às 20h	Programa com artistas locais e da região	Terceirizada
Pauta Livre	Terça, das 19h às 20h	Programa de debates e entrevistas	Terceirizada
Currais Novos em Foco	Quarta, das 19h às 20h Sábado, das 11h às 12h (reprise)	Cobertura de festas e eventos sócio-culturais	Terceirizada
Na Aba do Totoró	Quinta, das 19h às 20h	Programa dedicado à cultura nordestina, com o poeta curraisnovense Sérgio Cleto	Terceirizada
A Hora Única	Sexta, das 19h às 20h	Programa produzido pela escola privada Única Master	Terceirizada
TJRN	Sábado, das 10h40 às 11h	Programa com notícias do Tribunal de Justiça do RN	Terceirizada

Fonte: elaborado pelo autor.

Um dos destaques da programação é o Jornal Eletrônico, que vai ao ar durante pelo menos 10 horas por dia. De acordo com o designer gráfico Adriano Santori, que trabalha a frente do Jornal Eletrônico há 13 anos, ele existe desde o surgimento do canal e foi criado justamente para preencher um espaço que havia na programação do canal 4 quando não estavam indo ao ar os programas ao vivo. A equipe a frente deste produto era composta por quatro pessoas: um digitador, dois revisores de texto e um designer gráfico. Hoje, Adriano segue sozinho na sua elaboração e execução.

O JE, como é conhecido, é feito através de um programa de computador chamado *Scala*³¹, que tem a mesma proposta de um *Power Point*: produzir e exibir *slides*. Esses slides são feitos de acordo com o que o cliente quer ou de acordo com a informação que a própria empresa deseja e em cada tela o usuário pode colocar o tempo de exibição. Adriano Santori afirma que, por não se tratar de um texto que o telespectador tenha a alternativa de parar a tela para ler, opta sempre por usar textos curtos e de fácil entendimento, com fontes grandes e com a velocidade razoável (em média 20 segundos por tela), o suficiente para a leitura ser feita com sucesso. O designer também nos informou que, por um breve período, já foi dada a opção de incluir vídeos no JE, entretanto, travava bastante os computadores e a demanda não era tão alta. Hoje, essa alternativa não é mais viável ao cliente.

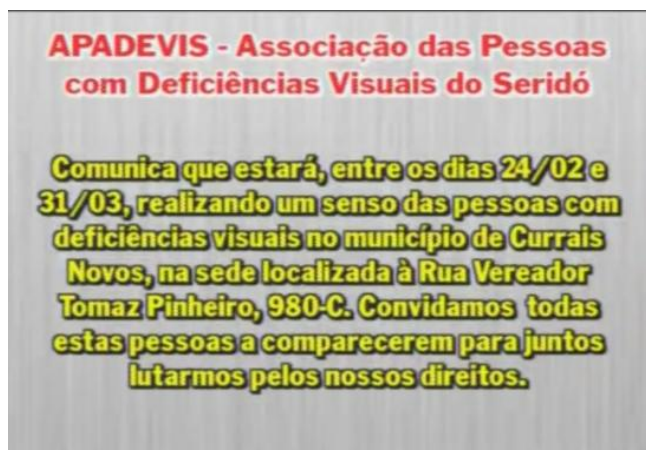
Funciona como uma espécie de mural informativo, dividido em sessões: farmácia de plantão do dia (a própria Secretaria de Saúde do município envia uma planilha mensal com essa informação), torpedos (para aniversariantes, formandos ou namorados, por exemplo), o cantinho da saudade (que são notas de falecimento e avisos de missas em homenagem aos entes que faleceram³²), notas (anunciar documentos perdidos ou comunicados de utilidade pública, por exemplo) e onde comprar (seção apenas com empresas divulgando os seus serviços ou promoções comerciais).

O Jornal Eletrônico é atualizado diariamente e está aberto à comunidade sob uma taxa ou gratuitamente, pois varia de acordo com o conteúdo da mensagem que o cidadão/entidade deseja que vá ao ar. Por exemplo: mensagens de utilidade pública (Figura 9) ou notas de falecimento (Figura 10) não são cobradas, enquanto um torpedo de aniversário (Figura 11) possui uma taxa, que varia de acordo com a quantidade de texto/telas, para ser transmitido durante um dia inteiro. A dinâmica acontece da seguinte forma: o telespectador que quer colocar um torpedo, por exemplo, leva a foto física da pessoa homenageada (que é digitalizada e devolvida na hora) ou transmitida através de um *pendrive* e preenche uma folha com o nome, mensagem, oferecimento, se quer a foto na tela cheia ou na lateral e se o pagamento vai ser à vista ou no débito em conta. O cliente também tem a opção de escolher mensagens prontas, que já são disponibilizados pela própria empresa. Existe uma ficha de preenchimento para cada uma das sessões desejadas: torpedos, avisos de missa, notas de falecimento ou publicidade.

³¹ Como a exibição do JE será em HD muito em breve, esse programa deverá ser substituído, pois não suporta o tamanho necessário. O *Scala* é pioneira na indústria de painel digital, com mais de 300 mil licenças em uso no mundo todo hoje. Site: <http://scala.com/br/>.

³² Antigamente, apenas as famílias enviavam as informações sobre o falecimento para a TV. Hoje, é algo comumente feito já pelas empresas funerárias.

Figura 9- Exemplo de mensagem de utilidade pública



Fonte: Print do site da Sidy's TV a Cabo

Figura 10 - Exemplo de mensagem das Notas de Falecimento



Fonte: Print do site da Sidy's TV a Cabo

Figura 11 - Exemplo de mensagem dos Torpedos



Fonte: Print do site da Sidy's TV a Cabo

Todo dia, a meia noite, as informações do JE são atualizadas. O próprio segurança da empresa entra na sala de diagramação e aperta um botão que muda as telas para o dia em questão. Então, o telespectador que dorme tarde, já começa a ter conhecimento sobre o dia seguinte. Antigamente, também era possível colocar nota de falecimento no final de semana, mas, atualmente, não mais. Adriano Santori nos contou que existiram algumas situações desagradáveis por esse motivo junto a alguns clientes, mas a população já está ciente dessa mudança e já compreendeu.

Quando questionado sobre situações inusitadas que aconteceram ao longo dos 13 anos a frente do JE, Adriano Santori logo se recordou de três:

Certa vez, um assinante pediu para colocarmos no ar um aviso de missa de 7º dia e nos trouxe uma foto em que havia várias pessoas. Quando questionado sobre quem era o falecido, a pessoa apontou para um dos integrantes da foto. Então, assim fizemos. Colocamos a foto, o dia, o horário e o local da missa. Poucos minutos depois, a pessoa da foto nos liga e diz que recebeu uma ligação de um amigo questionando sobre a missa de sétimo dia dele. E ele responde: “eu não sabia nem que eu tinha morrido”. Logo, fizemos a alteração e tudo ficou bem. As pessoas sabem que não é maldade da gente e sim um mal entendido da pessoa que veio deixar a foto. Outra foi a questão de um relógio. Às 14h de um determinado dia, um cliente veio à empresa para divulgar um relógio que ele havia trazido dos Estados Unidos. E sempre que o cliente vem, eu faço a publicidade no computador e coloco na tela pra ele ver como vai ficar. Assim, o fiz. Só que naquele segundo que eu coloquei pra aprovação do cliente, ele recebeu uma ligação de um assinante que tava ligado no JE e concluiu a venda. Ele desistiu de fazer a publicidade.

Uma vez recebemos também o pedido de um torpedo para um marido que ooferecimento eram de duas esposas, pois ele era mesmo casado com as duas. Isso causou um alvoroço. (informação verbal)³³.

Adriano Santori notou que, nos últimos anos, houve uma redução significativa na quantidade de conteúdos postados no Jornal Eletrônico, especialmente quando se trata dos torpedos. Ele atribui essa diminuição pela crise no país, mas também pela chegada da internet, das redes sociais e, especialmente, do aplicativo *Whatsapp*. “Há uns 10 anos, eram cerca de 15 a 20 torpedos por dia. Hoje, já é bem menos, pois as pessoas se declaram pelas redes sociais. A diferença é que nem todo mundo é seu amigo numa rede social, mas toda a cidade te vê quando você coloca uma nota no canal 4”, afirmou o designer.

Questionamos Adriano Santori como ele enxerga a importância deste conteúdo do canal 4 para a população de Currais Novos e ele foi enfático ao dizer que:

³³ Entrevista concedida por SANTORI, Adriano. Entrevista. [dez. 2016]. Entrevistador: Maríllia Graziella Oliveira da Silva. Currais Novos, 2016. 1 arquivo .mp3 (30 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrito no Anexo J desta Dissertação.

Na minha visão, eu imagino que o Brasil sempre foi colonizado pelos estrangeiros e sempre tenta ser invadido pelo que acontece lá fora. Sempre foi assim. Então, toda essa mídia do Sul/Sudeste do país se preocupa em passar filmes de faroeste, divulgar artistas norte-americanos na sua grande maioria e toda uma cultura estrangeira que tenta acabar o que a gente tem de bom. Se você for ver a produção midiática do Sul/Sudeste do país, existe um grande preconceito com o Nordeste: ou eles fazem chacota do nosso sotaque ou eles falam sobre seca e pobreza. E também existe, desde Lampião, uma disputa entre litoral e sertão. Ou seja, se você pegar em termos turísticos, existe um desenvolvimento maior nas cidades litorâneas e quase nada resta pro sertão. Tá melhorando um pouco agora, mas ainda é muito pouco. Existe uma proposta política para que essas cidades “inferiores” continuem inferiores e interioranas, de não terem desenvolvimento. Aí, onde entra uma TV a Cabo dessa, lutando, ao meu ver, contra tudo isso? Na hora que você tá divulgando sua cidade, as pessoas tão mais interessadas em saber sobre o prefeito de Currais Novos do que sobre Michel Temer, ao invés de divulgar eventos do sul do país, nós estamos falando sobre os cantores, artistas, pintores daqui... a cultura local é mais valorizada nesse sentido. (informação verbal)³⁴.

Segundo informações disponibilizadas pela direção, o canal 4 conta com uma equipe de 29 pessoas, a maioria trabalhando em prol dos programas Comentário Esportivo, TV Cidade, o Nossa Terra na TV e também do “Jornal Eletrônico”. Na função que denominaremos de jornalista/repórter/apresentador existem seis pessoas, uma produtora, quatro cinegrafistas, um sonoplasta, um operador de vídeo, um locutor, um editor de imagens, um supervisor administrativo, uma atendente, um designer gráfico, uma administradora financeira, uma diretora do departamento financeiro, uma diretora geral, uma vendedora comercial, um supervisor comercial, uma auxiliar de serviços gerais, um auxiliar na manutenção e uso de equipamentos, um contador, um técnico de apoio e um vigia. De toda equipe, apenas duas pessoas (o apresentador do TV Cidade, Ismael Medeiros, e a produtora, Sâmara Othon) possuem diploma em Comunicação Social – Jornalismo.

Vale salientar também que, de acordo com informação da própria direção da operadora, com a regulamentação da ANCINE – Agência Nacional do Cinema – que fiscaliza as TVs por Assinatura, há cerca de 3 anos, a Sidy’s TV a Cabo foi obrigada a desmembrar o canal 4, ou seja, cada um com pessoas jurídicas independentes. Tanto é que o canal 4 é, hoje, propriedade dos três filhos de Siderley Menezes: Siderley Jatobá, Zoraya Jatobá e Zayama Jatobá.

³⁴ Entrevista concedida por SANTORI, Adriano. Entrevista. [dez. 2016]. Entrevistador: Maríllia Graziella Oliveira da Silva. Currais Novos, 2016. 1 arquivo .mp3 (30 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrito no Anexo J desta Dissertação.

5.3.1 TV Cidade: a maior audiência

Como descrito no nosso capítulo metodológico, realizamos entrevistas em profundidade com oito assinantes da Sidy's TV a Cabo. Uma das questões levou a uma unanimidade: o TV Cidade é considerado o programa de televisão mais importante quando se trata de transmitir informações referentes ao dia a dia da cidade. A partir desta informação, observamos com maior cautela o conteúdo e optamos por um instrumento de coleta voltado diretamente para ele. Decidimos assim, como já explicitado no capítulo anterior, acompanharmos, dentro do próprio estúdio três programas do TV Cidade. O programa é ao vivo e vai ao ar de segunda à sexta feira, das 12h às 13h30³⁵, e existe há cerca de 13 anos.

Existem pelo menos sete quadros fixos no programa TV Cidade³⁶:

a) Carimbo Premiado: de segunda à quinta, nas edições do TV Cidade, aparece a imagem de um carimbo no cantinho da tela, de forma esporádica. Quem contar a quantidade correta de carimbos no final da semana e enviar uma cartinha com o número de carimbos, nome e endereço para a Sidy's TV a Cabo, passa por um sorteio e pode ganhar um prêmio que normalmente é um crédito de R\$300 para ser usufruído em uma loja da cidade. Na edição da sexta, o sorteado tem que buscar o prêmio ao vivo, no programa;

b) Tô de olho: neste quadro é como se o telespectador virasse repórter por um dia. Através do aplicativo *whatsapp*, a produção do programa recebe vídeos e seleciona os que vão ao ar. Pode ser qualquer tipo de vídeo, seja denúncia de um esgoto estourado, de um poste com luz apagada, ou vídeo de aniversário, casamento ou qualquer outra situação. Geralmente, os vídeos selecionados são os que possuem utilidade pública;

c) Dica de Saúde: quadro comercial (uma empresa voltada para a saúde patrocina, pois tem sua marca divulgada) sempre traz uma dica de saúde relevante para a população de Currais Novos;

d) Pensamento do Dia: no início de todas as edições do programa, o apresentador traz uma mensagem reflexiva sobre a vida para os telespectadores;

e) Conectado: interação entre telespectadores e apresentador através das redes sociais;

³⁵ Entretanto, pode passar um pouco do horário limite, de acordo com a demanda de matérias e anúncios publicitários.

³⁶ Existem também quadros esporádicos, que aparecem de acordo com determinada demanda, mas sem regularidade.

f) Boletim Policial: informações diárias atualizadas sobre tudo o que acontece no âmbito policial de Currais Novos e região. Existem equipes de plantão 24h e também nos finais de semana para que nada escape. Quem assume a apresentação das notícias é o comunicador Cleto Filho;

g) Solidariedade: quadro que tem como objetivo mostrar um morador da cidade com algum problema de saúde e arrecadar o valor necessário para que ele consiga o tratamento.

Ao entrarmos no estúdio pela primeira vez pudemos registrar duas câmeras, um *teleprompter*, cenários móveis (pois todos os programas são gravados no mesmo estúdio), três televisores para retorno e uma mesa com computador que é ocupada, principalmente, pela produtora.

Figura 12 - Foto do estúdio de gravação do TV Cidade



Fonte: elaborada pelo autor

Acompanhamos os dias 19, 20 e 21 de dezembro. As datas foram selecionadas após termos conhecimento que a edição do dia 19, uma segunda-feira, seria especial, toda voltada para a campanha Mutirão de Natal, um projeto social da Igreja Adventista do Sétimo Dia que tinha como meta arrecadar 10 mil toneladas de alimentos que seriam destinados a instituições de caridade do município e famílias carentes. A Sidy's TV a Cabo é uma das empresas parceiras dessa campanha e dedicou um dia de programação ao vivo para arrecadar alimentos. Já os dias 20 e 21 de dezembro seguiram uma programação normal. Consideramos importante levar em conta uma edição especial que tivesse participação forte e direta dos telespectadores, como foi a edição do Mutirão de Natal.

Abaixo, compilamos anotações coletadas de acordo com a edição do dia 19 de dezembro, uma segunda-feira:

- Entramos no estúdio às 12h. Ainda estava no ar o apresentador do programa Comentário Esportivo, Lázaro Jordão. Havia uma árvore de natal montada no estúdio com exatamente 15 pacotes de alimentos, como se fossem presentes. Ao lado, uma mesa com duas funcionárias da empresa que estavam recebendo ligações ou mensagens de *whatsapp* com doações para a campanha. O ambiente contava com cerca de 10 pessoas. Às 12h10, Lázaro Jordão chama duas alunas do colégio particular CIVE para cantarem uma canção natalina. As meninas sorriem bastante para a câmera e uma delas sempre se olhava para uma das televisões de retorno. Ao acabar a canção, uma das meninas corre para a mãe e um pouco chateada diz: “não consegui nem mandar um beijo para as minhas amigas da escola”;

- Às 12h20, entra o apresentador do TV Cidade, Ismael Medeiros e logo faz o primeiro momento do programa, o Pensamento do Dia. O apresentador fala sobre a falta de comida na casa das pessoas e o quanto temos sorte de poder ajudar outras pessoas. A partir daí, vários funcionários entram e saem com pacotes e mais pacotes de doações. Entram a todo instante e depositam as colaborações na árvore. Constantemente o apresentador chama atenção para os produtos que chegam: “chegaram mais 9 pacotes de macarrão; mais 5 pacotes de arroz” e assim por diante;

- Durante 15 minutos, o apresentador conversa com representantes das entidades que serão beneficiadas com as doações da campanha. Um dos convidados, o diácono responsável pela Casa do Pobre, enfatiza: “o povo de Currais Novos é muito solidário”;

- Às 12h54 entram vários funcionários para entregarem 200 pacotes de bolacha doados por uma padaria local. O tempo inteiro as pessoas entram no estúdio para entregar doações diretamente na árvore de natal. Em uma das sacolas está escrito uma mensagem bíblica assinada por uma família e o apresentador faz a leitura ao vivo. Da mesma maneira, as meninas responsáveis por anotar ligações e *whatsapp* com doações falam os nomes das pessoas que estão enviando mensagens com suas contribuições e uma delas pede para dizer que é fã de Ismael Medeiros. Pouco depois, o apresentador anuncia que, além da campanha, naquela edição haverá ainda o quadro Solidariedade;

- O quadro Solidariedade começa e se trata de Dona Maria, moradora de um bairro considerado pobre da cidade. O apresentador chama um vídeo gravado de celular em que Dona Maria, durante a arrecadação do mutirão nos bairros da cidade, diz que não tinha quase nada em casa, mas que se ela tivesse só um 1kg de alimento, ainda assim, doaria. Ela

diz: “Parece que quando eu tiro um pacote, Deus bota outro”. Ismael Medeiros anuncia que a família de Dona Maria será uma das beneficiadas com a campanha;

- Duas pessoas chegam ao estúdio e participam ao vivo do programa, mesmo sem estarem escaladas. Nesse meio tempo, as apresentações musicais continuam com crianças de algumas escolas e também a presença de José Fernandes, um dos cantores curraisnovenses que participou do programa X Factor Brasil;

- Faltando apenas 2 minutos para encerrar o programa, um dos donos dos supermercados mais antigos da cidade, Manoel Venâncio entra no estúdio (também sem estar programado) e anuncia sua doação de 1 tonelada de alimentos. Em sua fala, diz que “Currais Novos se doa e doa bastante” e “como o povo de Currais Novos é bom, como dão de coração”;

- Nesta edição, contamos 4 publicidades ao longo do programa e também registramos dezenas de pessoas entrando e saindo do estúdio;

- Fotografamos a árvore assim que o apresentador do TV Cidade apareceu, às 12h20 e logo após o fim do programa, às 14h (Figura 13).

Figura 13 - Doações durante o programa TV Cidade especial Mutirão de Natal



Fonte: elaborado pelo autor.

Já na edição do dia 20 de dezembro, uma terça-feira, encontramos um cenário completamente diferente do dia anterior, mais organizado e até mesmo mais silencioso, com menos gente trabalhando:

- Ao entrarmos no estúdio, às 12h em ponto, no espaço estavam apenas o apresentador, duas câmeras, um técnico de apoio e a produtora. Sentamos ao lado da produtora para que pudessemos ver o texto que estava indo ao *teleprompter* e também para que pudessemos tirar algumas dúvidas que pudessem surgir ao longo do programa, como, por exemplo, a duração do intervalo comercial, que varia de 3 a 5 minutos cada;

- O programa teve início às 12h04, com o apresentador falando as chamadas das matérias que estariam presentes no decorrer da edição. Depois, ele deu início ao Pensamento do Dia, em que falava sobre a importância de perdoar. No primeiro intervalo, o apresentador gravou um vídeo para as redes sociais convidando os telespectadores a assistirem o TV Cidade;

- O apresentador retorna do intervalo logo falando do Carimbo Premiado;

- Enquanto a primeira matéria vai ao ar, um dos diretores entra no estúdio e diz que vai precisar entrar no final do programa para anunciar o clipe oficial de natal. Além disso, percebemos que todos os integrantes da equipe conversam sobre uma das pessoas que passam na matéria, como uma conhecida ou uma vizinha;

- Às 12h26 começa o TV Shop, que é um espaço publicitário em que as lojas podem fazer os seus anúncios de promoções (infocomercial). Na grande maioria, são os repórteres da própria Sidy's que gravam essas ofertas nas lojas. O quadro dura cerca de 5 minutos;

- Às 12h31 começa o Tô de Olho, que é um quadro considerado muito relevante por toda equipe. O quadro durou cerca de 4 minutos e o apresentador ainda passou cerca de 1 minuto comentando a respeito de alguns deles;

- Às 13h19 começa o quadro Boletim Policial, com o comunicador Cleto Filho. Teve duração de 10 minutos e abarcou um acontecimento em Lagoa Nova, cidade vizinha;

- Nesta edição, foram 10 publicidades faladas pelo apresentador (merchandising);

- No total, contando com o Boletim Policial, foram ao ar 13 matérias. Dentre elas, estavam confraternizações de segmentos trabalhistas da sociedade curraisnovense, um aviso da CAERN, a festa de formatura da turma do 9º ano de uma escola particular da cidade, uma escola municipal que não tem vagas e os pais estão acampando durante a madrugada para garantir o seu lugar na fila e também sobre uma exibição de filmes realizada pela Prefeitura;

- Nos minutos finais, o diretor do canal entra para anunciar o clipe de natal, com uma música que já é tradicional de outros períodos de fim de ano, mas com novos artistas da cidade. Todos no estúdio assistem juntos e comentam a respeito.

O último dia em que observamos o TV Cidade a partir do próprio estúdio de gravação foi uma quarta-feira, dia 21 de dezembro. Neste dia, a produtora não estava se sentindo bem e quem assumiu o TP foi uma das repórteres da empresa. Continuavam presentes os dois câmeras, um técnico de apoio e o apresentador:

- Chegamos ao estúdio às 12h, mas o programa só teve início às 12h09, com a chamada das matérias que seriam transmitidas ao longo da edição. Depois, o apresentador entra com mais um Pensamento do Dia, só que, dessa vez, com um oferecimento publicitário;

- O apresentador fala mais uma vez sobre a árvore de natal, que está recebendo presentes para o natal das crianças e lembra aos telespectadores que continuam valendo os carimbos premiados;

- Às 12h26 vai ao ar mais um TV Shop, com algumas lojas diferentes das lojas do dia anterior. Tem duração de 5 minutos;

- Em seguida, o apresentador anuncia a Dica de Saúde com a Ortodonto, uma clínica da cidade. Um dentista da cidade fala sobre a importância dos cuidados bucais em crianças;

- A câmera foca no apresentador que comunica o falecimento de Dona Raimunda, que participou do quadro Solidariedade na semana anterior. Ele fala com pesar e todos no estúdio ficam bastante tristes. Algumas cenas vão passando e o apresentador falando um pouco como foi a arrecadação e o problema que a senhora sofria naquele momento. As doações já tinham sido entregues e que o dinheiro provavelmente será utilizado agora para cuidar do funeral da mesma;

- Às 12h48 começa uma entrevista com o prefeito reeleito e com dois secretários da cidade vizinha, Acari. Eles foram convidar a população de Currais Novos para participar de uma festa natalina que está sendo preparada na cidade. A entrevista perdura por cerca de 40 minutos;

- Esta edição do programa teve oito publicidades faladas pelo apresentador e sete matérias, contando com o Boletim Policial. Dentre as matérias, destacamos o caso de um bebê que nasceu com mais de 4kg e a família, que foi pega de surpresa, está sem fraldas e roupas para o tamanho dele e o apresentador diz o endereço da família para receber doações. Além disso, uma matéria sobre o início das matrículas nas escolas públicas da cidade.

Em entrevista com a produtora Sâmara Othon, que trabalha a frente do TV Cidade há 5 anos, percebemos que a impressão interna é que as pessoas da cidade veem o canal 4 como uma espécie de órgão público, justamente por abraçar as causas sociais, especialmente. É

como se a população acreditasse que o canal tem a obrigação de servir à comunidade. Muitos inclusive chegam a usar a frase: eu sou assinante, então, eu tenho o direito de exigir. Mas, ao longo dos anos, é como se o canal viesse cumprindo justamente um papel de mãe ou de solucionadora dos problemas sociais de Currais Novos. Sâmara Othon (2016) conta:

Quando cheguei para trabalhar na Sidy's, eu percebia que situações da vida íntima, como casais tendo discussões ou marido que agredia a esposa, eram trazidas para cá e isso se tornava público através da TV. O retorno que dá na resolução do conflito divulgando na Sidy's do que procurar a delegacia é mais rápido. Um esgoto estourado, por exemplo, o pessoal não vai procurar a CAERN, vem procurar a Sidy's, porque sabe que na hora que a gente mostra, à tarde o problema já está sendo resolvido. Buracos em via pública da mesma forma... Então, percebendo esse imediatismo as pessoas se aproveitam muito desse canal. E como a demanda chegou a ser gigantesca, tivemos que criar um quadro em que as pessoas pudessem virar repórter por um dia, que é o Tô de Olho!. E foi quando realmente nos deixou um pouco mais aliviados em relação à demanda de denúncias corriqueiras. Esse quadro vai ao ar toda terça e quinta. Então, eu acho que isso é um respaldo de que a TV passa o cotidiano para a comunidade assim como a comunidade fornece o cotidiano para a TV. E eu acredito que isso é reflexo da abertura que o próprio Siderley Menezes deu desde o início, que foi de trazer o telespectador pra TV, não necessariamente fisicamente, mas trazer o seu próprio conteúdo, sua própria ansiedade e etc. O que as TV's nacionais estão fazendo hoje, a Sidy's já faz há mais de 20 anos;

Outra coisa, a Sidy's tem um poder de mobilização social muito forte. Várias campanhas, como o SOS Adultora, SOS Hospital, só ganharam força quando foram encabeçadas pela TV. E eu posso dizer sem medo que aqui, toda e qualquer campanha só se torna grandiosa, em termos de solucionar determinado problema, quando ela tem a força do canal. Aliás, todos os meios de comunicação daqui são muito atuantes e nós temos uma parceria muito forte com todos. A rádio quando faz aniversário, vem divulgar a festa aqui, por exemplo. (informação verbal)³⁷.

Após acompanhar as três edições do programa e também pela nossa vivência enquanto telespectador do TV Cidade, consideramos pertinente falarmos sobre o quadro Solidariedade com a produtora. Perguntamos sobre a sua perspectiva a respeito do que já foi conquistado ao longo dos anos. Othon (2016) relatou que:

Lembro de duas edições que mais conclamaram a população a fazer a doação. Um dos casos foi a de um rapaz da comunidade foram a de um rapaz que morava numa casa de taipa e tinha um problema seriíssimo na pele. É como se a pele dele caísse o tempo inteiro, ressecava e caía. Quando você olhava, você se sensibilizava. Então, a princípio, a ideia era

³⁷ Entrevista concedida por Othon, Sâmara. Entrevista. [dez. 2016]. Entrevistador: Maríllia Graziella Oliveira da Silva. Currais Novos, 2016. 1 arquivo .mp3 (15 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrito no Anexo I desta Dissertação.

que fizéssemos o Solidariedade apenas para arrecadar o dinheiro para o tratamento dele. Mas a população ficou tão sensibilizada ao ver a realidade de miserabilidade que ele vivia que os assinantes doaram o suficiente para pagar o tratamento de pele, construir e mobiliar uma casa pra ele. O outro caso que chamou bastante atenção foi o de Seu Roque, que precisava de uma cirurgia de buco-maxilo-facial que o SUS não pagava, pois havia sofrido um acidente sério de moto e conseguimos arrecadar em torno de 20 mil reais em uma semana. Foi incrível. Aqui fazia fila fora da empresa para recebermos as doações. Fazemos Solidariedade de 15 em 15 dias ou até toda semana, depende da demanda. Semana passada mesmo, conseguimos arrecadar 3 mil reais em 40 minutos de programa. (informação verbal)³⁸.

É importante ressaltar que não existe uma fiscalização após a arrecadação. A empresa apenas se responsabiliza em entregar as doações para a pessoa necessitada. Antes, o quadro abarcava todo tipo de problema, hoje, pelo crescimento da demanda, a direção só seleciona pessoas com problemas de saúde e que não têm condições de pagar o tratamento.

Acompanhar as três edições do programa TV Cidade e conversar com a produtora do programa foram duas etapas essenciais para compreendermos melhor a relação deste programa ao vivo com a população, como se dá a mediação da vida cotidiana de acordo com os quadros e matérias e também para reforçar algumas características que delimitam bem a identidade de Currais Novos, como veremos a seguir.

5.4 CANAL 4 E A IDENTIDADE CURRAISNOVENSE

Como explicitado no capítulo metodológico, baseamo-nos no modelo de triangulação de dados proposto por Yin (2005) para organizarmos os dados construídos a partir dos instrumentos utilizados na pesquisa: documentação, observação participante e entrevistas em profundidade. Entretanto, consideramos importante destacar que cada um desses instrumentos teve um grau de contribuição diferente.

A documentação, por exemplo, foi fundamental para que pudéssemos compreender o ambiente da pesquisa, sua caracterização e os aspectos históricos que circundam tanto Currais Novos quanto a empresa Sidy's TV a Cabo e também o canal 4. A observação participante, por sua vez, deu-nos um contato mais aprofundado com o objeto empírico e permitiu que estabelecêssemos conexões com a interação existente entre ele e a comunidade a que presta serviços, especialmente através do programa TV Cidade.

³⁸ Entrevista concedida por OTHON, Sâmara. Entrevista. [dez. 2016]. Entrevistador: Maríllia Graziella Oliveira da Silva. Currais Novos, 2016. 1 arquivo .mp3 (15 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrito no Anexo I desta Dissertação.

Já as entrevistas em profundidade foram as que mais nos trouxeram aporte para o desenvolvimento do texto que se segue. Vale salientar que, por motivos didáticos, os trechos das entrevistas serão utilizadas aqui em itálico e vamos referenciar cada entrevistado citado pelas primeiras letras dos seus nomes e sobrenomes, de acordo com a tabela 3 desta dissertação. Por exemplo: Siderley Menezes – SM, Graça Oliveira – GO e assim por diante.

Retomamos, assim, a pergunta-problema que norteou o nosso trabalho desde o início: como a midiatização do cotidiano, protagonizada pela programação do canal 4, de Currais Novos/RN, contribui para a construção da identidade local? Trazemos também as hipóteses levantadas na fase inicial: a) A programação é inteiramente voltada para midiatizar o que acontece no cotidiano da cidade e, dessa maneira, os assinantes, ou pelo menos boa parte deles, identificam-se e se sentem representados, como curraisnovenses, pelo que vai ao ar; b) O TV Cidade é o programa que melhor reflete o cotidiano vivido pela população de Currais Novos e pauta com relevância o fluxo informacional que ocorre na cidade. c) Mesmo compreendendo a partir da bibliografia estudada que a identidade está em constante construção, com a empiria, vemos que a identidade curraisnovense é caracterizada com aspectos em comum pela própria população local.

Pretendemos esgotar todos os elementos que envolvem a nossa questão-problema e emparelhá-los com as teorias que nos aportamos para o desenvolvimento desta pesquisa, especialmente, em torno dos conceitos de mídia local, midiatização, cotidiano e identidade. Vamos, assim, categorizar os nossos dados e pensamentos a partir de afirmações que incitam a resolução da nossa questão maior:

Currais Novos é um ambiente propício à comunicação

Como vimos ao longo desta Dissertação, Currais Novos foi a primeira cidade do Norte/Nordeste a ter TV a Cabo com o serviço de assinatura de canais nacionais e locais. Mesmo sem a realização de nenhuma pesquisa prévia, a aceitação diante do funcionamento da Sidy's TV a Cabo foi positiva e quase instantânea – para a década de 1990 – por parte da população local.

Salientamos que a chegada de uma tecnologia desenvolvida nos Estados Unidos numa cidade de pequeno porte localizada no interior da região Nordeste do Brasil – muitas vezes, historicamente, negligenciada – levantaria, no mínimo, uma curiosidade sobre a sua implementação e consolidação. Afinal, possui um contexto sócio-político-econômico-cultural completamente distinto do país de origem da televisão a cabo. Esse fato nos leva a

acreditar que não foi simplesmente uma questão de sorte ou de puro investimento financeiro, mas sim uma inclinação da população: acontecimentos históricos e, conseqüentemente, culturais que permitiram uma aceitação do público receptor.

Como nós estávamos saindo de uma “deprê”, em função do fim do ciclo da mineração - na década de 1980 tivemos 10 mil pessoas saindo de Currais Novos. A revista VEJA chegou a noticiar Currais Novos como uma cidade fantasma, com matéria de capa -, chega a Sidy’s e enche de vaidade a cidade (JB). Mas essa predisposição para a comunicação não pode estar associada apenas à vaidade do povo e nem deve ser vista como algo que surgiu a partir da chegada da operadora de televisão a cabo. Em 1900, já surgia, em Currais Novos, o primeiro jornal impresso da cidade, o Echo do Norte, criado pelo primeiro jornalista curraisnovense, Ulysses Telêmaco de Araújo Galvão. Em 1905, com apoio de outros intelectuais, Ulysses também publica A Voz Potyguar, o segundo jornal da cidade.

Entre as décadas de 1920 e 1930, circulavam, em Currais Novos, dois jornais impressos, O Porvir e o Galvanópolis e também a revista literária Ninho das Letras. O Galvanópolis foi criado pela primeira deputada eleita no Rio Grande do Norte, a curraisnovense Maria do Céu Pereira Fernandes, e teve um importante papel político ao se posicionar a favor do movimento pelo direito da mulher ao alistamento eleitoral.

Currais Novos também já foi conhecida como *a cidade com maior número de antenas parabólicas do Rio Grande do Norte (SF)* e se destaca por ter tido a primeira rádio em frequência modulada do interior do estado, A Sertaneja FM. Além disso, o computador existia em Currais Novos já na década de 1960, na Mina Brejuí, quando poucas cidades do Nordeste tinham contato com a nova tecnologia:

Figura 14 - Primeiro computador da Mineração Tomaz Salustino



Fonte: Blog Vento Nordeste

Currais Novos é vista por muitos – especialmente os que moram fora - como uma cidade diferente. *Nada aqui é comum igual aos outros. E o que você faz. Currais Novos ser diferente? O povo, as pessoas que são daqui, que sejam nascidas aqui ou não, mas uma vez é de Currais Novos e vive em Currais Novos, a cidade inspira isso* (SF).

Um dos nossos entrevistados nasceu em Acari e já morou em Caicó e diz que Currais Novos é uma cidade *em que as coisas acontecem, em que as pessoas valorizam a terra, são bastante bairristas. É uma cidade simpática, elegante em todos os sentidos. As pessoas gostam de se apresentar bem, as casas são bonitas, as ruas são bonitas, então, eu caracterizo como uma cidade bonita* (IM). Isso nos lembra uma questão levantada por Calhoun (1994 apud CASTELLS, 1999), em que o autor afirma ser o autoconhecimento um processo de construção e que nunca está dissociado à necessidade de ser conhecido, de modos específicos, também pelos outros.

Comprendemos, assim, que o fato da primeira operadora de TV a cabo do Nordeste brasileiro ter sido criada e ter dado certo em Currais Novos possui uma série de elementos de causa, como o empreendedor Siderley Menezes morar lá e ter tido condições financeiras de estudá-la em outros países e implementá-la na cidade, mas entendemos que se deve também a características da identidade local que criaram condições favoráveis a aquisição deste tipo de tecnologia. Por exemplo: o fato de Currais Novos ser uma cidade comunicativa (ZM; GO). *Isso mostra que o povo de Currais Novos sempre foi antenado, inquieto, que buscava a informação lá fora de alguma maneira. Os curraisnovenses vão para fora, eles viajam, mas eles voltam. Pode prestar atenção! A gente vai pra fora, se aperfeiçoa, mas acaba voltando* (SF). Dessa forma, fatores históricos e culturais fizeram com que a cidade e o povo que a constitui desenvolvessem características fundamentais para a aceitação de tecnologias que envolvem a comunicação e a informação.

O canal 4 é uma mídia local com traços de mídia comunitária

Quando tratamos sobre localidade neste trabalho, nos referimos às noções de pertencimento, território e informação. Neste sentido, para fazermos uma reflexão inicial, decidimos selecionar uma pequena amostra de partes do conteúdo exibido em um único dia (13/07) do Jornal Eletrônico, descrevendo as mensagens e relacionando-as com trechos de autores contemplados aqui. Dividimos de acordo com as principais sessões, aquelas que são exibidas, rigorosamente, todos os dias:

Tabela 5 - Descrição de telas do Jornal Eletrônico em 13/07/2016

SEÇÃO	TELA 1	TELA 2
Notas de falecimento	Nota de falecimento. A família da Sra. Francisca Paula Liberato comunica o seu falecimento. O corpo está sendo velado na Capela São Lucas. A celebração de corpo presente será hoje, às 16h, no mesmo local e logo após seu sepultamento no cemitério de Sant'Ana.	01 ano de saudade. Os familiares de Luzia Maria Marques convidam parentes e amigos para rezarem pela sua alma, dia 14/07, às 06h15min, na Matriz de Sant'Ana. Agradecem os familiares.
Torpedos	Maria Elisa (01 aninho). Minha pequenina bebê, você trouxe amor e felicidade para nossa casa e para a nossa família. Você completou o vazio que ainda existia dentro de nós com os seus sorrisos, com o seu olhar. Feliz aniversário! Nós a amamos! Mamãe Solália, papai Eliedson, avós Maria, Gorete e Luiz, Francisco Vitor (in memoriam), tios e primos.	Merecidamente você conseguiu. E hoje os aplausos são todos para você. Parabéns! Sempre acreditamos que este dia chegaria! Que Deus te acompanhe sempre! Te amamos! Seus pais Eduardo e Ivanete, irmãos Eduardo Filho e Joab. Isadora Cristina. Medicina - Federal Campina Grande.
Notas publicitárias	As festividades chegaram e você que vai receber parentes e amigos para as festas, aqui na Decorarte Enxovais você encontra lençóis, toalhas, travesseiros, redes e muito mais. Rua Laurentino Bezerra, 63. Fone: 3412-1443.	Venha completar o seu look e dar um TOK na sua produção para as festividades de Sant'Ana. Na TOK ACESSORIOS você encontra tudo que precisa com preçinhos super acessíveis. Na compra de um cinto, leve inteiramente grátis o segundo. Rua Vivaldo Pereira 48 (em frente ao Detran). Fone 98704-1766/99973-6431.

Fonte: elaborado pelo autor

Quando se trata da seção de notas de falecimento, percebemos que, em ambos os casos, não se há detalhamento de endereço dos locais onde haverão as missas ou o sepultamento. Isso é regra em todas as notas de falecimento. Podemos inferir, assim, que quem receberá a mensagem já conhece os lugares e suas respectivas localizações, já que são pontos de referência para todos os curraisnovenses. Se um habitante de outra cidade que nunca foi a Currais Novos visse a mensagem, certamente, não conheceria as senhoras que faleceram nem saberiam como chegar aos locais explicitados. As situações citadas se

encaixam muito bem, por exemplo, com a flexibilidade da visão de território explicada por Souza (1995, p. 78), afinal, despertam “a diferença entre nós (o grupo, os membros da coletividade ou ‘comunidade’, os insiders) e os ‘outros’ (os de fora, os estranhos, os outsiders)”.

Em relação aos torpedos, vemos que todas as mensagens são acompanhadas de fotos das pessoas que estão sendo homenageadas. Por se tratar de uma cidade de pequeno porte, com menos de 50 mil habitantes, notamos poucas identificações, no máximo um nome e um sobrenome. Partimos, assim, do pressuposto de que os habitantes quase todos se reconhecem, mesmo que apenas de fisionomia.

A ideia de partilhar uma conquista pessoal com toda a cidade, como percebemos na mensagem da tela 2, nos remete a noção de informação local que, como já referenciamos através de Gonzalez (1996), é aquela “cujo interesse não transcende um âmbito geográfico e uma população reduzida, como por exemplo, uma cidade e sua zona de influência”. Ou ainda a noção de pertencimento de Bauman (2003), que diz que é sentir-se seguro, sentir-se compreendido, sentir-se em casa, sentir-se igual, sentir-se familiar...

Podemos notar também que, na seção publicitária, em ambas as mensagens temos uma referência às “festividades” ou “festa de Sant’Ana”. Julho é um mês de festas em Currais Novos, pois é quando a cidade comemora a festa da padroeira, além da tradicional Vaquejada, com muitas atrações culturais. Cabe aqui, especialmente, uma das características de mídia local desenvolvidas por Peruzzo (2003, p. 10): “explora o local enquanto nicho de mercado, ou seja, os temas e as problemáticas específicas da localidade interessam enquanto estratégia para se conseguir aumentar a credibilidade e a audiência, e conseqüentemente, obter retorno financeiro”. Ou ainda quando afirma que o local ou, podemos dizer, a mídia local, se caracteriza como “um espaço determinado (...) no qual a pessoa se sente inserida e partilha sentidos.” (PERUZZO, 2003, p. 4).

Nas mensagens do espaço publicitário descritas aqui, a informação é completamente direcionada e só fará sentido as pessoas inseridas naquele contexto. *Por isso, temos que zelar pelas transmissões ao vivo. Você está em casa e você pode assistir a procissão de Sant’ana, você pode assistir as quadrilhas dançando no Forronovos, pode assistir os trios passando no Carnaxelita (SF).* Da mesma maneira, quando alguém de Currais Novos, que nunca viajou para São Paulo, assiste ao Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão, e vê notícias sobre o trânsito na Marginal Pinheiros: pouco vai interferir no dia a dia ou no sentimento de pertencimento daquele que assiste.

Vale salientar também que, mesmo transmitindo uma notícia que seja de âmbito nacional, como o aumento do preço da gasolina, o canal 4 trata dessa notícia *mostrando a Dona Maria do bairro tal, tentando escutar alguém daqui da cidade, do próprio órgão aqui da cidade, então, nós narramos também as cenas nacionais, mas nós narramos com o olhar local, mostrando o que isso implica na vida cotidiana desse povo curraisnovense* (IM). *Eles não replicam notícias nacionais. Eles podem até trazer esse tipo de notícia a nível Brasil, mas o objetivo maior deles é trabalhar Currais Novos* (GO).

O que desperta a curiosidade do cidadão comum quando assiste uma televisão local é a questão do interesse pela proximidade. *A proximidade realmente atrai muito. E quando eu conheço a pessoa, confesso que desperta ainda mais o interesse de saber o que está acontecendo com aquela pessoa que a gente conhece e está participando da notícia* (LO). Inclusive, essa informação aproxima-se do que é proposto por Bauman (2005), já referido anteriormente, quando afirma que na maior parte da história da humanidade, as relações sociais se mantêm pelos domínios da proximidade.

Peruzzo (2005, p. 75) diz justamente que “a mídia local se ancora na informação gerada dentro do território de pertença e de identidade em uma dada localidade ou região”. Entretanto, apesar de se caracterizar como uma mídia local, podemos afirmar que o canal 4, de Currais Novos, também possui características de uma mídia comunitária (tabela 1), de acordo com a perspectiva de Peruzzo (2003):

- Divulga assuntos específicos das comunidades, de movimentos coletivos ou de interesse público, como as matérias “CAERN convoca inadimplentes para quitar débito”³⁹ ou “Prefeitura de Currais Novos conclui, amanhã, pagamento de 13º salário”⁴⁰ ou ainda “Professores do projuvem campo – saberes da terra avaliam ano letivo de 2016”⁴¹;
- Usa como estratégia a participação direta das pessoas do próprio lugar na programação, o receptor pode se tornar emissor e vice-versa, como é o caso do quadro Tô de Olho do programa TV Cidade, em que o cidadão pode fazer sua denúncia, seu agradecimento ou qualquer registro através de um celular;
- Quem produz (cria, fala, redige, edita, transmite etc.) as mensagens não é necessariamente um especialista, o profissional da comunicação, mas o cidadão comum. No caso do canal 4, temos apenas dois profissionais com habilitação em Comunicação Social,

³⁹ Disponível em: < <https://www.facebook.com/sidys/videos/1220336694716172/>>. Acesso em: 21 dezembro de 2016.

⁴⁰ Disponível em: < <https://www.facebook.com/sidys/videos/1215466731869835/>>. Acesso em: 21 dezembro de 2016.

⁴¹ Disponível em: < <https://www.facebook.com/sidys/videos/1213410992075409/>>. Acesso em: 21 dezembro de 2016.

enquanto a maior parte dos repórteres são pessoas da cidade que têm uma desenvoltura para a televisão;

▪ Os conteúdos dizem respeito às necessidades, problemáticas, artes, cultura e outros temas de interesse local. *A maioria das informações sobre Currais Novos nós sabemos a partir do canal 4. Por exemplo: um dia noticiaram sobre a existência de uma aula de piano no Casarão da Poesia e era o sonho da minha filha. No mesmo dia eu me dirigi ao lugar e fiz a inscrição dela nas aulas. Ela toca divinamente (VA).*

Dessa maneira, *uma empresa dessa com mais de 20 anos de experiência, onde a base de tudo é a vontade de mostrar a cidade pra ela mesma, isso já é digno de aplausos. E mais ainda: quando a gente percebe que a empresa faz isso de uma maneira positiva, transparente. A gente tem um histórico muito grande de prestar serviços à cidade (SF).* Essa prestação de serviços é nítida, principalmente, quando vemos um programa especial do Mutirão de Natal, em que as pessoas se dirigem fisicamente à empresa ou enviam da maneira que podem a sua doação⁴², quando vemos uma arrecadação de sucesso para campanhas como o TeleApae (Figura 15), ou ainda quando temos o quadro Solidariedade, do TV Cidade, que ajuda moradores de Currais Novos a conseguirem dinheiro para tratamento de saúde, como foi o caso de *Seu Roque, que precisava de uma cirurgia de buco-maxilo-facial que o SUS não pagava, pois havia sofrido um acidente sério de moto e conseguimos arrecadar em torno de 20 mil reais em uma semana. Foi incrível. Aqui fazia fila fora da empresa para recebermos as doações (SO).*

⁴² Disponível em: < <https://www.facebook.com/sidys/videos/1214247268658448/>>. Acesso em: 21 dezembro de 2016.

Figura 15 - Notícia sobre arrecadação para o TeleApae

11 de Novembro de 2014 - 09:41h Solidariedade

Arrecadação do TeleApae chega a R\$ 10 mil em dinheiro, além de poço tubular, piscina e fogão industrial



A campanha aconteceu no Canal 4 da SiDys TV a Cabo de Currais Novos.

Um sucesso o TeleApae 2014 realizado no Canal 4 da Sidys TV a Cabo de Currais Novos, nesta segunda-feira (10).

A campanha se estendeu até as 19h e arrecadou em dinheiro o valor de R\$ 10 mil, além de um poço tubular, um fogão industrial, uma piscina e uma geladeira.

Todos os anos a Apae realiza uma campanha em prol da entidade, este ano o dinheiro arrecadado será investido numa cozinha ampla para melhor atender as pessoas que utilizam aquele serviço.

Do blog: Parabéns a todos que contribuíram com essa campanha. A cidade mostrou também que um dos méritos do curraisnovense é o espírito solidário. #CurraisNovosCidadeAbençoada!

Fonte: Blog Jean Souza

Na edição especial do dia 19 de dezembro, do Mutirão de Natal, a qual acompanhamos dentro do estúdio, tivemos dois participantes da campanha tecendo comentários acerca da localidade: “o povo de Currais Novos é muito solidário” (diácono responsável pela Casa do Pobre); “Currais Novos se doa e doa bastante” e “como o povo de Currais Novos é bom, como dão de coração” (Manoel Venâncio, dono de um dos supermercados da cidade, que doou 1 tonelada de alimentos para o Mutirão).

Assim, vemos que é o canal 4 é de grande relevância para a cidade. Ele ajuda muito a população mais carente, mais pobre. Ele está presente em tudo, não só no social. As minhas necessidades são expostas lá. Toda a população vê o que eu vejo em relação ao social. E quando existem reivindicações, atinge diretamente a mim.

Ademais, quando pensamos sobre essa televisão local perder força diante das novas mídias, temos duas vertentes: aquela que diz que não perde espaço, *por causa da repercussão do que acontece aqui. Então, considerando isso, o canal 4 ainda é o principal*

meio de comunicação da cidade. E acho que vai demorar que isso seja desconstruído por uma cultura que a cidade tem e porque as pessoas se veem (IM); e aquela que diz que está perdendo público, pois há um foco muito grande para o policial e outro foco muito grande para a entrevista e porque ainda há uma segmentação muito forte. Você tem uma influência muito acentuada de muitos segmentos enquanto outros são desprezados (JB).

A importância do canal 4, por mais local que seja, pode se equiparar a relevância de um canal de abrangência nacional, principalmente, quando sabemos que *tem uma máxima que diz que ‘não saiu no Jornal Nacional, não é verdade’ e aqui é ‘não saiu na Sidy’s, não aconteceu’*. Até quem não tem acesso, alguns bairros de periferia que a tecnologia ainda não chega, mas ainda assim a notícia repercute. Quando dizem que saiu na TV, não é que saiu no Jornal da Bandeirantes ou no Jornal da Record, é porque foi uma matéria veiculada no canal 4 (LO). Essa afirmação ilustra bem a importância dessa mídia local em seu contexto de execução.

Currais Novos tem um cotidiano de trabalho, descanso e lazer sendo mediatizado pela televisão

De acordo com Heller (1972), a vida cotidiana só é possível através das objetivações, através de tudo aquilo que dá sentido à vivência em sociedade. Por isso, vamos aqui falar sobre o cotidiano da cidade de Currais Novos, levando em consideração as definições daqueles que vivem em seu contexto social: os seus habitantes, a partir do senso comum. Pois, como avalia Silverstone (2011, p. 21) é no senso comum que “nos tornamos aptos, se é que de fato nos tornamos, a partilhar nossas vidas uns com os outros e distingui-las umas das outras”. Ou, como simplificou Ratzel (1990, p. 74), “organismos que fazem parte da tribo, da comuna, da família, só podem ser concebidos junto ao seu território”. Segundo o sociólogo Souza Martins (2010):

O senso comum é comum não porque seja banal ou mero e exterior conhecimento. Mas, porque é conhecimento compartilhado entre os sujeitos da relação social. Nela o significado a precede, pois é condição de seu estabelecimento e ocorrência. Sem significado compartilhado não há interação. (SOUZA MARTINS, 2010, p.54).

Pela vertente do senso comum, vemos que o *cidadão de Currais Novos tem um dia a dia direcionado ao trabalho que hoje é mais forte em relação aos serviços, ao comércio e ao setor público. Tem uma jornada laboral pela manhã e aqui você tem uma cultura que resiste ao tempo, que não se tem, por exemplo, na capital, que é a sesta do meio dia, onde*

as pessoas tiram um tempinho para dormir. Alguns comércios fecham e reabrem as portas a partir das 14h e segue a rotina até o final da tarde, às 18h. Então, à noite, é uma cidade que gosta muito de descontrair, que mantém aquela conversa no pé de porta, aquela conversa bairrista e também de passear pelas praças (LO). A sesta do meio dia, aqui citada, é um dos elementos indispensáveis para que a audiência do programa TV Cidade prevaleça, pois é no horário do programa que as pessoas vão para casa almoçar e assim ficam até se preparem para o turno vespertino.

A vida cotidiana se resume mais a trabalho, intervalo de almoço, atividade física ou ficar em casa assistindo televisão ou lendo um livro. E no final de semana, lazer (SF). É uma cidade tranquila e favorável. Como tem pouco lazer, então, sobra mais tempo para você trabalhar e naturalmente descansar (JB). É um cotidiano muito ligado à rotina produtiva. São pessoas que acordam cedo, vão pro trabalho, vão em casa para almoçar e voltam para cumprir a carga horária de trabalho (VA). A cidade é voltada para o trabalho, para o esporte e estudo. Infelizmente, ainda deixa a desejar em opções de entretenimento. É aí que a Sidy's entra para suprir essa falta (ZM).

Souza Martins (2010, p. 57) diz também que é na ruptura do cotidiano que se “instaura o momento da invenção, da ousadia, do atrevimento, da transgressão”. Falando a respeito da modernidade, o autor estabelece a linha tênue entre a vida privada e a vida cotidiana, especialmente no Brasil, onde “a nossa cultura urbana carnavalesca e exibicionista não favorece o desenvolvimento amplo e profundo da vida privada, a não ser como excrescência, sobretudo porque tem a rua como ponto de reparo” (SOUZA MARTINS, 2010, p. 85). *Eu percebia que situações da vida íntima, como casais tendo discussões ou marido que agredia a esposa, eram trazidas para cá e se tornavam públicos através da TV. O retorno que dá na resolução do conflito divulgando na Sidy's do que procurar a delegacia é mais rápido (SO). Nesse sentido, é como se a nossa cultura favorecesse a proximidade com o outro e também a vontade de saber do outro. Maffesoli (1985a, p. 64) reflete que o cotidiano é “uma encarnação ou ainda a projeção concreta de todas as atitudes emocionais, maneiras de pensar e agir, em suma, de todas as relações com o outro, pelas quais se define uma cultura”.*

Segundo Schutz (1967), o mundo da vida existe antes mesmo do nascimento do homem e continuará a existir depois da sua morte. Assim, o homem no mundo do senso comum, no mundo da vida cotidiana age não nele, mas sobre ele. Dessa maneira, a vida cotidiana de Currais Novos já existia antes da chegada da Sidy's TV a Cabo e sempre existiu desde o início da sua povoação. Entretanto, a presença desse meio de comunicação atua

sobre o cotidiano, tanto o midiaticizando quanto fazendo parte dele: *chego 11h30 em casa, vou aprontar meu almoço. Mas fico na cozinha aprontando as coisas e ouvindo a televisão ligada na sala (VA). Às vezes lavo a louça ou mexo no fogão. E acredito que não só eu, mas todas as donas de casa agem dessa forma (GO)*. Afinal, como já mencionamos, agora a mídia é parte da textura geral da experiência, que toca aqueles aspectos da experiência que tratamos como corriqueiros e que devem existir para vivermos e nos comunicarmos com os outros (SILVERSTONE, 2011).

Ou ainda como afirma Fausto Neto (2006), na sociedade dita midiaticizada, os meios de comunicação se constituem em setores estratégicos, no âmago da vida e da dinâmica tensional dos campos sociais. E, como dito anteriormente, por midiaticização da sociedade, “entendemos o processo pelo qual a sociedade, em um grau cada vez maior, está submetida ou torna-se dependente da mídia e de sua lógica” (HJAVARD, 2012, p. 61). Assim, quando se trata do nosso objeto empírico, *o canal 4 dita muita coisa que acontece na cidade, as lutas do povo, as pessoas acreditam muito no que é transmitido aqui. Por isso que eu acredito que a Sidy’s participa diretamente do cotidiano da vida das pessoas. Não só por retratar, mas também por ditar muita coisa que acontece aqui (IM). Como ela tem uma extraordinária capacidade de mostrar a dinâmica do cotidiano da cidade, os eventos e etc e tal, aquilo que poderia passar despercebido, se não fosse o canal 4, acaba ganhando notoriedade (JB)*.

Nesse sentido, estamos muito próximos das nossas duas primeiras hipóteses iniciais. A primeira diz respeito ao fato da programação ser inteiramente voltada para midiaticizar o que acontece no cotidiano da cidade e, dessa maneira, os assinantes, ou pelo menos boa parte deles, identificam-se e se sentem representados, como curraisnovenses, pelo que vai ao ar. *Me identifico sim. Tudo está relacionado ao meu dia a dia, a pessoas que normalmente são conhecidas ou até do meu convívio. Tudo o que passa me é familiar, está dentro da minha realidade (VA). Eles trabalham muito bem essa questão do cotidiano. Quem quer conhecer Currais Novos ou se informar a respeito de algum serviço ou alguma novidade, acaba tendo que assistir ao canal (LO). Então, eu me sinto sempre representada (GO) ou ainda não representado, eu me sinto parte integrante do que estou assistindo (SM)*.

Nossa segunda hipótese diz que a TV Cidade é o programa que melhor reflete o cotidiano vivido pela população de Currais Novos e pauta com bastante relevância o fluxo informacional que ocorre na cidade. Foi unanimidade, todos os entrevistados concordaram com a afirmação. *O que sai no TV Cidade é o que é discutido realmente pela comunidade local. Então, o que sai na TV a cabo acaba pautando o que é conversado no outro dia na*

cidade (LO). O programa do meio dia (TV Cidade) é o momento crucial para que saibamos o que está acontecendo aqui (GO).

O canal 4 e a identitária local: uma relação de mutualidade

Bauman (2005) utiliza da metáfora de um jogo de quebra-cabeça para explicar como se dá o caminho para a construção de uma identidade desconhecida. A metáfora orienta que, assim como o quebra-cabeça, a identidade seria formada por peças, ou ainda, pedaços, porém, ao contrário do jogo comprado em uma loja de brinquedos, o quebra-cabeça da identidade só pode ser compreendido, se entendido como incompleto, “ao qual falem muitas peças (e jamais se saberá quantas)”, acrescenta Bauman (2005, p. 54).

O autor também diz que, diferentemente do jogo tradicional, a construção da identidade não se começa pela imagem final, “mas por uma série de peças já obtidas ou que pareçam valer a pena ter, e então se tenta descobrir como é possível agrupá-las e reagrupá-las para montar imagens”, assim, a tarefa de um construtor de identidade é “a de um bricoleur, que constrói todo tipo de coisas com o material que tem à mão” (BAUMAN, 2005, p. 55).

Orientados por essa ideia de metáfora de um jogo de quebra-cabeças e na tentativa de caracterizar a identidade de Currais Novos para, em seguida compreender como a programação do canal 4 contribui para a construção da mesma, pedimos que cada um dos sujeitos das entrevistas citassem 5 características/adjetivos que fossem capazes de definir a cidade. Afinal:

A essência da identidade – a resposta à pergunta “quem sou eu?” e, mais importante ainda, a permanente credibilidade da resposta que lhe possa ser dada, qualquer que seja – não pode ser constituída senão por referência aos vínculos que conectam o eu a outras pessoas e ao pressuposto de que tais vínculos são fidedignos e gozam de estabilidade com o passar do tempo. (BAUMAN, 2005, p. 74).

A partir das respostas dadas pelos entrevistados, construímos a seguinte nuvem de palavras com todas as características levantadas por eles. As palavras com maior destaque foram aquelas mais citadas pelos sujeitos de fala:

Figura 16 - Características de Currais Novos

Fonte: elaborado pela autora.

Como existiam palavras sinônimas ou que possuíam uma mesma tendência de significados, as distribuímos em quatro grupos, cada um com palavras que melhor se aproximam semanticamente e que nos conduzem a aspectos que a cidade de Currais Novos tem e que, portanto, facilitassem o processo de construção identitária, como veremos na tabela a seguir:

Tabela 6 - Características da identidade curraisnovense

CARACTERÍSTICAS DA IDENTIDADE CURRAISNOVENSE	
Relação com o próximo	Solidária, hospitaleira e acolhedora
Relação com beleza	Alegre, artística, elegante, agradável, atraente, maravilhosa e inspiradora
Relação com força de vontade e desenvoltura	Empreendedora, trabalhadora, progressista, perseverante, audaciosa, vanguardista, com futuro e inteligente
Relação com aspectos históricos	Bairrista, tradicional, conformada, religiosa, histórica, comunicativa e tranquila

Fonte: elaborado pela autora

Como já explicitado nesta dissertação, Castells (1999) enxerga a identidade como uma fonte de significado e experiência de um povo ou processo de construção de significado

com base em um ou mais atributos culturais, os quais prevalecem sobre outras fontes de significado. A partir do exercício de autoconhecimento que foi identificar características de Currais Novos, a partir das falas dos próprios habitantes, sabemos que muitas outras podem existir, mas as citadas vão se sobressair a ponto de se prevalecerem como fontes de significado e experiência desse povo específico e, portanto, como a sua identidade local.

Castells (1999) também cita as três formas e origens de construção da identidade: a *legitimadora*, a de *resistência* e aquela que nos interessa nesse momento: a de *projeto*, que surge quando os atores sociais, usando de qualquer dispositivo cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade para redefinir sua situação na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda a estrutura social.

Pensando nessa perspectiva, vemos que Currais Novos poderia ser apenas mais uma das cidades do interior do Rio Grande do Norte – raramente contempladas nos programas estaduais, regionais ou nacionais –, que não pudesse recorrer a televisão para ter acesso a sua própria realidade, ao seu próprio cotidiano. Se Currais Novos fosse apenas mais uma dessas cidades, quando alguém falecesse, por exemplo, teria um carro de som anunciando a morte ou quando precisasse descobrir qual a farmácia de plantão, teria que recorrer ao telefone, não ligar a televisão. Utilizando um dispositivo cultural, que é a televisão, o curraisnovense consegue redefinir a sua situação na sociedade e transformar a sua estrutura social, sendo, assim, uma identidade do tipo *projeto* (CASTELLS, 1999).

A gente usou muito tempo o slogan: imagem de Currais Novos. E aí é muito subjetivo isso. E eu fico até pensando: será que não foi arrogante da nossa parte de se colocar dessa maneira? Como se a gente tivesse posicionando a Sidy's como um cartão de visita da cidade. Tipo assim: Currais Novos é quem? É a Sidy's! Muitas vezes eu me perguntei isso. Mas não é! Isso vem da filosofia da história toda. A moral da história é o que? Papai sempre quis que você, que é daqui, se assistisse. Então a ideia é: Currais Novos se vê na TV todos os dias (SF). Assim, o canal 4 contribui para a construção da identidade local porque o próprio slogan já diz: a imagem de Currais Novos. Então, eu acho que a imagem que o canal 4 divulga e ajuda a construir não deixa de ser uma identidade. A imagem de Currais Novos também é a identidade de Currais Novos (ZM). O canal 4 contribui para esta construção porque promove os traços identitários de quem habita a cidade e consome o seu conteúdo: ser solidário, ser empreendedor, ser acolhedor, ser progressista e assim por diante, tudo isso acaba por ser midiaticizado em sua programação.

Da mesma maneira, na mão oposta, entendemos que o canal 4 *se apropria da identidade do lugar, porque nós somos parte desse lugar. Nós temos que devolver pra*

própria sociedade, já que a empresa surgiu como intuito de mostrar a cidade pra ela mesma. A cidade me gera conteúdo e eu devolvo a ela. E, nesse processo, ela se reconhece (SF). A relação de construção e de apropriação da identidade é uma relação de mão dupla, de mutualidade e reciprocidade: o canal 4 se apropria da identidade curraisnovense para transmitir o seu conteúdo ao ponto que o seu conteúdo contribui para a construção identitária local. É uma relação dialógica, onde as ações conversam entre si e se complementam:

Figura 17 – Construção e apropriação identitária



Fonte: elaborado pela autora

Por fim, Bauman (2005, p. 104) sugere que “a mídia fornece a matéria bruta que seus leitores/espectadores usam para enfrentar ambivalência de sua posição social”, ou seja, a mídia é o escape para aqueles que não podem viver o espaço global vivido pela elite. Entretanto, compreendemos que a mídia também é uma fonte de significados que são capazes de reafirmar a nossa cultura e a nossa identidade, não nos fazendo esquecer que, apesar de todos os produtos e acontecimentos globalizados, também temos uma comunidade. E que sem essa comunidade, sem as interações da vida cotidiana, sem as relações de proximidade, sem as identidades e identificações, “não há nada a que pertencer, de que participar, nada para compartilhar, promover, e nada para defender” (SILVERSTONE, 2011, p. 185). No mais, confirmamos, aqui, a mídia como importante mediadora dos significados e fundamental instrumento das práticas sociais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando decidimos enveredar por esta pesquisa, ainda não tínhamos noção do quanto o canal 4 e a própria Sidy's TV a Cabo tinha sido pouco explorada no mundo acadêmico, especialmente, quando olhamos pela vertente dos estudos da mídia. Da mesma forma, tínhamos consciência da importância de toda essa estrutura para a cidade de Currais Novos, mas ainda não tínhamos noção do quanto. A cada passo dado, encontramos uma nova questão, uma nova informação, uma nova curiosidade e foi bastante difícil não perdermos o foco, quando a vontade era, na verdade, de “abraçar” tudo.

Diante do que foi exposto aqui, entendemos que os nossos objetivos iniciais foram alcançados, pois conseguimos responder a nossa questão-problema e confirmar as nossas hipóteses. Conseguimos verificar outras questões, como a predisposição curraisnovense para a comunicação ou como a história de Siderley Menezes contribuiu para que a tecnologia de TV a cabo fosse implementada no Seridó. E também conseguimos enxergar em Currais Novos um ambiente fértil de pesquisa para o universo acadêmico. O olhar para o local se faz necessário, especialmente quando se trata da construção de identidades, que estão cada vez mais híbridas e influenciadas pela cultura global. Com este trabalho, buscamos incessantemente preencher uma lacuna acerca da identidade local numa perspectiva de uma cidade de pequeno porte localizada do interior norte-rio-grandense, além de tentar contribuir para os futuros estudos históricos sobre a TV a Cabo no Brasil.

Temos também a consciência de que, atualmente, o conteúdo do canal 4 pode ser acompanhado de duas outras maneiras: ao vivo, pelo site institucional da Sidy's TV a Cabo, e também pela página oficial da empresa no Facebook, onde são compartilhadas as matérias jornalísticas mais relevantes do dia. Entretanto, a nossa intenção foi realmente nos concentrarmos na perspectiva daqueles que assinam o pacote de TV a Cabo e que acompanham o que é transmitido diariamente pela programação do canal, exclusivamente através do aparelho de televisão, afinal, o ato de assistir televisão tem passado por transformações ao longo do tempo. Então, destacamos aqui a necessidade do olhar também o digital.

Pelas limitações em torno do tempo e, sem dúvidas, de equipe, tivemos que focar apenas no canal 4 da Sidy's TV a Cabo, mas lembramos que a operadora disponibiliza mais cinco canais com conteúdo local para à cidade de Currais Novos. Se pensarmos no setor da religiosidade curraisnovense, lembraremos automaticamente da TV Cristo Rei, com a

transmissão de missas e eventos religiosos. Se pensarmos na política da cidade, vamos lembrar da TV Câmara e as transmissões ao vivo das sessões com os vereadores e prefeito. Ou ainda, se quisermos lembrar de câmeras de segurança pelos principais pontos da cidade, ao alcance de qualquer um, pensaremos no canal 70. A cada dia, estes canais têm conquistado mais espaço e audiência local e têm programações diversas para serem exploradas junto aos estudos da mídia.

Utilizar como objeto empírico um canal local de uma pequena cidade do interior de um estado tão pouco conhecido pelo brasileiro – como é o Rio Grande do Norte – foi, sem dúvidas, o nosso maior desafio. Tentar explicar em poucas páginas a dimensão e o impacto dessa pequena mídia numa cidade com pouco mais de 45 mil habitantes para o leitor que não teve essa vivência do cotidiano curraisnovense é, no mínimo, complexo. Mas não diminui a importância do nosso estudo, afinal, estudar a mídia é estudá-la por inteiro, nas suas mínimas particularidades e experiências. Acreditamos que o olhar começa justamente num pequeno grupo de formigas para que possamos compreender todo o formigueiro.

Para esta pesquisadora, o percurso empreendido até aqui foi desafiador em muitos sentidos: mudar a pesquisa completamente, começar do zero numa temática em que detinha pouco conhecimento a respeito e ainda ter enfrentado problemas de saúde logo na ida a campo, o que levou a pesquisa a ficar estacionada por alguns meses. Tivemos também que rever alguns autores selecionados inicialmente e, até o último momento, fizemos leituras que contribuíram para a conclusão deste trabalho. No fim das contas, a experiência no Mestrado serviu justamente para percebermos o quanto dois anos é um tempo muito curto, especialmente quando há muito o que se fazer e muito o que se pesquisar. Fazer uma pesquisa exploratória como esta requereu também a capacidade de selecionar, pois a vontade era sempre de coletar mais e mais.

No mais, o diálogo entre autores da área, a visão de uma pesquisadora que vivenciou o dia a dia da cidade por muitos anos e que possui contato direto com o objeto empírico e o seu público, facilitaram, sem dúvidas, a pesquisa de campo e o olhar aprofundado e crítico sobre o tema em questão. Mas também vemos que os resultados colhidos, sem dúvidas, servirão como aparato para um aprofundamento maior da pesquisadora no futuro, além de outros pesquisadores da área.

REFERÊNCIAS

- ALBAGLI, S. Globalização e espacialidade: o novo do local. In____: **GLOBALIZAÇÃO & inovação localizada**: experiências de sistemas locais no Mercosul. Brasília: Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia: Ministério da Ciência e Tecnologia, 1999.
- ARBEX, José. **O poder da TV**. São Paulo: Editora Scipione, 1995.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1988.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BLOG VENTO NORDESTE. **O parque temático Mina Brejé em Currais Novos/RN**: um lugar para ser visto, apreciado e divulgado. Disponível em: <
<http://papjerimum.blogspot.com.br/2014/05/o-parque-tematico-mina-brejui-em.html>>.
 Acesso em: 17 dez. 2016
- BLOG JEAN SOUZA. **Arrecadação do TeleApae chega a R\$10 mil em dinheiro, além de poço tubular, piscina e fogão industrial**. Disponível em: <
<http://www.jeansouza.com.br/solidariedade/arrecadacao-teleapae-chega-r-10-mil-em-dinheiro-alem-de-poco-tubular-piscina-e-fogao-industrial/>>. Acesso em: 16 dez. 2016.
- CALHOUN, E. F. **How to use action research in the self-renewing school**. Alexandria, VA: ASCD, 1994.
- _____, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- CANCLINI, Nestor García. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar y salir de la modernidad. Buenos Aires: Sudamericana, 1995.
- CANCLINI, Nestor García. **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- CANTALAPIEDRA GONZÁLEZ, Maria José. **El periodismo local em los periódicos de Bizcaia**. Tesis doctoral. Universidad del País Vasco, 1996.
- CASTELLS, Manoel. **O Poder da Identidade**. IN: A era da informação: economia, sociedade e cultura. Volume II. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- _____. **A Sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- DANIEL, Celso. Poder local no Brasil urbano. **Revista Espaços & Debates**. São Paulo: Cortez, n. 24, 1988, p. 26-39.

DUARTE, Jorge Antonio Menna (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. Trad. de Sandra Castello Branco. São Paulo: UNESP, 2000.

FAUSTO NETO, Antonio. **Mediatização, prática social, prática de sentido**. Paper. Bogotá: Seminário Mediatização, 2006.

FACEBOOK. **Fanpage da Sidy's TV a Cabo**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/sidys/>>. Acesso em: 21 dez. 2016.

FERNANDES, Mario. A força da notícia local: a proximidade como critério de noticiabilidade. In: IX Colóquio Internacional de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 2004, Araçatuba. IX Colóquio Internacional de Comunicação para o Desenvolvimento Regional – **Anais 2004**. São Paulo: Cátedra Unesco/Umesp, 2004. v. 01. p. 01-17.

FILHO, Antônio Quintino. **História de Currais Novos**. Natal, RN: Fundação José Augusto, 1987.

FISCHER, Tânia. Poder local: um tema em análise. **Revista de Administração Pública**. Rio de Janeiro, v. 4, 1992, p. 105-113.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOLHA DE SÃO PAULO. **O futuro das TVs a cabo**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz0308200806.htm>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GRIGOLETTO, Evandra. **Do lugar discursivo à posição-sujeito**: os movimentos do sujeito-jornalista no discurso de divulgação científica. In___: MITTMANN, S.; GRIGOLETTO, E.; CAZARIN, E.A. (Orgs.). **Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua**. Porto Alegre: Nova Prova, 2008, p. 47 -65.

GUIMARÃES, Gleny. **Aspectos da Teotira do Cotidiano**: Agnes Heller em perspectiva. Edipucrs. Porto Alegre, 2002.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP.& A, 2000.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

_____. **Sociología de la vida cotidiana**. Trad. J. F. Yvars e E. Pérez Nadal. Barcelona: Península, 1977.

_____. **La revolución de la vida cotidiana.** Trad. Gustau Muñoz, Enric Pérez Nadal e Iván Tapia. Barcelona: Península, 1982.

HERZ, Daniel. **A Introdução de Novas Tecnologias de Comunicação no Brasil:** tentativas de implementação do serviço de cabodifusão/ Um estudo de caso. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, 1983.

HJARVARD, Stig. **Midiatização:** teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. *MATRIZES*, São Paulo, ano 5, n.2, p. 53-91, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/MATRIZES/article/view/8139>>. Acesso em: 19 set. 2015.

IANNI, Octávio, **Teorias da globalização.** 4. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/default.php>>. Acesso em: 30 dez. 2016.

IBGE/PNAD. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2013/>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

IBOPE. **Pesquisa Brasileira de Mídia 2015.** Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>>. Acesso em: 29 mai. 2015.

LAVILLE, Christian e DIONNE, Jean. **A construção do saber.** Porto Alegre: Editora UFMG, 1999.

LIMA, Maria Erica. **Mídia Regional:** indústria, mercado e cultura. Natal: EDUFRN, 2010.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação.** 10. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

LOZANO, José Carlos. **Hacia la reconsideración del análisis de contenido en la investigación de los mensajes comunicacionales.** In ____: RUIZ, Enrique Sancrez; BARBA, Cecilia Cervantes (Org). Investigar la comunicación: propuestas iberoamericanas. Guadalajara: Universidad de Guadalajara/Alaic, 1994. p. 135-157.

MACIÁ MERCADÉ, Juan. La fuerza del periodismo local em la era de la globalizacion eletrónica. In: RAMOS FERNÁNDEZ, Fernando. **Estúdios de periodística V.** Número especial dedicado al Periodismo Local. Facultad de Ciencias Sociales, Universidade de Vigo, Pontevedra, 1997. p. 45-67.

MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo.** Porto Alegre: Ate e Ofícios, 1985a.

MAFFESOLI, Michel. A terra fértil do cotidiano. **Revista Famecos.** Porto Alegre, n. 36, p. 5-9, ago. 2008.

MAFFESOLI, Michel. **O Mistério da Conjunção.** Porto Alegre: Sulina, 2005.

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MARTINS, G. A. **Estudo de caso**: uma estratégia de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2006.

MAZZOCATO, Sandra. **Sujeito Pós-moderno, Identidade Múltipla e Reputação nas Mídias Sociais**, 2010. Disponível em:
<<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2010/resumos/R20-0954-1.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2015.

McGREW, Anthony. **Conceptualizing global politics**. In____. Anthony G. McGrow, Paul G. Lewis *et al.*, *Global politics*, Cambridge: Polity Press, 1992.
McLUHAN, Marshall; FIORE, Q.: **Guerra e paz na aldeia global**. Rio de Janeiro: Record, 1971.

MEDEIROS, Alex. **Mina Brejuí, em Currais Novos, transformou o município seridoense em centro próspero numa época de grandes conquistas**. Disponível em <<http://www.ogaloinforma.com.br/mostracanais.php?canal=1&cod=441>>. Acesso em 20 nov. 2016.

MEDEIROS, Ismael. Siderley Menezes, o cara da comunicação. **Revista Seridó S/A**. v. 33. n. 4. p. 3-5, mar./abr. 2015.

MENEZES, Siderley. **Identidade e cotidiano Curraisnovense**. 1 arquivo .mp3. Currais Novos/RN, 2016. Entrevista concedida a Marília Graziella Oliveira Da Silva.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria método e criatividade. 17.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

NASCIMENTO, Juarez Quadros do. **TV por Assinatura**: histórico e evolução, 2007. Disponível em: < <http://www.teleco.com.br/pdfs/tutorialtvassinatura.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2016.

OTHON, Sâmara. **Identidade e cotidiano Curraisnovense**. 1 arquivo .mp3 (15 min.). Currais Novos/RN, 2016. Entrevista concedida a Marília Graziella Oliveira Da Silva.

PAIS, José M. Nas rotas do cotidiano. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 37, 1993, p. 105-115.

PERUZZO, Cicília M. **Mídia local, uma mídia de proximidade**. In____: FLORY, Suely Fadul (org.). Comunicação: Veredas. Revista do programa de Pós-Graduação em Comunicação. São Paulo.Ed: Unimar, Ano II, n. 02, nov. 2003.

_____, Cicília M. **Mídia local e suas interfaces com a mídia comunitária**. Belo Horizonte: INTERCOM, 2003.

_____, Cicília M. Krohling. **Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências.** Comunicação & Sociedade. São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, a. 26, n. 43, p. 67-84, 1o. sem. 2005.

_____, Cicília M. Krohling. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 2012. p. 125-145.

PONTE, João Pedro. **Estudos de caso em educação matemática.** Bolema, 25, 105-132, 2006.

POSSEBON, Samuel. **TV por assinatura: 20 anos de evolução.** São Paulo: Save Produção, 2009.

PRADO, Luiz Carlos Delorme. **Globalização: notas sobre um conceito controverso.** In: Seminário Desenvolvimento no Século XXI. Rio de Janeiro: IE/UFRJ, 2000. Disponível em: <<https://dogmaseenigmas.files.wordpress.com/2012/12/prado-2000.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2015.

RAMOS, Murilo César. **A TV por assinatura no Brasil: conceito, origens e perspectivas.** Brasília: Universidade de Brasília, 1995.

RATZEL, F. **Geografia do homem.** In____: Ratzel. MORAES, A. C. R. (Org.). São PauloSP: Ed. Ática, 1990.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço.** São Paulo: EDUSP, 2006.

SCHUTZ, Alfred. **The Phenomenology of the social world.** Evanston, IL: Northwestern University Press, 1967.

SIDYS TV A CABO. **Institucional.** Disponível em: < <http://www.sidys.com.br/>>. Acesso em: 15 mai. 2015.

SILVA, Marcos Paulo da. **Publicação eletrônica** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <silva_mp@uol.com.br> em: 1 dez. 2015.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?.** 3 ed. São Paulo: Loyola, 2011.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento.** Petrópolis (RJ): Vozes, 2009.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho: Por uma teoria da comunicação linear e em rede.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

_____, Muniz. Ciência e método em comunicação. In____: LOPES, Maria Immacolata Vassalo de (Org.). **Epistemologia da comunicação.** São Paulo: Loyola, 2003.

SOUZA, Fátima. Siderley Menezes: irremediavelmente sonhador. **Revista Pulsação.** v. 1. n 1. p. 24-25. dez. 2016.

SOUZA, Joabel R. de. **Totoró, berço de Currais Novos**. Natal, RN: EDUFERN, 2008.

SOUZA, Marcelo José. **O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento**. In___: CASTRO, Iná Elias (et alli) (org.). Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro, Bertrand, 1995.

SOUZA MARTINS, José de. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2010.

SOUZA, Mauro. O pertencimento ao comum mediático: a identidade em tempos de transição. **Revista Significação**. São Paulo, n. 34, p. 31-52, 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/68112>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

SOUZA, Sergio Euclides B.L. **Elusive Autonomy: Brazilian Communications Policy in an Age of Globalization and Technological Change**. University of Colorado, 1998.

STAKE, Robert E. Case studies. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (Org.). Samuel A. **Social research to test ideas**. New York: Free Press, 1962.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In___: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2012. p. 51-61.

TAMBOSI, Orlando. **Informação e conhecimento no jornalismo**. Estudos em Jornalismo e Mídia. Florianópolis: Insular, v.2. 2005.

THOMPSON, John B. **A Mídia e a modernidade: Uma teoria social da mídia**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.

TV FOLHA, **TV transforma cidade em condomínio**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/7/30/tv_folha/6.html>. Acesso em: 10 ago. 2015.

TYLOR, Edward, B. **Primitive culture I**. London: Continuum, 1871.1. Disponível em: <<https://archive.org/stream/primitivculture01tylouoft#page/n17/mode/2up>>. Acesso em: 15 set. 2015.

VERONEZE, Renato. Agnes Heller: cotidiano e individualidade: uma experiência em sala de aula. **Revista Textos & Contextos**. Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 162 - 172, jan./jun. 2013.

VILLASSANTE, T. **Las ciudades hablan**. Caracas. Editora Nueva Sociedad, 1998.

YIN, Robert K. **Estudo de caso, planejamento e métodos**. 3. ed. São Paulo: Bookman, 2005.

YÚDICE, George. **El recurso de la cultura: usos de la cultura en la era global**. Editorial Gedisa, Barcelona: 2002.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE

EIXO I – Relação com a cidade

Você nasceu em Currais Novos?

Se não, mora aqui há quanto tempo?

Gosta de morar na cidade? Por que?

Você também trabalha na cidade? Se sim, qual a sua profissão?

Se você pudesse caracterizar como é o cotidiano de Currais Novos, como você o faria?

EIXO II – Relação com o canal 4

Você é assinante da Sidy's TV a Cabo há quanto tempo?

O canal 4 é um dos motivos para você ser assinante da Sidy's TV a Cabo?

Qual(s) horário(s) assiste ao canal 4?

Poderia dizer em média quanto tempo gasta, por semana, assistindo ao canal 4?

Verifica outras mídias enquanto assiste ao canal 4?

Quando está ligado no canal 4 faz alguma atividade doméstica? Se sim, qual?

Assiste ao canal 4 pela internet, através do site?

Já viu pessoas conhecidas na TV?

Já participou de algum programa, como?

Na sua opinião, o canal 4 é o principal ou um dos principais meios de informação/comunicação de Currais Novos? Por que?

Que programa você considera o mais importante quando se trata de transmitir informações referentes ao cotidiano de Currais Novos?

Você acredita que a programação do canal supre a necessidade por informações locais?

EIXO III – Identidade/Identificação

Caracterize a identidade de Currais Novos a partir de 5 adjetivos/características.

Você se sente representado quando assiste ao canal 4?

Você se identifica com o que vai ao ar?

Quando se trata dessa identidade, você considera que o canal 4 contribui para a construção da identidade local? Contribui para esta caracterização? Por que?

Na "mão oposta", você acha que o canal 4 se apropria desta identidade para transmitir suas notícias? Por que?

ANEXOS

ANEXO A – ENTREVISTA – INFORMANTE-CHAVE 1

ENTREVISTADO: Siderley Menezes

I ETAPA – DATA: 22/11/2016

Como tudo começou?

Eu sempre fui louco por TV a cabo, eu sempre fui louco por informação, eu sempre fui louco por mídia. Mas eu dizia que eu era um radialista amador. Eu tinha rádio amador e me comunicava muito com amigos do interior de São Paulo. Então, eu sempre me senti ligado à comunicação. Em 1970, trouxe a TV pra cá pra gente assistir aos jogos da Copa do Mundo. Andei todos esses morros por aqui: Lagoa Nova, Serra Verde... Andei com um cabo de vassoura e uma antena, fazendo pesquisa à noite. E sempre ouvia falar em TV a Cabo, mas era coisa dos EUA. E eu tenho certeza absoluta que ela foi criada para servir uma cidade pequena. Um belo dia eu me virei assim e disse: eu vou estudar esse assunto. Comecei a me dedicar objetivamente para a implantação da TV a Cabo em 1991. Uma época que a Globo começou a lançar a Globo News, a GNT, o SporTV, aqueles canais. Aí eu fui bater na Globo e consegui me encostar lá. Só que ela queria uma coisa que eu não queria: uma tecnologia chamada MMDS. Eu não queria porque eu já lutei com repetidora e era uma repetidora de luxo, limitada a 36 canais. Então, não deu certo uma parceria com a Globo, que, na verdade não era uma parceria, ela me colocava como franqueado dela. Aí pensei: eu boto a TV a cabo em Currais Novos e eu tenho certeza que dá certo. Não pude nem fazer pesquisa porque ninguém conhecia. Aí eu parti disso, vendi tudo o que tinha e coloquei a TV a Cabo e fez um sucesso enorme. Hoje eu já estou pensando em outras cidades, já estamos estendendo para Acari até Caicó.

O senhor implantou sozinho?

Eu fiz o projeto sozinho. Arranjei um sócio pra me ajudar financeiramente, ele veio e complementou pra eu poder expandir dentro da cidade. Mas na primeira oportunidade comprei a parte dele.

E qual foi o primeiro bairro?

No Inocoop, eu puxei os cabos, coloquei os equipamentos no clube e liguei 17 clientes, porque 17 clientes era o suficiente para em um ano essa novidade ir passando de boca a boca. Então, eu deixei um ano essa TV a cabo funcionando gratuitamente na casa dessas pessoas. Não existia Lei. A única coisa que existia era uma Portaria que dizia assim: em condomínios não precisa pedir licença. Aí eu disse: é aqui. Fazia os quarteirões e dava o nome dos condomínios: condomínio Brejuí, condomínio Seridó, condomínio Xelita. Aí surgiu a Lei, parecia até que eu tinha criado a Lei porque eu queria que fosse exatamente daquele jeito.

E o canal 4, surgiu no mesmo ano?

Os canais locais vieram funcionar um pouco depois. Quando o canal 4 começou eu não lembro mais não. Mas logo depois eu doei um canal para a paróquia também.

Em relação ao canal 70, das câmeras de segurança, como ocorreu essa ideia?

Eu pensei exatamente assim: eu vou colocar pensando no setor privado. Eu vou colocar porque eu colocando umas oito câmeras na cidade eu vou despertar o interesse de pessoas de algum bairro. Porque é assim, você quer colocar no seu quarteirão, você se junta com seus vizinhos e coloca uma câmera daquela.

Você teve apoio público?

Nenhum. De ninguém. Mas eu disponibilizo o sinal gratuitamente para a Polícia Militar daqui, por exemplo. Para o hospital e também para algumas creches e escolas.

O que o senhor fazia antes de investir na TV a cabo?

Já fui vereador e já fui vice-prefeito. Quando eu fui vice-prefeito eu doava meu salário, porque eu não fazia nada. Vice-prefeito era o maior ladrão da cidade. Eu tive postos de gasolina, mercadinhos e supermercado. Aí eu fui vendo que em outras áreas eu podia crescer.

Eu assisti a uma entrevista que o senhor dizia que tinha ido aos Estados Unidos algumas vezes para aprender sobre TV a cabo. O senhor pode falar a respeito?

Eu viajei demais. Comecei a viajar para os Estados Unidos e fui umas 15 vezes, participei de feiras, congressos, palestras. Fui pra Argentina e pro Canadá também. Na Europa eu tive a oportunidade de ir e de conhecer empresas. Foram 20 anos de estudos antes de realmente implementar a Sidy's.

Voltando um pouco a década de 1970. Como era a relação do curraisnovense com a TV? Todo mundo tinha TV em casa já ou se juntavam na casa de alguém para assistir aos jogos?

Pouca gente tinha TV. Eu juntava um monte de gente lá em casa para assistir. Conseguimos captar um sinalzinho de Recife em cima de umas serras dessas, num lugar bem alto. Jogamos numa repetidora e jogamos pra cá. A copa de 70 a gente assistiu assim. Então, era um privilégio de Currais Novos. Vinha gente de Acari, vinha gente de vários lugares para assistir a Copa aqui, em cores. Naquela época, muita gente escutava os jogos pelo rádio.

Qual foi a maior dificuldade?

A maior dificuldade foi dinheiro, recursos. Eu chegava pra um banco e falava pra pegar dinheiro emprestado pra encher Currais Novos de uma vez. Pedia dinheiro, sei lá, 1 milhão, para implantar rapidamente o projeto. Com esse milhão, eu conseguia instalar na cidade toda. Mas os bancos negavam.

E o que é o melhor de tudo isso?

Eu ando na rua, o povo me aborda pra dizer: rapaz, mande uma pessoa lá em casa que tá assim e tá assado. (Sorriso de satisfação) Eu acho tão bom.

II ETAPA – DATA: 24/11/2016

EIXO I – Relação com a cidade

Você nasceu em Currais Novos?

Não. Nasci em Florânia.

Mora aqui há quanto tempo?

Moro desde 1955.

Gosta de morar na cidade? Por que?

Adoro. É uma questão de empatia com a cidade, eu adoro essa cidade. Já fiz tanta coisa e já participei de tanta coisa em Currais Novos: festa da padroeira, vaquejada, festas no aeroclube: de tudo isso eu já participei.

Você também trabalha na cidade? Se sim, qual a sua profissão?

Sim. A minha profissão é comerciante.

Se você pudesse caracterizar como é o cotidiano de Currais Novos, como você o faria?

É uma vida que você tem que criar as coisas pra ter o que fazer, você não pode esperar, porque Currais Novos não oferece tanta coisa, então, você tem que criar. O dia a dia da população em geral eu digo que hoje é resumida a TV e Internet.

EIXO II – Relação com o canal 4

Você é assinante da Sidy's TV a Cabo há quanto tempo?

Há 25 anos, desde que começou.

O canal 4 é um dos motivos para você ser assinante da Sidy's TV a Cabo?

Sim, é um dos motivos. Os outros motivos são a falta de entretenimento e informação na cidade e que a TV a Cabo preenche.

Qual(s) horário(s) assiste ao canal 4?
Assisto mais ao meio dia, ao programa TV Cidade.

Poderia dizer em média quanto tempo gasta, por semana, assistindo ao canal 4?
Cerca de 5h por semana, já que não assisto ao programa inteiro.

Verifica outras mídias enquanto assiste ao canal 4?
Verifico a Globo News, o Band News, canais de esporte em geral. Eu sou muito viciado em notícias. Então, fico zappeando. Verifico também Facebook enquanto estou assistindo para saber o que os meus amigos estão comentando.

Quando está ligado no canal 4 faz alguma atividade doméstica? Se sim, qual?
Não. Nem almoço. Paro de assistir e vou almoçar.

Assiste ao canal 4 pela internet, através do site?
Só quando estou viajando que assisto pelo site.

Já viu pessoas conhecidas na TV?
Claro. Muitas pessoas. O tempo inteiro.

Já participou de algum programa, como?
Já e já fui apresentador de programas. Fiz inclusive um programa de entrevistas.

Na sua opinião, o canal 4 é o principal ou um dos principais meios de informação/comunicação de Currais Novos? Por que?
É um dos principais, não é o principal. Porque tem muita audiência, então, nos obriga a manter o povo informado.

Que programa você considera o mais importante quando se trata de transmitir informações referentes ao cotidiano da cidade?
TV Cidade.

Você acredita que a programação do canal supre a necessidade por informações locais?
Supre não, falta mais interação com a população. Eu tô doido pra criar mais.

EIXO III – Identidade/Identificação

Caracterize a identidade de Currais Novos a partir de 5 adjetivos/características.
É uma cidade solidária, hospitaleira, conformada – porque fazem tanta coisa ruim com Currais Novos e o povo não se revolta, inteligente e trabalhadora.

Você se sente representado quando assiste ao canal 4?
Não representado, eu me sinto parte integrante do que estou assistindo.

Você se identifica com o que vai ao ar?
Me identifico. Todos os programas que passam no canal 4 foram criados por mim: o TV Cidade, o Nossa Terra na TV, o Comentário Esportivo.

Quando se trata dessa identidade, você considera que o canal 4 contribui para a construção da identidade local? Contribui para esta caracterização? Por que?
Contribui e muito. Até melhora.

Na "mão oposta", você acha que o canal 4 se apropria desta identidade para transmitir suas notícias?
Por que?

Não. Ele é muito ético. Transmite o fato. Ele não faz política. Ele é apolítico. Não é tendencioso a nada e é muito profissional.

ANEXO B – ENTREVISTA – INFORMANTE-CHAVE 2

ENTREVISTADO: Ismael Medeiros

DATA: 25/11/2016

EIXO I – Relação com a cidade

Você nasceu em Currais Novos?

Não, eu sou acariense. Nasci na cidade mais limpa do Brasil. Moro em Currais Novos há praticamente dois anos.

Gosta de morar na cidade? Por que?

Gosto muito, porque acho que me encontrei em Currais Novos. Eu trabalho com o que eu gosto. Eu amo a comunicação, então, eu me realizo trabalhando de manhã no rádio, a tarde na TV e as vezes até a noite. Assim, eu amo Currais Novos porque eu encontro um feedback do meu trabalho, nas duas vertentes: no rádio e na TV.

Você também trabalha na cidade? Se sim, qual a sua profissão?

Sim. Sou jornalista: faço assessoria de imprensa, trabalho no rádio, na Rádio Rural de Currais Novos e trabalho também na Sidy's TV.

Se você pudesse caracterizar como é o cotidiano de Currais Novos, como você o faria?

Currais Novos é uma cidade polo, que concentra e agrega diversas pessoas da serra de Sant'Ana, de cidades vizinhas, e acho que por isso que eu moro aqui há 2 anos e já me sinto tão em casa, desde quando cheguei, porque Currais Novos tem uma relação muito próxima a Acari. Lógico que em Currais as coisas acontecem em outra dimensão, mas são cidades parecidas, que recebem bem as pessoas. Então, o que eu posso dizer em relação ao cotidiano daqui, é que é uma cidade simpática, em que as coisas acontecem, em que as pessoas valorizam a terra, são bastante bairristas também. É uma cidade simpática, elegante em todos os sentidos. As pessoas gostam de se apresentar bem, as casas são bonitas, as ruas são bonitas, então, eu caracterizo como uma cidade bonita. E o povo também, é um povo acolhedor, que gosta de viver aqui. Currais é uma cidade muito tranquila, tem em torno de 47 mil habitantes, mas é uma cidade em que as coisas acontecem. A violência existe, mas o desenvolvimento existe também, a crise também existe, mas é uma cidade que eu considero tranquila. Uma cidade boa de se morar.

EIXO II – Relação com o canal 4

Você é assinante da Sidy's TV a Cabo há quanto tempo?

Eu sou assinante desde que fiz residência fixa na cidade. Eu conhecia a Sidy's porque é uma referência, todo mundo tem uma referência por essa casa e por o que ela exerce, por ter sido a primeira do Norte/Nordeste, então, a gente que mora em outras cidades sempre olhou a Sidy's TV com aquele olhar encantador. Eu também morei em Caicó durante 3 anos e a cidade inteira também olha para a Sidy's com um olhar encantador. Eu sempre ouvia "quando é que Caicó vai ter o que Currais Novos tem?". Então, sou assinante desde o dia que eu cheguei aqui e não tinha uma assiduidade de assistir aos programas antes de chegar aqui, porque na minha cidade não pega – mas vai pegar em breve -, apenas pela internet. Então, minha referência era de longe, apenas do fato de me encantar pelo trabalho.

O canal 4 é um dos motivos para você ser assinante da Sidy's TV a Cabo?

Com certeza, porque as pessoas se enxergam nesse canal. Mesmo com a velocidade da informação hoje, da internet, do whatsapp, do Facebook, às vezes você pode até saber de tudo o que aconteceu, mas você faz questão de assistir porque sabe que é uma linguagem mais apurada, você vai se ver também naquilo tudo. Então, o canal 4, sem sombra de dúvidas, é o grande trunfo da Sidy's TV a Cabo. Mesmo porque temos muita gente da cidade que tem uma TV via satélite, parabólica, que assina uma outra TV por assinatura, mas mesmo assim faz questão de ter o sistema de cabo, mesmo oferecendo os mesmos canais que já têm em outro pacote que pagam, mas eu acredito que isso acontece porque existe um canal 4, que mostra a cidade.

Qual(s) horário(s) assiste ao canal 4?

Eu assisto na hora que eu tô fazendo o TV Cidade e também o horário noturno, das 18h30 às 20h que também sempre que posso eu acompanho. Eu sei que a cidade tem uma cultura de deixar a televisão ligada para ver o Jornal Eletrônico, mas, sendo sincero, eu não acompanho.

Poderia dizer em média quanto tempo gasta, por semana, assistindo ao canal 4?

Digamos que 8h por semana.

Verifica outras mídias enquanto assiste ao canal 4?

Sim. Essa é uma cultura mundial. Você assiste com uma segunda tela na mão. Você assiste a televisão, mas tá sempre ligado a outras coisas. O canal 4 hoje está tentando linkar isso tudo, principalmente depois que eu assumi o programa TV Cidade, ter uma conexão mais direta com quem tá em casa, através das redes sociais. Todo mundo vê TV com o celular na mão, acessando a internet e uma rede social.

Quando está ligado no canal 4 faz alguma atividade doméstica? Se sim, qual?

Não doméstica, mas à noite quanto tô em casa fico com a TV ligada e normalmente realizo outra atividade.

Assiste ao canal 4 pela internet, através do site?

Quando não estou na cidade e sei que tem uma pauta interessante, sim.

Já viu pessoas conhecidas na TV?

Sempre.

Já participou de algum programa, como?

Participo como apresentador do principal programa da emissora e sempre que sou convidado contribuo para os programas de outros apresentadores. Inclusive, tem uma programa que discutimos bastante a questão da comunicação e vários comunicadores são convidados que é o Pauta Livre, que vai ao ar na terça-feira.

Na sua opinião, o canal 4 é o principal ou um dos principais meios de informação/comunicação de Currais Novos? Por que?

Eu vou considerar que é o principal meio de comunicação da cidade, mesmo sabendo que hoje nós concorremos muito fortemente com o whatsapp, o facebook, as transmissões ao vivo, os blogs... Mas, mesmo assim, o canal 4 continua como o principal meio de comunicação. Digo isso pela repercussão que acontece aqui. A notícia pode até ser uma notícia fria, porque todo mundo já viu – é tão ágil a comunicação hoje que tudo se torna frio, não é?! Até mesmo se você ligar o Jornal Nacional, da principal emissora do Brasil, você vai ver algo que ocorreu ao longo do dia só que é algo mais apurado, com mais riqueza de detalhes. – Então, considerando isso, o canal 4 ainda é o principal meio de comunicação da cidade. E acho que vai demorar que isso seja desconstruído por uma cultura que a cidade tem e porque as pessoas se veem. No fim das contas, eu acho que quando você faz uma comunicação que você consegue se ver nela, eu acho que pode até ter muita concorrência – nós concorremos no mesmo horário de grande audiência de jornais de grandes emissoras como Rede Globo, SBT - mas o telespectador prefere ficar no canal 4 porque ele se enxerga ali. Resumindo a sua pergunta: por mais que exista uma grande concorrência nas novas tecnologias e nos meios mais tradicionais, o canal 4, na minha visão, ainda continua sendo o principal meio de comunicação porque as pessoas se enxergam.

Que programa você considera o mais importante quando se trata de transmitir informações referentes ao cotidiano da cidade?

Não é porque eu apresento, mas é o TV Cidade, que a própria empresa concentra todas as suas atenções a este programa porque ela rende comercialmente em audiência e ele que sustenta praticamente em termos comerciais o canal. Por isso que ele é mais aprimorado, mais completo.

Você acredita que a programação do canal supre a necessidade por informações locais?

Por mais que a cidade seja uma cidade pequena, que não tenha tantos acontecimentos – como diz o matuto: tem que tirar leite de pedra para poder fazer um programa de 1h30min acontecer – mas eu acho que ainda merecia ter outros programas, como um jornal, uma variedade maior.

EIXO III – Identidade/Identificação

Caracterize a identidade de Currais Novos a partir de 5 adjetivos/características.

Elegante, empreendedora, audaciosa, artística e uma cidade de referência histórica.

Você se sente representado quando assiste ao canal 4?

Sim. E represento também muita gente.

Você se identifica com o que vai ao ar?

Sim. Porque é uma característica de uma TV local. Inclusive, muitas vezes eu procuro justamente falar como alguém daqui, com proximidade.

Quando se trata dessa identidade, você considera que o canal 4 contribui para a construção da identidade local? Contribui para esta caracterização? Por que?

Sem sombra de dúvidas. Porque eu acho que o canal 4 dita muita coisa que acontece muito na cidade, as lutas do povo, as pessoas acreditam muito no que é transmitido aqui. Eu posso dizer que uma grande reportagem dita muito o restante do dia. À tarde se fala o que se passou aqui. Por exemplo: ontem a gente mostrou a história de um ex-dependente químico e eu vi várias publicações na internet de pessoas da cidade falando nisso. Aqui existe uma cultura do agradecimento. Eu vejo que o que a TV trata tem um caráter de tornar a coisa forte. É um caso de solidariedade que aqui é muito típico, de ajudar as pessoas, então isso muitas vezes dita o resto do dia. É um cachorrinho não tá lá e acaba encontrando. Então, eu vejo isso na prática. Por isso que eu acredito que a Sidy's participa diretamente do cotidiano da vida das pessoas. Não só por retratar, mas também por ditar muita coisa que acontece.

Na "mão oposta", você acha que o canal 4 se apropria desta identidade para transmitir suas notícias? Por que?

Sim. E vou te dar um exemplo muito claro. Nós estamos vivendo aí o aumento da conta de luz. Nós também tratamos do aumento da conta de luz. É claro que se você ligar numa TV nacional, num canal que pegue em todo o país, vai tratar essa notícia. Mas nós tratamos dessa notícia mostrando a Dona Maria, do bairro tal, tentando escutar alguém daqui da cidade, do próprio órgão aqui da cidade, então, nós narramos também as cenas nacionais, mas nós narramos com o olhar local, mostrando o que é que isso implica na vida cotidiana desse povo curraisnovense. E não é só isso. É uma série de outras coisas: a gasolina que subiu... Vai mostrar o cotidiano da cidade. A gente tenta mostrar a notícia mas dentro de um viés nosso, próprio de uma TV local, mostrando a vida das pessoas.

ANEXO C – ENTREVISTA – INFORMANTE-CHAVE 3**ENTREVISTADO:** Zeus Menezes**DATA:** 24/11/2016**EIXO I – Relação com a cidade**

Você nasceu em Currais Novos?

Sim.

Gosta de morar na cidade? Por que?

Gosto. Eu acho uma cidade relativamente tranquila, de um povo acolhedor e hospitaleiro. Também oferece uma boa qualidade de vida.

Você também trabalha na cidade? Se sim, qual a sua profissão?

Sim. Trabalho na Sidy's como supervisor comercial.

Se você pudesse caracterizar como é o cotidiano de Currais Novos, como você o faria?

*É basicamente comércio e estudo. A cidade é voltada para o trabalho, para o esporte (seja de colégio, academia, vida fitness, etc) e estudo (cursos, colégio ou faculdades). Infelizmente, ainda deixa a desejar em opções de entretenimento. E é aí que a Sidy's entra para suprir essa falta de entretenimento, com canais voltados para vários segmentos diferentes justamente para poder oferecer esse entretenimento para a população. Então, não tem para onde sair, fica em casa assistindo aos canais da Sidy's.***EIXO II – Relação com o canal 4**

Você é assinante da Sidy's TV a Cabo há quanto tempo?

Desde quando surgiu. Lá em casa sempre teve. Eu era novinho demais, tinha um ano, dois anos. Então, já faz 24 anos.

O canal 4 é um dos motivos para você ser assinante da Sidy's TV a Cabo?

Sim.

Qual(s) horário(s) assiste ao canal 4?

Eu assisto de meio dia e também, quando dá tempo, na parte noturna, das 18h até às 20h.

Poderia dizer em média quanto tempo gasta, por semana, assistindo ao canal 4?

Digamos que 12 horas por semana.

Verifica outras mídias enquanto assiste ao canal 4?

Whatsapp, Facebook, Instagram...

Quando está ligado ao canal 4 faz alguma atividade doméstica? Se sim, qual?

Não. Mas almoço assistindo.

Assiste ao canal 4 pela internet, através do site?

Quando estou fora de Currais Novos e quero assistir, sim.

Já viu pessoas conhecidas na TV?

Sempre vejo.

Já participou de algum programa, como?

Sim. Já participei de alguns programas apresentando ou comentando ou sendo entrevistado. Como, por exemplo, o Comentário Esportivo, o TV Cidade, o Nossa Terra na TV e o Pauta Livre.

Na sua opinião, o canal 4 é o principal ou um dos principais meios de informação/comunicação de Currais Novos? Por que?

Na minha opinião, é o principal. Porque a gente consegue retratar diariamente com teor jornalístico o que acontece na cidade. Levando conteúdo local para toda a cidade através de imagens. A questão do audiovisual, no meu perceber, é muito forte. Então, eu acredito que é sim o principal ou, pelo menos, um dos principais.

Que programa você considera o mais importante quando se trata de transmitir informações referentes ao cotidiano da cidade?

TV Cidade.

Você acredita que a programação do canal supre a necessidade por informações locais?

Acredito que sim. A gente hoje tem programa esportivo, jornalístico e de entretenimento. Então a gente consegue abranger todos os elos. Tem programa policial também. É uma cidade relativamente pequena, então, acho que conseguimos abordar uma demanda diária de conteúdo suficiente.

EIXO III – Identidade/Identificação

Caracterize a identidade de Currais Novos a partir de 5 adjetivos/características.

Hospitaleira, solidária, empreendedora, comunicativa e agradável (quem mora aqui gosta, quem vem gosta ou quem saiu pensa em voltar).

Você se sente representado quando assiste ao canal 4?

Me sinto sim.

Você se identifica com o que vai ao ar?

Me identifico, porque muitas vezes a gente não sabe de alguma coisa que acontece na cidade e fica sabendo através do canal. Além disso, muitas pessoas que eu conheço no dia a dia eu vejo diariamente no canal 4. Então, eu me identifico muito com o conteúdo que sai no canal 4.

Quando se trata dessa identidade, você considera que o canal 4 contribui para a construção da identidade local? Contribui para esta caracterização? Por que?

Contribui, porque o próprio slogan do canal 4 já diz muito: a imagem de Currais Novos. Então, eu acho que a imagem que o canal 4 divulga e ajuda a construir não deixa de ser uma identidade. A imagem de Currais Novos é também a identidade de Currais Novos. Ou seja, as pessoas de Currais Novos se veem através de um meio de comunicação e através de um canal local. Tudo o que a cidade puder oferecer a gente pode mostrar para Currais Novos e para o mundo, através da internet.

Na "mão oposta", você acha que o canal 4 se apropria desta identidade para transmitir suas notícias? Por que?

Se apropria sim, porque o foco do canal 4 é a informação local ou, no máximo, regional. Porque outros canais já passam conteúdo do Brasil inteiro ou do resto do mundo. Então, nosso foco e o nosso diferencial é justamente o local.

ANEXO D – ENTREVISTA – INFORMANTE-CHAVE 4**ENTREVISTADO:** Siderley Jatobá**DATA:** 20/12/2016**EIXO I – Relação com a cidade**

Você nasceu em Currais Novos?

Não, eu nasci em Natal, em 1977, mas meus pais já moravam aqui e eu sempre vivi pra lá e pra cá. Como eu nasci com uma fissura lábio-palatina, eu precisava de um tratamento especial que só dava para ter na capital, porque aqui não tinha fonoaudiólogo.

Se não, mora aqui há quanto tempo?

Passei a infância quase inteira aqui, mas foram muitas idas e vindas, então posso dizer que vim definitivamente em 1999, depois que eu terminei minha faculdade de Turismo em Natal. Fiz estágios, trabalhei na secretaria de três prefeituras, mas foi só em 2005 que vim trabalhar na Sidy's TV a Cabo. O fato é que de início eu nem tinha vontade de estar na empresa, justamente para fugir da pressão automática que eu tinha de ter o nome do meu pai e ser igual a ele. É como se eu sempre tentasse ir pra fora. Mas, no fim das contas, eu sabia que o “peso” da Sidy's viria até mim, tanto é que comecei e abandonei o curso de Administração duas vezes. Eu vim e realmente me apaixonei. Já fui supervisor de texto do JE, produtor, repórter, apresentador (com um programa voltado para o Turismo que era uma espécie de gincana com alunos da UFRN e envolvia bastante os conhecimentos em relação a cidade. Porque eu penso que se você não tiver o sentimento de pertencimento, você não vê graça em nada). E hoje sou diretor do canal 4.

Gosta de morar na cidade? Por que?

Eu gosto, mas confesso que sinto falta de muitas coisas e sempre que eu posso eu vou a capital. Eu gosto muito de Natal, não só por ser natalense, mas por toda uma vivência que eu tive de infância. Eu nunca fui aquele menino do interior, que não sabe o que é a capital ou sonhava em ir. A gente sempre viveu muito pra lá e para cá, então, não era estranho pra mim o ambiente da capital. Mas eu gosto muito de Currais Novos, porque eu me criei aqui, admiro muito a cidade pelo perfil empreendedor que ela tem. Nada aqui é comum igual aos outros. Se você for numa mercearia, é limpa, é organizada, é caprichada. Se você for numa sapataria, numa farmácia, numa padaria, numa loja de ração animal, é a mesma coisa. Tudo o que você percebe que Currais Novos tem é caprichado, porque as pessoas são vaidosas, mas é uma vaidade positiva. Você pode perceber que, geralmente, as cidades seridoenses são mais limpas e organizadas, as ruas são mais espaçadas, mas Currais Novos ainda tem um capricho maior, diferenciado. Currais Novos é diferente. Aqui nem é mais aquele interior inocente, pacata, nem chega a ser uma grande cidade. É uma cidade de médio porte, muito relevante, sob o ponto de vista de ser polo comercial, polo na educação e polo na saúde para dentro da região do Seridó e dentro do estado do Rio Grande do Norte. A nossa localização geográfica, aliás, é distinta com divisa com o estado da Paraíba. Então, qualquer deslocamento para as grandes cidades, Currais Novos tá no meio, nosso raio de influência é muito bom. Aqui existe uma convergência. Apesar de que temos hoje um conjunto de problemas decorrentes da violência, como as drogas e a prostituição e também a questão da água. Em relação a saúde, vivemos numa verdadeira gangorra em relação ao Hospital Regional, que uma hora tá funcionando, outra hora não está. E em relação a educação, acho que temos uma estrutura boa, temos escolas e universidades que oferecem bons serviços aos estudantes daqui. A rede pública é muito reconhecida, com premiações de empreendedorismo, como é o caso da escola Tristão de Barros, que inventaram uma bengala com sensor e isso ganhou o mundo. E outros e outros projetos que Currais Novos tem porque Currais Novos é diferente. E o que é que faz Currais Novos ser diferente? O povo, as pessoas que são daqui, que sejam nascidas aqui ou não, mas uma vez é de Currais Novos e vive em Currais Novos, a cidade inspira isso. E aí se a gente for olhar o passado, a gente tem pelo menos 10 grandes nomes de homens e mulheres que fizeram essa cidade acontecer, aparecer, como Thomas Salustino e Sílvio Bezerra de Melo. Foram homens que fizeram história. E quem vier depois da gente

vai ter que se inspirar e tocar o barco. Esse clima, esse espírito que faz a gente gostar de Currais Novos.

Você também trabalha na cidade? Se sim, qual a sua profissão?
Eu trabalho aqui na Sidy's, sou diretor do canal 4.

Se você pudesse caracterizar como é a vida cotidiana de Currais Novos, como você o faria?
Eu acho que as pessoas estão muito ocupadas dentro das mesmas rotinas. Eu queria que a gente tivesse mais opções de lazer, mais opções de entretenimento, porque final de semana aqui é só barzinho, lanchonete, pizzaria ou algum show. Mas a linha de passeio, é mais difícil. Existem poucas estruturas que oferecem isso. A vida cotidiana se resume mais a trabalho, intervalo de almoço, atividade física ou ficar em casa assistindo televisão ou lendo um livro. E no final de semana, lazer.

EIXO II – Relação com o canal 4

Você é assinante da Sidy's TV a Cabo há quanto tempo?

Desde pequeno, desde que papai montou a empresa. Sempre me interessei pelos canais locais e sempre achei formidável. A gente usou muito tempo o slogan: a imagem de Currais Novos. E aí é muito subjetivo isso. E eu fico até pensando isso: será que não foi arrogante da nossa parte de se colocar dessa maneira? Como se a gente tivesse se posicionando como a Sidy's como um cartão de visita da cidade. Tipo assim: Currais Novos é quem? É a Sidy's. Muitas vezes eu me perguntei isso. Mas não é! Isso vem da filosofia da história toda. A moral da história é o que? Papai sempre quis que você, que é daqui, se assistisse. Então a ideia é: Currais Novos se vê na TV todos os dias. Currais Novos já foi conhecida como a cidade com maior número de antenas parabólicas do estado do Rio Grande do Norte. Isso mostra que o povo curraisnovense sempre foi antenado, inquieto, que buscava a informação lá fora de alguma maneira. Quer dizer, não seria difícil, por exemplo, a absorção da internet pelo povo de Currais Novos. Você vê muitos donos de loja que pesquisam, vão atrás, inovam e não deixam a desejar para nenhuma outra cidade de capital. Os curraisnovenses vão pra fora, eles viajam, mas eles voltam. Pode prestar atenção! A gente vai pra fora, se aperfeiçoa, mas acaba voltando. E em vários segmentos é assim. Então, papai já tinha a vocação para trabalhar para comunicação e a cidade já tinha perfil para isso. Mas foi meio louco, pois a cidade já estava acostumada com a antena parabólica e passar a receber só um cabo de um poste do meio da rua e dizer que aquele cabo ia oferecer uma porrada de canais de televisão?

O canal 4 é um dos motivos para você ser assinante da Sidy's TV a Cabo?

Sim. Eu acho que é uma vitrine. É um atrativo. Os canais locais são um diferencial dentro do nosso pacote, porque se fosse só pelos canais de assinatura, você poderia simplesmente assinar a Sky ou a NET. Mas a TV a Cabo além de oferecer esse conteúdo, ele oferece o local. E o local, minha amiga, é muito forte. Por isso que temos que zelar pelas transmissões ao vivo. Você está em casa e você pode assistir a procissão de Sant'Ana, você pode assistir as quadrilhas dançando no Forronovos, pode assistir os trios passando no Carnaxelita... Enfim, a TCM de Mossoró trabalha assim. Já em Assú, a TV local não fluiu porque aparentemente eles se meteram com política e a política lá é barra pesada. E aqui nós temos muito cuidado com isso. Estamos há muitos anos em Currais Novos e já prestamos serviços a todos os prefeitos que já passaram sem ter nenhum constrangimento.

Qual(s) horário(s) assiste ao canal 4?

Procuro sempre assistir quando temos programação ao vivo. Em relação ao Jornal Eletrônico, acredito que ele gerou um hábito no telespectador assíduo da Sidy's TV a Cabo. Ele não dorme nem toma café enquanto não vê o que tem de novidade na cidade, quem está fazendo aniversário no dia, qual loja vai amanhecer com promoção, esse tipo de coisa.

Poderia dizer em média quanto tempo gasta, por semana, assistindo ao canal 4?
Cerca de 30h por semana.

Verifica outras mídias enquanto assiste ao canal 4?

Sim. Muitas vezes, estou online no Facebook e no Whatsapp.

Quando está ligado ao canal 4 faz alguma atividade doméstica? Se sim, qual?

Às vezes, almoçando ou jantando.

Assiste ao canal 4 pela internet, através do site?

Não. Só pela televisão.

Já viu pessoas conhecidas na TV?

Muitas.

Já participou de algum programa, como?

Já. Tanto apresentando como sendo entrevistado como sendo repórter em matérias. Participei de diversas formas.

Na sua opinião, o canal 4 é o principal ou um dos principais meios de informação/comunicação de Currais Novos? Por que?

É um dos principais, porque meios de comunicação não tem só a televisão, tem o rádio, a TV, a internet.

Que programa você considera o mais importante quando se trata de transmitir informações referentes ao cotidiano da cidade?

O programa TV Cidade é há muito tempo o âncora da nossa programação. Nós já sentimos que a faixa de horário nobre da gente é entre meio dia e 14h. É uma hora que a audiência é lá em cima. É o horário que o pessoal vai para casa, para almoçar.

Você acredita que a programação do canal supre a necessidade por informações locais?

Não supre completamente. Porque nossa estrutura ainda é pequena e nós não conseguimos estar em toda a cidade ao mesmo tempo. Nós já falhamos muito nisso. Nossos repórteres procuram trazer aquilo que é mais importante em termos de cotidiano para o programa. Mas acontece de alguma coisa escapar. Ou seja, não somos infalíveis, por isso que te respondi esse não. A gente supre parcialmente, mas não completamente.

EIXO III – Identidade/Identificação

Caracterize a identidade de Currais Novos a partir de 5 adjetivos/características.

Acolhedora, progressista, inspiradora, empreendedora e possui um clima agradável.

Você se sente representado quando assiste ao canal 4?

Me sinto, porque se eu não tive a oportunidade ou capacidade de fazer um trabalho desse para mostrar a minha própria cidade, eu tenho que aplaudir quem teve. Então, uma empresa dessa com mais de 20 anos de experiência, onde a base de tudo é a vontade de mostrar a cidade pra ela mesma, isso já é digno de aplausos. E mais ainda: quando a gente percebe que a empresa faz isso de uma maneira positiva, transparente, a gente tem um histórico muito grande de prestar serviços a cidade, a gente não quer montar uma imagem de bonzinho, a Sidy's é realmente uma empresa bacana, como se todo mundo fosse uma família. Mas, em geral, a empresa tem uma imagem muito positiva lá fora, pela postura que a gente tem frente à cidade. Infelizmente, temos pautas desagradáveis, mas é o trabalho do jornalismo. Eu digo muito: nem sempre uma televisão pode ser inteligente o tempo todo, ela tem que ser toda fragmentada em conteúdos diversificados. Aqui acontece também dessa maneira.

Você se identifica com o que vai ao ar?

Me identifico bastante.

Quando se trata dessa identidade, você considera que o canal 4 contribui para a construção da identidade local? Contribui para esta caracterização? Por que?

Muito, porque se não fosse o canal 4 mostrando o que a cidade tem, ela não teria esse reconhecimento. Por exemplo: a Sidy's foi mostrar uma fábrica de polpa de frutas no Povoado Cruz,

se a gente não tivesse ido lá, feito a matéria e mostrado na televisão, quantas pessoas saberiam que esse projeto existe lá? Seria muito menor. Mas como a realidade vem pra televisão e a gente mostra pras pessoas, isso vai solidificando valores na população. “Ah, Currais Novos tem isso. Você não viu não? Passou na Sidy’s!”. Então o canal 4 contribui pra isso e graças a Deus não tem só a gente como tem mais outros 4 canais locais. Nós somos considerados o principal porque somos como a “mãe”, que partiu na frente, mas na verdade somos todos canais irmãos.

Na "mão oposta", você acha que o canal 4 se apropria desta identidade para transmitir suas notícias? Por que?

Eu acredito que sim. O que acontece é muito interessante: nós somos uma televisão pequena, mas nós temos como exemplo todos os outros canais que a gente carrega no pacote de programação. Eu sou um canal local, mas eu estou dentro do mesmo pacote de vários outros canais nacionais. Você vê bancada, você vê câmera, você vê microfone, você vê toda a estrutura que esses outros carregam. Então, os outros canais são laboratórios para gente. Mas, por exemplo, nunca veio um repórter pra cá e nós pedimos para ele mudar o sotaque.

Ou, outra coisa: quando teve o acidente de avião do Chapecó, era uma notícia nacional, mas nós trouxemos para a nossa realidade. Fomos cobrir o enterro de um dos jogadores que era de Nova Cruz. Não foi a coisa mais importante para Currais Novos assistir, mas em termos de Jornalismo e a nível de território nacional, era importante a gente ir lá. Tão perto da gente, por que não iríamos cobrir? Isso pelo ponto de vista da identidade local, não seria tão importante. Mas a gente não foi pelo peso do futebol na cidade, não foi uma questão identitária ir para Nova Cruz, mas foi pelo momento jornalístico. E onde nós falhamos? A gente pautou que a equipe de plantão iria no fim de semana para lá? No domingo, como a equipe estava lá, nós não cobrimos a primeira edição de um evento cultural que teve aqui na cidade. Inclusive, eu estava lá e todo mundo me perguntou porque a Sidy’s não iria cobrir. Então, eu deixei de fazer uma coisa que seria mais identitária para gente, para cobrir uma coisa jornalística de relevância. Nós julgamos importante, já que temos um programa de esporte.

São situações. Mas, no geral, existe essa apropriação. A gente se apropria da identidade do lugar, porque nós somos parte desse lugar. Nós temos que devolver pra própria sociedade, já que a empresa surgiu com o intuito de mostrar a cidade pra ela mesma. A cidade me gera conteúdo e eu devolvo pra ela. E, nesse processo, ela se reconhece.

ANEXO E – ENTREVISTA – INFORMANTE-PADRÃO 1

ENTREVISTADO: Luciano Oseas

DATA: 21/11/2016

EIXO I – Relação com a cidade

Você nasceu em Currais Novos?

Não. Nasci em Natal/RN.

Se não, mora aqui há quanto tempo?

Moro em Currais Novos há quase 6 anos.

Gosta de morar na cidade? Por que?

Gosto. Adoro. Primeiro, é uma cidade muito agradável, onde você tem uma certa qualidade de vida, oferece os serviços mínimos que você precisa, desde banco a bares e restaurantes interessantes. E a gente também tem a questão da mobilidade: para se movimentar aqui a gente gasta cerca de 10 minutos, porque não temos um trânsito pesado. Diferentemente de cidades grandes como Natal que você leva cerca de duas horas, em horário de pico, para se movimentar de um bairro para outro. E também a questão da violência: apesar de ser propagado que aqui a violência é muito alta em relação a outras cidades do interior, essa violência acontece muito mais de marginal para marginal do que do marginal para o cidadão comum. Não é que não aconteça, acontece sim, uma ou outra abordagem, mas é mínima. Aqui existe uma situação de praça: nós temos aqui quatro praças principais, onde em qualquer uma você pode encontrar serviços como bares, restaurantes e lanchonetes, além do convívio sociocomunitário. Quem tem filho, por exemplo, pode levá-lo para brincar, para passear, para conversar, para andar de carrinho... Ou seja, a cidade realmente oferece serviços e entretenimentos mínimos para quem não quer algo requintado e que não reclama por um serviço mais aprofundado. Aqui nós temos uma deficiência forte que é a falta de cinema e de teatro, mas isso é compensado com uma ida rápida a capital. Tem a cultura popular, tem a cultura do cordel, tem o boneco mamulengo. Então, dizer que não é bom morar numa cidade como essa seria uma falácia.

Você também trabalha na cidade? Se sim, qual a sua profissão?

Sim. Tenho um vínculo público como servidor técnico-administrativo no IFRN e um vínculo privado como professor na área de Gestão Pública da Faculdade do Seridó.

Se você pudesse caracterizar como é o cotidiano de Currais Novos, como você o faria?

Fica até fácil para mim porque eu trago o olhar de fora para cá. A vida cotidiana de Currais Novos não sofreu alteração, pelo que converso com pessoas que sempre moraram aqui, ela acontece da mesma forma há bastante tempo. É numa cidade que tem como o seu ponto forte o comércio. É uma cidade empreendedora. O que você pensar de novidade, você encontra aqui em Currais Novos. Então é uma cidade que tem uma certa dinâmica e um certo viés empreendedor. Hoje em dia ela está se comportando como uma cidade logística, onde serve de ponto de distribuição de mercadorias para outros municípios. Aqui é uma cidade polo. E o cidadão comum de Currais Novos tem um dia a dia direcionado ao trabalho que hoje é mais forte em relação aos serviços, ao comércio e ao setor público. E hoje o dia a dia tem uma jornada laboral pela manhã, aqui você tem uma cultura que resiste ao tempo, que não se tem, por exemplo, na capital, que é a sesta do meio dia, onde as pessoas tiram um tempinho para dormir. Alguns comércios fecham e reabrem as portas a partir das 14h e segue a rotina até o final da tarde, as 18h. Então, a noite é uma cidade que gosta muito de descontrair, que mantém aquela conversa no pé de porta, aquela conversa bairrista, também de passear pelas praças: a mais tradicional é a Cristo Rei, no centro, a praça Tetê Salustino, a praça da Imaculada Conceição que é ponto de encontro de muitos grupos, e tem o largo Júnior Toscano, que tem vários bares e restaurantes, então, o público é mais adulto, digamos assim.

EIXO II – Relação com o canal 4

Você é assinante da Sidy's TV a Cabo há quanto tempo?

Hoje, especificamente, por estar morando numa localidade que a Sidy's não atende, não sou assinante. Mas fui assinante por 4 anos seguidos e, mesmo não sendo assinante hoje, acompanho pela internet diariamente a programação, pelo site institucional, que é disponibilizada ao vivo. Então, vamos dizer que eu não perco a programação da Sidy's pela ausência da assinatura da TV a Cabo.

Inclusive, tem um dado interessante aqui em Currais Novos, que quem é assinante, a maioria das pessoas, o horário que passa o programa de maior audiência, que é o TV Cidade, é o mesmo horário que passa o RNTV, da Intertv Cabugi. É praticamente uma guerra de audiência que quem acaba vencendo é a Sidy's.

O canal 4 é um dos motivos para você ser assinante da Sidy's TV a Cabo?

Sim. A primeira motivação foi o canal em si, porque é um canal que tem uma programação jornalística que passa informações sobre a cidade, então a gente que mora aqui gosta de se empoderar dos assuntos que aborda o local. E assim que eu cheguei na cidade, na minha TV pegava apenas os canais nacionais abertos como Globo e Record. No convívio do dia a dia, eu sempre acabava sendo questionado: você viu na TV? Em relação a alguma matéria que saiu no jornal da Sidy's. Tem outros programas também que são bastante interessantes, mas o jornal – o TV Cidade – ele tem um impacto muito grande na comunidade. Então, me despertou curiosidade. Eu já conhecia, antes mesmo de ser assinante, porque eu passei uma temporada em um hotel, antes de trazer minha família para cá. E no hotel tinha a TV a Cabo. Quando eu não estava dando expediente, sempre estava ligado no canal. Porque é onde realmente você fica por dentro do que acontece na cidade. Tem outros programas de entretenimento que abordam o cotidiano e também um informativo, o Jornal Eletrônico. Então, você acaba sabendo quem é o artista local, quem se destaca nas artes, porque você o viu num programa local. E quando eu me mudei para uma residência fixa, eu busquei ser assinante da Sidy's justamente para não ficar por fora do que acontece na cidade. E realmente: as pessoas se informam pelo que passa no canal 4. Tem uma máxima que diz que “não saiu no Jornal Nacional, não é verdade” e aqui é “não saiu na Sidy's, não aconteceu”. Até quem não tem acesso, alguns bairros de periferia que a tecnologia ainda não chega, mas ainda assim a notícia repercute. “Saiu na TV”: quando dizem que saiu na TV, não é que saiu no Jornal da Bandeirantes ou no Jornal da Record, é porque foi uma matéria veiculada no canal 4. E tem outros canais locais também, não é só o canal 4, como a TV Comunitária, TV Cristo Rei, um canal de “chorinho”, a RPTV que passa uma programação produzida por jovens da cidade. Ou seja, existem outros canais locais além do canal 4, mas o canal 4 tem uma infraestrutura mais profissional, então, acaba agregando mais audiência.

Qual(s) horário(s) assiste ao canal 4?

Quase todos os dias assisto o TV Cidade, ou seja, de meio dia às 13h30. Quando não posso integralmente, assisto pelo menos uma parte. E assisto também ao programa Pauta Livre, à noite, na s terças-feiras.

Poderia dizer em média quanto tempo gasta, por semana, assistindo ao canal 4?

Visto que nem sempre consigo assistir ao TV Cidade integralmente, acredito que cerca de 4h por semana.

Verifica outras mídias enquanto assiste ao canal 4?

Não. Às vezes eu confiro as redes sociais, mas sempre quando a programação faz uma pesquisa ao vivo ou coisa do tipo. A TV fica sempre no canal 4, até mesmo nas propagandas, porque elas também podem trazer assuntos do meu interesse. Ao contrário, por exemplo, do Jornal Nacional, por exemplo, que eu fico sempre zappiando, mas nos programas de Currais Novos não.

Quando está ligado no canal 4 faz alguma atividade doméstica? Se sim, qual?

Atividade doméstica em si não. Mas estou geralmente almoçando quando está passando o TV Cidade.

Assiste ao canal 4 pela internet, através do site?

Assisto também. Inclusive, quando meu horário se estende no trabalho, eu assisto lá mesmo ou pelo celular.

Já viu pessoas conhecidas na TV?

Sim. É justamente o que desperta a curiosidade do cidadão comum. A proximidade realmente atrai muito. E quando eu conheço a pessoa, confesso que desperta ainda mais o interesse de saber o que está acontecendo com aquela pessoa que a gente conhece e que está participando da notícia.

Já participou de algum programa, como?

Já sim. Já participei do próprio TV Cidade para falar sobre a questão da falta de água, pois desenvolvemos um projeto voltado para o meio ambiente no IFRN. Também participei no período do processo seletivo do IFRN local, pois fui convidado para convidar os estudantes de Currais Novos a participarem da avaliação. E eu também sou membro do Conselho dos Direitos das Crianças, então, sempre que tem uma pauta voltada para políticas públicas em relação a crianças e adolescentes, eu acabo participando, para esclarecer algumas dúvidas.

Na sua opinião, o canal 4 é o principal ou um dos principais meios de informação/comunicação de Currais Novos? Por que?

Eu acredito e credito ao canal 4, principalmente o TV Cidade, ser o principal veículo de comunicação de Currais Novos. Eu não vou fazer essa afirmação levando em consideração técnica jornalística nem qualquer coisa nesse sentido, mas o que sai no TV Cidade é o que é discutido realmente pela comunidade local. Vinha nessa linha com um apresentador que tinha antes, que é bastante respeitado aqui na cidade e tem um poder comunicativo muito grande, que era o pastor João Batista, e chegou um novo apresentador, o Ismael, que manteve a linha e posso dizer que até tenha crescido a audiência depois dele. Então, o que sai na TV a Cabo acaba pautando o que é conversado no outro dia na cidade e também outras mídias, como os blogs. Aqui, nós não temos um portal de notícias, como o G1, por exemplo, mas temos um ciclo de blogueiros, dentre eles jornalistas e comunicadores, e muitas vezes a notícia sai no canal 4 e, em seguida, nesses meios. É tanto que o grande debate entre os candidatos a prefeito de Currais Novos que aconteceu aqui foi no canal 4. Então, é um canal que possui uma linguagem jornalística mais enxuta, mais dinâmica, mais direta. Não é muito próxima aos outros canais locais, que utilizam quase uma linguagem radiofônica, e talvez seja por isso que ele agregue mais público e tenha um poder de influência maior com o público que se informa. E tem também a questão do anunciante: o TV Cidade é o programa que tem mais peso de patrocínio e isso ajuda a chamar as marcas e as empresas. Às vezes realizam também sorteios com a comunidade. Então, é bem diversificado. É quase uma revista em TV.

Que programa você considera o mais importante quando se trata de transmitir informações referentes ao cotidiano de Currais Novos?

O programa mais importante é o TV Cidade. Nós não temos um jornal escrito diário aqui, que tenha essa característica do jornalismo, de ir até o fato, apurar, ter aquela pauta pré-elaborada, de ter uma produção, de ter um jornalista que escreva uma notícia jornalística precisa na forma escrita. Então os blogs aqui têm uma deficiência grande que é a de não construir a notícia, são basicamente notas, informações rápidas, colocam um lead, de certa forma mal construído, que não informa muito. Isso não quer dizer também que a matéria jornalística trabalhada pela Sidy's tenha excelência. Não é uma matéria global, não é uma matéria que dá pra exibir até mesmo na TV Cabugi. Algumas sim, outras não. Mas é uma matéria que conta com uma imagem que ajuda a informar, que conta com o mínimo de informação do jornalista ou do repórter, que tá fazendo a matéria. E ainda tem a sonora com o entrevistado que ajuda muito também a clarear aquele determinado assunto. Ou seja, acaba ficando quase redondinho o assunto quando vai ser informado. Uma coisa que eles fazem que é interessante também é que eles não elaboram muito, não fazem muito arruêio, nem muita pirotecnia, não abusam, ou seja, fazem o que devem fazer – sujeito, verbo e predicado – e isso ajuda muito. Com o suporte da imagem, ajuda mais ainda.

Você acredita que a programação do canal supre a necessidade por informações locais?

Não supre. Pra quem viveu num grande centro ou viaja pra um grande centro, sabe que somos bombardeados por informações o tempo inteiro, inclusive nas redes sociais. Então, aqui, eu sinto falta da informação por escrito, apurada, com várias fontes, com várias vozes sendo aspeadas no texto, com uma diversificação de pauta... Às vezes, o jornalismo televisivo da Sidy's fica muito batido, com aqueles assuntos muito repetidos: como o dia disso, dia daquilo ou algum serviço público. Então, acaba sendo um pouquinho "chapa branca", pois anuncia muito os serviços públicos, não tem uma certa criticidade, de questionar a ausência de uma coisa ou de outra. Enfim, falta um pouco do jornalismo investigativo ou o jornalismo em essência: que seja apurativo, que busque o novo, que vá atrás da novidade, que é uma base do jornalismo. Então, às vezes, é muito repetitivo, é muito chapa branca. Mas, infelizmente ou felizmente, a gente tem que se apropriar desse tipo de comunicação.

EIXO III – Identidade/Identificação

Caracterize a identidade de Currais Novos a partir de 5 adjetivos/características.

É uma cidade muito empreendedora e vanguardista, está sempre à frente das outras quanto se trata de inovação, mas ao mesmo tempo também a considero tradicional no aspecto religioso e comportamental do cidadão. Além disso, é uma cidade trabalhadora tanto na zona rural como na zona urbana: você não vê com frequência moradores ou crianças de rua ou até mesmo a cultura da esmola. Aqui, o cidadão inventa o que tiver de inventar para trabalhar. Uma coisa interessante é que com essa cultura do food truck que invadiu o país, aqui em Currais Novos, o cidadão inventou o Pickup Truck: pegou uma fiorino velha e disse que tava sem emprego e montou um cachorro-quente diversificado na praça em frente à prefeitura e todo dia à noite ele está lá e é um dos empreendimentos que vêm dando certo. O curraisnovense empreende e vai trabalhar. E a última característica que eu poderia dizer é que é uma cidade alegre. Ela não é uma cidade triste. Ela é colorida, não é manchada, não é uma cidade com aquele aspecto de desprezo, como você vê na entrada de Recife, por exemplo. Aqui você não vê favela, vê algumas comunidades pobres, mas não aquele aspecto que entristeça a cena urbana da cidade. E até mesmo essas pessoas que vivem numa situação de pobreza, são pessoas felizes. Mesmo na adversidade, a pessoa consegue dar um sorriso. Eu tenho até uma história lá no IFRN de uma senhorinha que foi fazer a matrícula do neto e perdeu o período de isenção. Ela foi informada que teria que pagar 20 reais e, na mesma hora, com um sorriso no rosto, disse: "não tem problema não. Eu pego uma galinha, mato, vendo na feira e venho pagar amanhã". Então, é um povo que mesmo na adversidade bota um sorriso no rosto. Não tem tempo ruim. E aquele apelido que dão para Currais Novos de princesinha do Seridó é a mais pura verdade, porque é uma cidade alegre. Então, recapitulando, é uma cidade empreendedora, vanguardista, tradicional, trabalhadora e alegre.

Você se sente representado quando assiste ao canal 4?

Sim. Porque o canal 4, apesar de não ser um canal super profissional, ele volta totalmente para o local. Até porque eles sabem que não dá para concorrer com algo de fora. Então, eles trabalham muito bem essa questão do cotidiano. Quem quer conhecer Currais Novos ou se informar a respeito de algum serviço ou alguma novidade, acaba tendo que assistir ao canal.

E só para esclarecer, eu moro aqui há cinco anos, e apesar do pouco tempo, já fui agraciado com o título de cidadão curraisnovense, então, apesar de ter nascido em Natal/RN já posso me sentir representado como curraisnovense.

Você se identifica com o que vai ao ar?

Muitas coisas sim. Porque quando levam, por exemplo, uma matéria sobre problema de buraco ou invasão de entulho, em determinada via que eu trafego todos os dias, então, realmente, ali está levando uma reivindicação minha também. Ou o posto de saúde que deixou de funcionar... ou seja, é um serviço de utilidade pública e que eu preciso saber. Então, se não fosse esse canal, não haveria outro meio de disseminar uma informação tão rápida pela cidade. Eles tem também um informativo interessante que não rola na capital, que é o chamado plantão da farmácia. E eles avisam todos os dias. Se de madrugada você precisar de algum remédio, basta ligar no canal 4 e ver qual a farmácia você deve se dirigir. Além disso, tem a questão da programação cultural também. Chega o fim de

semana, você quer saber o que tem pra fazer. Então, é uma forma de você saber também como aproveitar a cidade.

Quando se trata dessa identidade, você considera que o canal 4 contribui para a construção da identidade local? Contribui para esta caracterização? Por que?

Acredito que sim, porque uma coisa que eles tem interessante é a questão cultural. Sempre trazem o artista local, a pessoa local. O atendimento numa unidade especializada, algum trabalho que esteja sendo desenvolvido em prol da sociedade. Ao se mostrar o que acontece e quem acontece na cidade, isso é de extrema importância para a dinâmica da cidade. São informações que te ajudam a entender o local. Ou seja, a cultura local é sempre muito bem mostrada e explicada. Então, sim. Contribui. O canal reflete a realidade de Currais Novos.

Na "mão oposta", você acha que o canal 4 se apropria desta identidade para transmitir suas notícias? Por que?

Por se tratar de uma empresa comercial, acredito que aquela parte de interesse comercial é trabalhada sim, pois nenhum veículo sobrevive sem a parte comercial. Eu gostaria até que eles fizessem como grandes veículos fazem: deixar claro que ali se trata de um informe publicitário. Quem tem um senso crítico maior, percebe rapidamente. Então, em algum momento, acaba sim sendo veiculado algo que é do interesse da TV. Mas os canais de comunicação daqui não são tão diversificados como numa capital, que acaba que quem vai vender uma informação à TV, seria informação de qualquer forma. Não teria como escapar. Acredito que eles também não trabalhem essa ideologia político-partidária. Não tem essa influência mercadológica do poder público em cima do que é veiculado. As pessoas noticiam tudo com muito cuidado, sem trabalhar uma notícia muito forçada ou que dão um teor de persuasão.

ANEXO F – ENTREVISTA – INFORMANTE-PADRÃO 2

ENTREVISTADO: Pastor João Batista

DATA: 23/12/2016

EIXO I – Relação com a cidade

Você nasceu em Currais Novos?

Sim. Nasci em Currais Novos. Morei a vida inteira, só saí para formação acadêmica. Passei quatro anos no Recife e depois voltei para cá.

Gosta de morar na cidade? Por que?

Gosto muito, porque uma cidade como a nossa é interiorana mas tem todos os recursos que você precisaria para continuar se adestrando, estudando. É uma cidade que oferece uma relativa tranquilidade em meio a esse mundo caótico. E pela questão das raízes: eu sou muito ligado às raízes. Acho que você obrigatoriamente tem que tentar fazer algo pela sua cidade. Então, se eu tenho algum potencial ou algum atributo, eu foquei nessa perspectiva de implementá-lo aqui e não buscar numa cidade grande, mas talvez sonhar em fazer alguma coisa para que a minha cidade fosse grande.

Você também trabalha na cidade? Se sim, qual a sua profissão?

Sim. Eu tenho algumas profissões: sou pastor, sacerdote da Igreja Presbiteriana do Brasil, atuo como apresentador de TV, faço também um trabalho de locução semanal no rádio e sou diretor da escola Logus. Além dessas, ainda tenho um trabalho de consultoria com algumas empresas e sou palestrante.

Se você pudesse caracterizar como é o cotidiano de Currais Novos, como você o faria?

Eu a caracterizaria como uma vida tranquila, recheada por algumas coisas que são muito boas: uma cidade onde todo mundo se conhece, que é fácil se locomover, que você perde pouco tempo com algumas coisas e tem muito mais tempo para outras. Eu consideraria essa cidade como uma cidade tranquila, feliz e com um “que” de progresso, uma cidade meio atirada, meio vaidosa, que já teve muita glória no passado e hoje tenta reencontrar a sua base – já que perdeu, que era a mineração – mas é uma cidade que tem ido relativamente bem, apesar das condições: estar no semiárido e numa das áreas de maior desertificação do país. É uma cidade tranquila e favorável. Como tem pouco lazer, então sobra mais tempo para você trabalhar e naturalmente descansar. Mesmo tendo uma carga de trabalho, qualquer cidadão de Currais Novos vai ter uma compensação. Então, a falta de opção para se entreter, acaba sendo um sumo bom para você levar uma vida mais tranquila, menos estressante, você descansa mais e, conseqüentemente, esperamos viver mais também.

EIXO II – Relação com o canal 4

Você é assinante da Sidy's TV a Cabo há quanto tempo?

Sim. Sou assinante desde que a Sidy's começou.

O canal 4 é um dos motivos para você ser assinante da Sidy's TV a Cabo?

Sim. Se não fora pelo canal 4, certamente eu teria só outro tipo de TV por assinatura. Como acontece na minha casa, que tenho uma outra operadora que é a Sky, e eu mantenho a TV a Cabo por causa dos canais locais, não só o canal 4.

Qual(s) horário(s) assiste o canal 4?

O horário nobre do canal 4 é o do meio dia. Mesmo considerando que uma boa parcela da população (e eu me incluo nela), não consegue dispor de 1h30 pra assistir o canal 4. Mas, mesmo sem assisti-lo, eu reconheço que boa parte daquilo que acontece na cidade passa por ele. Então, assistindo ou não, você toma ciência de que alguma coisa aconteceu e foi por esse canal 4 e os demais canais locais.

Poderia dizer em média quanto tempo gasta, por semana, assistindo ao canal 4?

Já foi uma média maior, mas hoje é uma média bem pequena. Talvez eu não dedique mais do que 20 minutos por semana para o canal 4. Mas se for considerar os outros canais locais do sistema Sidy's, eu passo mais de 1h30 por dia. Independente do seu foco, Marília, eu acho que hoje o canal 4 perdeu um pouco da preponderância e ela divide com os outros canais locais a sua audiência. Então hoje, eu diria pra você com toda certeza, que se fosse só pelo canal 4 nós o arrefecimento teria sido inevitável, mas quando você pega o conjunto da obra, aí ele se sustenta.

Verifica outras mídias enquanto assiste ao canal 4?

Sim. As redes sociais no geral.

Quando está ligado ao canal 4 faz alguma atividade doméstica? Se sim, qual?

Sim. Quase sempre almoço.

Assiste ao canal 4 pela internet, através do site?

Não. Assisto o canal 57 pela internet.

Já viu pessoas conhecidas na TV?

Sim. Muitas.

Já participou de algum programa, como?

Sim. Já participei na condição de entrevistado e já participei na condição de apresentador, por 11 anos.

Na sua opinião, o canal 4 é o principal ou um dos principais meios de informação/comunicação de Currais Novos? Por que?

É um dos principais, porque a cidade absorveu muito bem essa proposta que, quando nasceu há anos atrás, nós éramos a primeira cidade do Norte/Nordeste a ter TV a Cabo com o serviço de assinatura dos canais nacionais e com o serviço de um canal local. Então, isso envaideceu muita gente. Como nós estávamos saindo de uma “deprê”, em função do fim do ciclo da mineração - na década de 1980 tivemos 10 mil pessoas saindo de Currais Novos. A revista VEJA chegou a noticiar Currais Novos como uma cidade fantasma, com matéria de capa -, chega a Sidy's e enche de vaidade a cidade: nós fomos o primeiro a ter isso e o povo incorporou muito bem a ideia. A partir de então, essa situação foi se perpetuando. Hoje, eu digo a você com certeza que a Sidy's e o canal 4 junto com os demais canais locais são considerados – pelo menos é essa minha opinião – um dos maiores patrimônios da cidade de Currais Novos. Se você perguntar talvez do que as pessoas mais se orgulham, elas poderiam responder o fato de termos um sistema de comunicação com 5 canais locais, com toda essa efervescência, com a notícia perto da gente. Para você ter ideia, é o único lugar do Brasil, que eu tenho ciência, onde um canal local ou outro conseguem bater a audiência dos canais abertos em horário nobre.

Que programa você considera o mais importante quando se trata de transmitir informações referentes ao cotidiano da cidade?

É o TV Cidade.

Você acredita que a programação do canal supre a necessidade por informações locais?

Não, há muitas lacunas. Com tudo isso, talvez ainda passemos por um momento de evolução, de maturação. Porque ainda há um foco muito grande para o policial e outro foco muito grande para a entrevista. Aí no entremeio, tem muita coisa que poderia ser explorada. O que eu creio é que os canais locais, a partir daquele que tem mais estrutura, que é o canal 4, ele poderia estar dando uma contribuição muito mais valiosa. Mas eu não digo que eles não façam porque não queiram, talvez seja uma questão de tempo, mas nós temos uma seara de oportunidades para serem exploradas pelos canais locais. Nós ainda temos uma carência de pessoal técnico nesse campo, sobretudo do profissional do Jornalismo, o elo mais importante. Para você ter ideia, temos pouquíssimos desses elos sendo conduzidos por profissionais com essa habilitação.

EIXO III – Identidade/Identificação

Caracterize a identidade de Currais Novos a partir de 5 adjetivos/características.

Currais Novos é uma cidade progressista, tranquila, bairrista, atraente e é uma cidade com muito futuro.

Você se sente representado quando assiste ao canal 4?

Não muito. Porque ainda há uma segmentação muito forte. Você tem uma influencia muito acentuada de muitos segmentos enquanto outros são desprezados. Eu acho que poderia ser mais democrático no sentido de assistir e representar e ter canais para a inserção de mais gente, de mais coisas, de mais pensamentos e mais valores.

Você se identifica com o que vai ao ar?

Em partes. Exatamente porque se convencionou a apenas algumas coisas. Você vai para o sistema de canais por assinatura, seja Claro, seja Oi, seja SKY, você sente uma preocupação. Só que quando se trata de ter 200 canais, você tem canais específicos e especialistas. Nós não podemos ter isso aqui em Currais. Então, nós teríamos que ter maior diversidade neste canal. Por exemplo, existe um programa voltado para crianças aqui? Não, não temos. E é uma lacuna substancial. Primeiro, porque a criança é extremamente importante. Segundo, porque a criança é uma fonte de consumo muito grande. Terceiro, porque estamos falando da geração subsequente. Quarto, porque se você fizer um levantamento, se isso fosse uma pesquisa, você ia diagnosticar que as gerações mais velhas é que ainda estão com uma certa sintonia com o canal 4. E eles não percebem que estão perdendo a geração subsequente. Primeiro, por não terem uma programação voltada para isso. Segundo, por causa do advento das redes sociais e da instantaneidade. Eu fiz uma pesquisa quando estava tentando implementar o meu programa num canal alternativo e o diagnóstico foi facilimo e preocupante para eles que detém a concessão: se as pessoas tivessem que abrir mão de alguma coisa que é fonte de entretenimento, ninguém cortaria a internet, a Sidy's TV a Cabo apareceu em 70% dos casos. Ou seja, se houver arrocho, a turma "passa a faca". Isso me diz o seguinte: não é relevante para todos os públicos. É dispensável.

Outra coisa que eles ignoram é que o público que gosta da TV a Cabo, que se afeiçoou a esse meio de informação, é um público mais maduro, para não dizer velho. É esse pessoal que sustenta a casa. Não exploram bem isso aí: se eu não trato bem quem paga, pode ser que quem paga não veja tanto sentido em pagar. Mas aí já é um viés mais mercadológico. De qualquer forma, diz muito sobre o futuro da Sidy's.

Quando se trata dessa identidade, você considera que o canal 4 contribui para a construção da identidade local? Contribui para esta caracterização? Por que?

Contribui sim. É um elo que tem a extraordinária capacidade de salientar o que quer. Como eles salientam muito, aquilo que é louvável, destacando as personalidades, elas passam a ter uma imagem mais cristalizada. Então, nós temos a impressão de que nós temos empreendedores mais arrojados do que na verdade temos. Como ela tem uma extraordinária capacidade de mostrar a dinâmica do cotidiano da cidade, os eventos e etc e tal, aquilo que poderia passar despercebido, se não fosse o canal 4, acaba ganhando notoriedade. Isso influi diretamente na construção da imagem de Currais Novos, na cabeça de quem mora aqui e, naturalmente, essa identidade é exportada também. Faz com que quem tá longe deseje, faz com que quem tá longe admire, faz com que quem tá perto se orgulhe. E isso dá um conceito diferente para a nossa cidade. Eu não estou dizendo que isso corresponde com a realidade, porque a televisão tem essa capacidade extraordinária de fantasiar.

Na "mão oposta", você acha que o canal 4 se apropria desta identidade para transmitir suas notícias? Por que?

Eu creio que sim. Agora o canal local faz jus a essa nomenclatura que você tá usando: ele realmente é local. Mas o grande prejuízo, na minha opinião, foi por muito tempo não trazer um contexto macro para fazer uma leitura a partir daqui. Se você assistir o canal 4 hoje, você vai ver que eles tem uma quase que exclusiva preocupação na produção deles com o que é local. Isso traz benefício: ajuda na construção da identidade. Mas traz um prejuízo: nós acabamos por conceber coisas que são de interesse nacional e que têm interferência direta na nossa vida, de uma forma muito miúda. É como

se você anulasse o macro e salientasse o micro. Se nós discutíssemos o macro, daria uma contribuição muito maior. Se eu tiro dos horários nobres, boa parte da população, dos programas nacionais, eu estou privando da participação dela para uma discussão importante. Aí eu trago para cá o micro. Acaba gerando na cabeça de algumas pessoas um processo que amíúda o pensamento. Isso deve gerar uma espécie de prejuízo, eu não sei o quanto. Nós precisaríamos fazer o inverso: se estivéssemos discutindo no canal 4 a reforma da previdência, por exemplo, com o pessoal daqui, isso fazia com que eles crescessem, porque você traz uma discussão macro e você traz a localidade. Junta tudo e amplia a visão. Mas isso dificilmente é feito.

ANEXO G – ENTREVISTA – INFORMANTE-PADRÃO 3**ENTREVISTADO:** Graça Oliveira**DATA:** 17/10/2016**EIXO I – Relação com a cidade**

Você nasceu em Currais Novos?

Não. Nasci em São Tomé. Mas vim para Currais muito jovem.

Se não, mora aqui há quanto tempo?

Há 45 anos.

Gosta de morar na cidade? Por que?

Sim. Porque é uma cidade que tem tudo o que eu gostaria: é menos perigosa, da violência que existe em todo lugar. Mas Currais Novos é uma cidade que dá pra se morar com mais tranquilidade.

Você também trabalha na cidade? Se sim, qual a sua profissão?

Sim. Eu sou secretária administrativa da UFRN de Currais Novos.

Se você pudesse caracterizar como é o cotidiano de Currais Novos, como você o faria?

*Bom, o cotidiano daqui é como se fosse uma cidadezinha do interior, mas um pouco mais desenvolvida. Ela não é tão pacata como as cidades vizinhas. É uma cidade com a população muito participativa em relação a festas e eventos, religiosos ou de outra natureza. E o que eu gosto também é que são pessoas muito acolhedoras e que gostam de ajudar em qualquer aspecto. Enfim, é uma cidade que eu acho que qualquer pessoa que goste de interior moraria, que se resume a trabalho e a lazer.***EIXO II – Relação com o canal 4**

Você é assinante da Sidy's TV a Cabo há quanto tempo?

Há 14 anos.

O canal 4 é um dos motivos para você ser assinante da Sidy's TV a Cabo?

Sim. Sem dúvidas.

Qual(s) horário(s) assiste o canal 4?

Geralmente, entre meio dia e 13h. E no fim de semana eu também assisto a programação voltada para a população. O que eu acho interessante é que existe uma interação muito grande do canal 4 com o povo de Currais Novos. Por exemplo, aos sábados, temos apresentações culturais, com artistas locais, que vão do funk ao forró. É um canal que realmente é de grande relevância para a cidade. Ele ajuda muito a população mais carente, mais pobre. Ele está presente em tudo, não só no social.

Poderia dizer em média quanto tempo gasta, por semana, assistindo ao canal 4?

Cerca de 6h por semana.

Verifica outras mídias enquanto assiste ao canal 4?

Não. Quando estou ligada no canal, eu presto muita atenção aos acontecimentos.

Quando está ligado ao canal 4 faz alguma atividade doméstica? Se sim, qual?

Sim. Às vezes lavo a louça ou mexo no fogão. E acredito que não só eu, mas todas as donas de casa agem dessa forma.

Assiste ao canal 4 pela internet, através do site?

Só pela televisão mesmo.

Já viu pessoas conhecidas na TV?

O tempo inteiro.

Já participou de algum programa, como?

Sim. Como eu trabalho na UFRN, geralmente sou entrevistada quando as matérias são relacionadas a cadastramento de alunos ou coisas do tipo.

Na sua opinião, o canal 4 é o principal ou um dos principais meios de informação/comunicação de Currais Novos? Por que?

Além da TV a Cabo, nós temos as rádios. Mas a TV a Cabo vai muito longe porque quase todo mundo é assinante aqui. E Siderley Menezes tem um trabalho muito bacana de disponibilizar gratuitamente o sinal para o hospital, creches, escolas, casas de pessoas bem humildes. Então, acho que é sim o principal.

Que programa você considera o mais importante quando se trata de transmitir informações referentes ao cotidiano da cidade?

O programa do meio dia (TV Cidade). É o momento crucial para que saibamos o que está acontecendo na cidade. Além disso, existe aquela programação através do whatsapp, que eles ficam interagindo com a população através de lá.

Você acredita que a programação do canal supre a necessidade por informações locais?

Sim. Se alguém achar que não, é porque não assiste. Mas o canal é muito preciso e muito completo.

EIXO III – Identidade/Identificação

Caracterize a identidade de Currais Novos a partir de 5 adjetivos/características.

Acolhedora, comunicativa, maravilhosa (porque quando a gente sai na cidade a gente vê a alegria, mesmo com a crise, nas pessoas. O sorriso das pessoas é bem relevante na cidade), vaidosa (até compete com Caicó) e solidária.

Você se sente representado quando assiste ao canal 4?

Sim. Porque as minhas necessidades são expostas lá. Toda a população vê o que eu vejo em relação ao social. E quando existem reivindicações, atinge diretamente assim. Então, eu me sinto sempre representada.

Você se identifica com o que vai ao ar?

Sim, porque são programas que me interessam, que influenciam no meu dia a dia e no dia a dia de toda a cidade.

Quando se trata dessa identidade, você considera que o canal 4 contribui para a construção da identidade local? Contribui para esta caracterização? Por que?

Com certeza. Sem dúvida alguma. Acho que diante das respostas que dei anteriormente já inclui isso aí.

Na "mão oposta", você acha que o canal 4 se apropria desta identidade para transmitir suas notícias? Por que?

O canal 4 se apropria da identidade local a partir do momento que as matérias se adequam a nossa realidade ou a realidade do Seridó. Eles não simplesmente replicam notícias nacionais. Eles podem até trazer esse tipo de notícia a nível Brasil, mas o objetivo maior deles é trabalhar Currais Novos.

ANEXO H – ENTREVISTA – INFORMANTE-PADRÃO 4
ENTREVISTADO: Vitória Araújo

DATA: 20/10/2016

EIXO I – Relação com a cidade

Você nasceu em Currais Novos?

Sim. Sou curraisnovense.

Gosta de morar na cidade? Por que?

Amo. Porque é uma cidade calma, tranquila, que eu me sinto bem, que meus pais me criaram e eu sou muito feliz morando aqui.

Você também trabalha na cidade? Se sim, qual a sua profissão?

Sim. Sou agente comunitária de saúde do município.

Se você pudesse caracterizar como é o cotidiano de Currais Novos, como você o faria?

Acredito que é um cotidiano muito ligado a rotina produtiva. São pessoas que acordam cedo, vão pro trabalho, vão em casa para almoçar e voltam para cumprir a carga horária de trabalho. Dá pra aproveitar os momentos livres com lazer e segurança, não só na cidade como na redondeza, nos municípios vizinhos.

EIXO II – Relação com o canal 4

Você é assinante da Sidy's TV a Cabo há quanto tempo?

Faz muito tempo. Cerca de 20 anos.

O canal 4 é um dos motivos para você ser assinante da Sidy's TV a Cabo?

Sim, porque o canal 4 traz muitos informativos sobre a cidade.

Qual(s) horário(s) assiste ao canal 4?

Assisto diariamente o TV Cidade e o Repórter Seridó, com Cleto Filho. Quando preciso saber qual a farmácia que está de plantão, também assisto o Jornal Eletrônico.

Poderia dizer em média quanto tempo gasta, por semana, assistindo ao canal 4?

Umás 8h por semana.

Verifica outras mídias enquanto assiste ao canal 4?

Verifico o whatsapp e o facebook. Mas não costumo mudar o canal enquanto está no canal 4, nem nas propagandas.

Quando está ligado ao canal 4 faz alguma atividade doméstica? Se sim, qual?

Sim. Faço meu almoço. Porque como chego 11h30 em casa, vou aprontar meu almoço. Mas fico na cozinha aprontando as coisas e ouvindo a televisão ligada na sala.

Assiste ao canal 4 pela internet, através do site?

Só pela televisão.

Já viu pessoas conhecidas na TV?

Muitas. O tempo inteiro.

Já participou de algum programa, como?

Eu já apareci em várias matérias como agente de saúde. Como, por exemplo, no multirão da dengue que nós fizemos parte.

Na sua opinião, o canal 4 é o principal ou um dos principais meios de informação/comunicação de Currais Novos? Por que?

De Currais Novos, eu creio que seja o principal, porque ele traz realmente o cotidiano da cidade e o que eu preciso saber sobre saúde, sobre o setor público, sobre a educação e sobre as decisões políticas (como nas eleições. Assisti o debate e foi super importante para a decisão do último pleito).

Que programa você considera o mais importante quando se trata de transmitir informações referentes ao cotidiano da cidade?

É o programa de Ismael (TV Cidade), especialmente com o boletim policial.

Você acredita que a programação do canal supre a necessidade por informações locais?

Acho que em termos de local, supre nossa necessidade. A maioria das informações sobre Currais Novos nós sabemos a partir do canal 4. Por exemplo: um dia noticiaram sobre a existência de uma aula de piano no Casarão da Poesia e era o sonho da minha filha. No mesmo dia eu me dirigi ao lugar e fiz a inscrição dela nas aulas. Ela toca divinamente.

EIXO III – Identidade/Identificação

Caracterize a identidade de Currais Novos a partir de 5 adjetivos/características.

É um povo acolhedor, solidário, perseverantes (que corre atrás e busca e consegue), alegre (são pessoas muito felizes) e religioso.

Você se sente representado quando assiste ao canal 4?

Muito. Todas as matérias que saem me representam de certa maneira, como moradora e cidadã de Currais Novos. Por exemplo: quando divulgaram que Currais Novos foi premiada com o Selo Unicef, eu fui representada, porque os agentes comunitários de saúde era um dos itens importantes, pois nós passamos as informações. Eu fui representada tanto como agente de saúde como quanto curraisnovense.

Você se identifica com o que vai ao ar?

Me identifico sim. Tudo está relacionado ao meu dia a dia, a pessoas que normalmente são conhecidas ou até do meu convívio. Tudo o que passar me é familiar, está dentro da minha realidade. Mas ao mesmo tempo também acho que existe propaganda demais, então não me identifico tanto com esse espaço publicitário, que poderia ser substituído com conteúdos, matérias sociais e etc. Tem horas que eu fico irritada. Às vezes quero saber uma coisa que aconteceu importante na cidade com Cleto Filho e pan entra outra propaganda antes de passar o que eu realmente quero saber.

Quando se trata dessa identidade, você considera que o canal 4 contribui para a construção da identidade local? Contribui para esta caracterização? Por que?

Sim, contribui. Por causa, por exemplo, das campanhas do solidariedade para as pessoas carentes, para as instituições sociais como a APAE e a Casa do Pobre. Tem também o Natal Feliz. Através dessas campanhas, muita gente de Currais Novos recebe ajuda e quem tem condições tem a oportunidade de ajudar.

Na "mão oposta", você acha que o canal 4 se apropria desta identidade para transmitir suas notícias? Por que?

Acho que sim. Mesmo quando transmite informações nacionais, como a queda do avião do Chapecó, eles trazem para a realidade daqui, como o jogador que era do Rio Grande do Norte.

ANEXO I – ENTREVISTA SUPORTE 1

ENTREVISTADA: Sâmara Othon

Há quanto tempo você trabalha no canal 4?

Há 5 anos.

Qual sua função no canal?

Eu sou produtora do programa TV Cidade.

Como você enxergava a empresa antes de vir trabalhar aqui?

Antes, eu tinha uma impressão totalmente diferente da Sidy's. Eu tinha a impressão que a Sidy's era grandiosa, que Ana Paula (uma das repórteres mais antigas) era uma Fátima Bernardes, eu tinha uma outra impressão justamente pelo poder e pela força que ela tem na cidade. Ao chegar aqui, me deparei com o mínimo de funcionários, o mínimo de estrutura, todo mundo fazendo tudo e vendo tudo acontecer.

Para você, qual a importância da programação do canal 4 para a população de Currais Novos?

Eu costumo dizer que Currais Novos é uma cidade antes e outra cidade posterior à chegada da Sidy's. Porque assim, a Sidy's abraça as causas sociais. Nós que trabalhamos aqui sempre comentamos como as pessoas veem a Sidy's como se fosse um órgão público. Como se tivéssemos a obrigação mesmo de servir à comunidade. Inclusive, usam muito o termo “eu sou assinante, por isso eu tenho o direito de exigir”. Isso foi colocado talvez pela necessidade de precisarmos tanto da comunidade para fazer isso acontecer no início. Hoje, nós já estamos em outro nível. A Sidy's já ocupou o seu espaço, já tem a sua credibilidade edificada. Mas não quer dizer que não precisamos desse retorno do público, jamais! Entretanto, atualmente, vivemos uma outra realidade em que não precisamos ser tão amadores. Quando eu digo amador, a que me refiro? Quando cheguei para trabalhar na Sidy's, eu percebia que situações da vida íntima, como casais tendo discussões ou marido que agredia a esposa, eram trazidas para cá e isso se tornava público através da TV. O retorno que dá na resolução do conflito divulgando na Sidy's do que procurar a delegacia é mais rápido. Um esgoto estourado, por exemplo, o pessoal não vai procurar a CAERN, vem procurar a Sidy's, porque sabe que na hora que a gente mostra, à tarde o problema já está sendo resolvido. Buracos em via pública da mesma forma... Então, percebendo esse imediatismo as pessoas se aproveitam muito desse canal. E como a demanda chegou a ser gigantesca, tivemos que criar um quadro em que as pessoas pudessem virar repórter por um dia, que é o Tô de Olho!. E foi quando realmente nos deixou um pouco mais aliviados em relação à demanda de denúncias corriqueiras. Esse quadro vai ao ar toda terça e quinta. Então, eu acho que isso é um respaldo de que a TV passa o cotidiano para a comunidade assim como a comunidade fornece o cotidiano para a TV. E eu acredito que isso é reflexo da abertura que o próprio Siderley Menezes deu desde o início, que foi de trazer o telespectador pra TV, não necessariamente fisicamente, mas trazer o seu próprio conteúdo, sua própria ansiedade e etc. O que as TV's nacionais estão fazendo hoje, a Sidy's já faz há mais de 20 anos;

Outra coisa, a Sidy's tem um poder de mobilização social muito forte. Várias campanhas, como o SOS Adultora, SOS Hospital, só ganharam força quando foram encabeçadas pela TV. E eu posso dizer sem medo que aqui, toda e qualquer campanha só se torna grandiosa, em termos de solucionar determinado problema, quando ela tem a força do canal. Aliás, todos os meios de comunicação daqui são muito atuantes e nós temos uma parceria muito forte com todos. A rádio quando faz aniversário, vem divulgar a festa aqui, por exemplo.

Você acha que o que sai no canal 4 pauta os outros veículos de comunicação, como os blogs e as rádios?

Sim, mas é vice e versa. Tanto nós pautamos como somos pautados. Muitas vezes, nós somos os primeiros a noticiar, mas muitas vezes a informação já saiu, só que fazemos uma abordagem mais

completa, mais apurada. A TV tem o poder de trazer o audiovisual e nós procuramos sempre completar a matéria com as imagens. Mas é uma troca. Eu não posso dizer que só a gente pauta.

Você poderia destacar alguns casos do Solidarietà e como eles impactaram a cidade?

Lembro de duas edições que mais conclamaram a população a fazer a doação. Um dos casos foi a de um rapaz da comunidade foram a de um rapaz que morava numa casa de taipa e tinha um problema seriíssimo na pele. É como se a pele dele caísse o tempo inteiro, ressecava e caía. Quando você olhava, você se sensibilizava. Então, a princípio, a ideia era que fizéssemos o Solidarietà apenas para arrecadar o dinheiro para o tratamento dele. Mas a população ficou tão sensibilizada ao ver a realidade de miserabilidade que ele vivia que os assinantes doaram o suficiente para pagar o tratamento de pele, construir e mobiliar uma casa pra ele. O outro caso que chamou bastante atenção foi o de Seu Roque, que precisava de uma cirurgia de buco-maxilo-facial que o SUS não pagava, pois havia sofrido um acidente sério de moto e conseguimos arrecadar em torno de 20 mil reais em uma semana. Foi incrível. Aqui fazia fila fora da empresa para recebermos as doações. Fazemos Solidarietà de 15 em 15 dias ou até toda semana, depende da demanda. Semana passada mesmo, conseguimos arrecadar 3 mil reais em 40 minutos de programa.

ANEXO J – ENTREVISTA SUPORTE 2

ENTREVISTADA: Adriano Santori

Qual a sua função no canal 4?

Sou designer gráfico.

Há quanto tempo você trabalha aqui?

Há 13 anos.

Você pode me informar, por gentileza, como funciona o Jornal Eletrônico?

O Jornal Eletrônico foi criado para suprir a necessidade de programação durante o dia, na TV a Cabo, enquanto não estavam acontecendo programas ao vivo. Existe desde que a Sidy's foi criada. O JE, como a gente chama, é feito através de um programa de computador chamado Scala, que é parecido o Power Point, tem a mesma proposta de tá exibindo slides. E esses slides a gente faz de acordo com o que o cliente quer ou com a informação que a gente precise colocar. Eu sempre digo assim: como é um tipo de mídia que o telespectador não pode parar para ler, como é hoje em dia na internet (onde você pode parar e ler a notícia, do jeito que você quiser), nós optamos sempre por textos pequenos, fontes grandes e uma velocidade compatível com a velocidade de leitura das pessoas.

O que é que passa no Jornal Eletrônico?

Bom, existem subsessões que rodam o dia todo e que começa com uma tela de abertura, a farmácia de plantão (todo dia essas farmácias são atualizadas, nós recebemos uma planilha da secretaria de educação), atualizada tanto na semana quanto no fim de semana, os torpedos (que é uma sessão em que as pessoas parabenizam a outra, seja por aniversário ou por algum outro motivo), tem também o canto da saudade (que são convites de missa e notas de falecimento (que a funerária já envia pra gente. Antes era o próprio familiar, hoje em dia, as funerárias já enviam a informação – com nome, foto, local onde o corpo está sendo velado, o horário da missa ou celebração da palavra e etc) – as pessoas ficam esperando porque tem uma máxima que diz que a pessoa só morre depois que passa na TV a Cabo. Até passar na TV, é apenas um boato – tem também a sessão notas, que são notas diversas (comunicado de utilidade pública, comunicado da CAERN de abastecimento de água e outras informações que são de empresas que estão apenas notificando e não vendendo nada, anunciando que vai tá fechado amanhã, por exemplo), de uns anos para cá também foi criada a sessão onde comprar, que funciona como uma espécie de classificados, só com empresas divulgando seus serviços ou produtos. Essa é uma sessão paga. As notas de falecimento não são cobradas. Se paga apenas quando vai divulgar uma missa.

O Scala é fácil de se trabalhar?

Muito simples. São essas células que ficam distribuídas na tela. Em cada celuzinha dessa, a gente pode definir quanto tempo vai ficar no ar, o efeito de transição que vai ter de uma pra outra, o texto pode ter efeitos no momento de aparecer e desaparecer. Há algum tempo, a gente começou a exibir alguns vídeos, curtinhos, sem áudio. Só que demanda equipamentos mais sofisticados e não ficou legal, estavam travando muito os computadores. E é muito simples de se trabalhar: a gente cria uma imagem, em qualquer programa, como o Photoshop (antigamente a resolução era de 640x480, mas hoje 1024x768 porque a nossa ideia é chegar até o full HD, tá dependendo só de um programa novo que tá para chegar), a gente escolhe a fonte para o texto e pronto. Em média, cada telazinha dessa fica 20 segundos no ar, para que as pessoas também não coloquem muito texto. Tem uns comunicados da Justiça que vêm umas 4 folhas de texto e não tava funcionando porque pra televisão fica longo demais. Aí começaram a mandar coisas menores, mas a gente sempre tenta trabalhar com o mínimo possível de texto. E ainda tem gente que reclama que não consegue ler, principalmente o pessoal de mais idade, até quando colocamos em velocidade 1.

E como esse sistema de telas é cobrado?

Cada tela tem um valor. Mas quando querem um texto dinâmico (com movimento), a gente calcula assim: joga o texto no word e contamos que cada 4 linhas corresponde uma tela parada. A gente tenta usar o bom senso sempre para beneficiar o cliente. Mas a gente sempre diz que não adianta colocar os textos grandes.

Como é a dinâmica de trabalho do JE? Quantas pessoas são responsáveis por ele?

Antigamente, eram quatro pessoas a frente do JE: um designer gráfico, um digitador e dois revisores de texto. Houve algumas mudanças ao longo dos anos na empresa e algumas pessoas tiveram que se deslocar. Também a demanda começou a diminuir, obviamente pela evolução do uso da internet para divulgar informações. Então, hoje não seria mais necessário quatro pessoas para fazê-lo funcionar. Uma pessoa já mantém tudo muito bem. Tanto é que fico responsável por isso aqui e por um telão digital.

As informações do JE chegam do cliente diretamente pra você? Ou existe um mediador?

Os torpedos, por exemplo, que já são uma coisa pré-formatada, na recepção, as moças pegam a foto da pessoa e digitalizam (antigamente deixava impressa, mas dava muita dor de cabeça porque depois as pessoas não vinham buscar. E as vezes fotos muito raras se perdiam). Mas às vezes o pessoal já traz no pendrive também. Aí lá na frente, na recepção, tem uns formulários para que o cliente preencha, tanto pra torpedos, quanto para notas de falecimento ou anúncios publicitários. Quando a pessoa não quer escrever o texto, nós também temos umas mensagens já prontas para serem selecionadas. Elas me passam todo esse material, então, eu raramente tenho contato direto com o cliente. Só quando querem realmente ver como ficou.

Já quando é a parte de publicidade, nós pedimos a logomarca da loja, alguma foto que queiram usar, aí a pessoa senta aqui comigo e nós vamos montando. E às vezes mandam a arte pronta já também.

As informações do JE atualizam de meia noite, correto?

Isso.

Como é feita a transição? Você deixa programado?

Elaboramos sempre as informações do dia seguinte e deixo salvo. E nós nos seguimos a partir de uma planilha. À meia noite, o vigilante entra na sala e aciona um botão que automaticamente atualiza para o dia seguinte.

E se alguém morre fora do horário de funcionamento da empresa, é possível colocar na hora o aviso? *Antigamente, sim, pois tínhamos um plantão para isso, inclusive nos sábados e domingos. Hoje em dia, principalmente pelas leis trabalhistas, não é possível. Então, até meio dia do sábado a gente coloca, depois disso não coloca mais. No início, houveram alguns problemas, porque algumas pessoas que tinham dinheiro achavam que podiam passar por cima dessa regra, mas hoje já compreendem e não temos mais problemas.*

Você pode citar algumas situações inusitadas que aconteceram em relação ao JE?

Certa vez, um assinante pediu para colocarmos no ar um aviso de missa de 7º dia e nos trouxe uma foto em que havia várias pessoas. Quando questionado sobre quem era o falecido, a pessoa apontou para um dos integrantes da foto. Então, assim fizemos. Colocamos a foto, o dia, o horário e o local da missa. Poucos minutos depois, a pessoa da foto nos liga e diz que recebeu uma ligação de um amigo questionando sobre a missa de sétimo dia dele. E ele responde: “eu não sabia nem que eu tinha morrido”. Logo, fizemos a alteração e tudo ficou bem. As pessoas sabem que não é maldade da gente e sim um mal entendido da pessoa que veio deixar a foto.

Outra foi a questão de um relógio. Às 14h de um determinado dia, um cliente veio à empresa para divulgar um relógio que ele havia trazido dos Estados Unidos. E sempre que o cliente vem, eu faço a publicidade no computador e coloco na tela pra ele ver como vai ficar. Assim, o fiz. Só que naquele segundo que eu coloquei pra aprovação do cliente, ele recebeu uma ligação de um assinante que tava ligado no JE e concluiu a venda. Ele desistiu de fazer a publicidade.

Uma vez recebemos também o pedido de um torpedo para um marido que o oferecimento era de duas esposas, pois ele era mesmo casado com as duas. Isso causou um alvoroço.

O que você pode dizer que mudou de quando você entrou para cá? E a que você atribui essa mudança?

Nos últimos anos, nós notamos uma diminuição da demanda, principalmente na quantidade de torpedos. Há uns 10 anos, eram cerca de 15 a 20 torpedos por dia. Hoje, já é bem menos, pois as pessoas se declaram pelas redes sociais. A diferença é que nem todo mundo é seu amigo numa rede social, mas toda a cidade te vê quando você coloca uma nota no canal 4. Também a própria questão das crises financeiras no país, que as pessoas ficam mais retraídas em gastar, mesmo sendo muito pouco. Economizando para coisas mais emergenciais, talvez.

Para você, qual a importância do canal 4 para a população de Currais Novos?

Na minha visão, eu imagino que o Brasil sempre foi colonizado pelos estrangeiros e sempre tenta ser invadido pelo que acontece lá fora. Sempre foi assim. Então, toda essa mídia do Sul/Sudeste do país se preocupa em passar filmes de faroeste, divulgar artistas norte-americanos na sua grande maioria e toda uma cultura estrangeira que tenta acabar o que a gente tem de bom. Se você for ver a produção midiática do Sul/Sudeste do país, existe um grande preconceito com o Nordeste: ou eles fazem chacota do nosso sotaque ou eles falam sobre seca e pobreza. E também existe, desde Lampião, uma disputa entre litoral e sertão. Ou seja, se você pegar em termos turísticos, existe um desenvolvimento maior nas cidades litorâneas e quase nada resta pro sertão. Tá melhorando um pouco agora, mas ainda é muito pouco. Existe uma proposta política para que essas cidades “inferiores” continuem inferiores e interioranas, de não terem desenvolvimento. Aí, onde entra uma TV a Cabo dessa, lutando, ao meu ver, contra tudo isso? Na hora que você tá divulgando sua cidade, as pessoas tão mais interessadas em saber sobre o prefeito de Currais Novos do que sobre Michel Temer, ao invés de divulgar eventos do sul do país, nós estamos falando sobre os cantores, artistas, pintores daqui... a cultura local é mais valorizada nesse sentido.